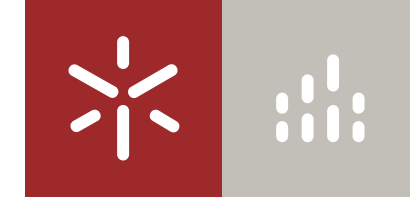


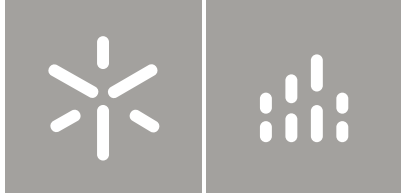


**Antigo Convento das Capuchinhas em
Guimarães: Análise retrospectiva do edifício**

Pedro Miguel Oliveira Paiva

Universidade do Minho
Escola de Arquitectura





Universidade do Minho

Escola de Arquitectura

Pedro Miguel Oliveira Paiva

**Antigo Convento das Capuchinhas em
Guimarães: Análise retrospectiva do edifício**

Tese de Mestrado

Cultura arquitetónica / História da Arquitectura

Trabalho efectuado sob a orientação do

Professor Doutor Jorge Manuel Simão Alves Correia

DECLARAÇÃO

Nome: Pedro Miguel Oliveira Paiva

Correio eletrónico: pedromigueloliveirapaiva@hotmail.com

Tlm: 916196094

Número do Cartão de Cidadão: 14017084

Título da dissertação: Convento das Capuchinhas em Guimarães: Análise retrospectiva do edifício

Ano de conclusão: 2014

Orientador: Professor Doutor Jorge Manuel Simão Alves Correia

Designação do Mestrado:

Ciclo de Estudos Integrados Conducentes ao Grau de Mestre em Arquitetura

Área de Especialização: Cultura Arquitetónica

Ramo do Conhecimento: História da Arquitetura

Escola: Escola de Arquitetura da Universidade do Minho

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Guimarães, ____/____/____

Assinatura:_____

Aos meus pais e ao meu irmão por todos os sacrifícios.

Agradecimentos

Ao Professor Jorge por todo o apoio e ensinamentos.

Ao Jorge e a todos os que deram ajudas indispensáveis no levantamento.

Ao Centro Juvenil de São José por toda a disponibilidade demonstrada.

A todas as pessoas que contribuíram para que o trabalho fosse possível.

Aos meus amigos por me acompanharem sempre.

Resumo

O Convento das Capuchinhas, também conhecido por Madre de Deus, em Guimarães, foi fundado no ano de 1683 no Lugar do Campo Gallego, atual freguesia de S. Sebastião. No seu primeiro período de funcionamento abrigou Clarissas Reformadas e após a extinção das ordens religiosas tornou-se casa das Oficinas de São José, hoje Centro Juvenil de São José.

A investigação surge como uma encomenda no âmbito do centenário da fundação das Oficinas de São José e teve por objetivo constituir-se como uma monografia histórica sobre o antigo edifício do convento. Devido à escassez de informação sobre a história do complexo, o levantamento métrico e fotográfico realizado no âmbito do trabalho surge como uma ferramenta essencial de análise. A sua materialização em cortes, plantas e modelo tridimensional cria uma representação do edifício que auxilia na sua compreensão. A linha cronológica das várias fases resulta de um processo de interpretação e cruzamento do levantamento com documentação existente e comparações com outros complexos religiosos. São propostas seis fases construtivas pelas quais o edifício terá passado durante as suas diferentes ocupações. Procurando os vestígios construtivos para cada uma delas são estabelecidas relações com a arquitetura chã e proto-barroca da época. É feito um enquadramento tipológico, morfológico e artístico do objeto através de comparações com outros complexos da mesma região ou Ordem religiosa.

Além de criar um documento informativo que contribui para o reconhecimento e valorização do complexo, a investigação procura ser uma ferramenta de apoio a futuras intervenções no mesmo.

Abstract

The Convent of Capuchinhas, also known as Madre Deus, in Guimarães, was founded in the year of 1683 placed on Campo Gallego, known today as S. Sebastião. Its initial function housed the reformed Clarissa's, after the extinction of the religious orders it became a house of Oficinas de São José, today it's Centro Juvenil de São José.

This investigation came up as a proposal to produce a historical monograph about the historical building in order to celebrate the centennial anniversary of the foundation of the Oficinas de São José. Due to the limited amount of historical information available this led to the need to produce a thorough metric and photographic survey as an essential tool of analysis. Its realization through section, plans and a three-dimensional model helps to represent the building, creating a strong base to help understand the building. The timeline of the various phases results from a process of interpretation and cross-referencing between: the survey, existing documents and other religious complexes. Six proposals of different constructive phases the building went through with the different occupations it had along time. In search for traces for each of them a relationship can be established between two architectural styles, *chã* and proto-baroque at that period in time. A typological, morphological and artistic framework is produced of the object in study through the comparison with other complexes in the same region or religious orders.

On top of creating a document that registers all the information gathered it also contributes with recognition to the importance of the complex. The investigation was done with the intention of being a tool that will support future interventions with the same character.

SUMÁRIO

	PREÂMBULO
11	NOTAS PRÉVIAS
13	Justificação
15	Objeto de estudo
17	Metodologia
	CAPÍTULO 1
21	DA HISTÓRIA AO EDIFÍCIO
23	Registo
23	- Fontes e referências
27	- Levantamento
37	- Da atualidade como síntese
41	Cronologia e Vivências
41	- Acontecimentos e pessoas
45	- Obras e construção
49	- Evolução programática
55	- Vivências
	CAPÍTULO 2
63	DA LEITURA DO EDIFÍCIO À INTERPRETAÇÃO
65	Método interpretativo
69	Faseamento:
69	Conventual:
69	- Fundação
81	- Crescimento
97	- Manutenção
107	Abandono:
107	- Degradação
115	Oficinas e Centro Juvenil:
115	- Reabilitação
127	- Remodelação
135	Análise crítica e especulativa
135	- Imagem síntese
139	- Metodologia

141	DO ENQUADRAMENTO LOCAL AO GLOBAL
143	Artístico e social
143	- Séculos XVI e XVII
143	- Expansão urbana de Guimarães
147	- Estilo Chão
151	- Século XVIII
151	- Monumentalização da cidade
155	- Barroco
159	- Século XIX
159	- Extinção das ordens religiosas
161	- Séculos XX e XXI
161	- Ocupação social e industrialização
165	Religião
165	- Tipologias
173	- Franciscanismo
177	Interesse patrimonial
183	NOTAS FINAIS
185	BIBLIOGRAFIA
193	ÍNDICE DE IMAGENS

PREÂMBULO
NOTAS PRÉVIAS

Justificação

A investigação sobre arquitetura conventual, como forma de valorização e proteção do edifício, será sempre um contributo para a compreensão da história da arquitetura religiosa portuguesa. Nesse sentido, com vista a adicionar informação científica sobre o tema, e em simultâneo gerar nova documentação sobre um objeto específico, surge a investigação sobre o Convento das Capuchinhas ou da Madre de Deus em Guimarães.

Numa aproximação contemporânea ao edifício, o trabalho procurará ser uma mais-valia para duas grandes problemáticas. Com a carência de documentação escrita, o maior registo histórico é o próprio edifício. Os traços deixados na construção em cada período histórico são importantes registos físicos que permanecem. Paralelamente, explora-se um enquadramento artístico, no contexto arquitetónico e patrimonial vimaranense e nacional, de forma a encontrar o valor específico do edifício e, assim, criar um novo olhar sobre a sua importância para a história da arquitetura e para a cidade de Guimarães.

Tendo por objetivo gerar nova informação relativa ao Convento das Capuchinhas, procurar-se-á construir uma monografia que permita não só uma reflexão e aprendizagem sobre o mesmo, como também criar um documento informativo para o futuro. Num ano em que se celebra o centésimo aniversário da instituição das Oficinas de São José, a investigação analisa a evolução morfológica desde a fundação do convento até ao seu estado atual. Será feito um enquadramento programático e histórico no que à influência do complexo monástico na estrutura urbana vimaranense diz respeito. Criar-se-á uma linha cronológica de imagens que sintetize as suas diversas fases, fundamentando-a com registos físicos e documentais, onde se compreenda a evolução e transformação volumétrica do complexo monástico. A análise tipológica e morfológica alimenta contextualizações, através da comparação com outros conventos da mesma ordem ou região.

Assim, dissecando a construção contemporânea, e numa abordagem transdisciplinar entre a história e a arquitetura, a investigação procurará ser um ensaio metodológico com repercussões na valorização e reconhecimento patrimonial do edifício.

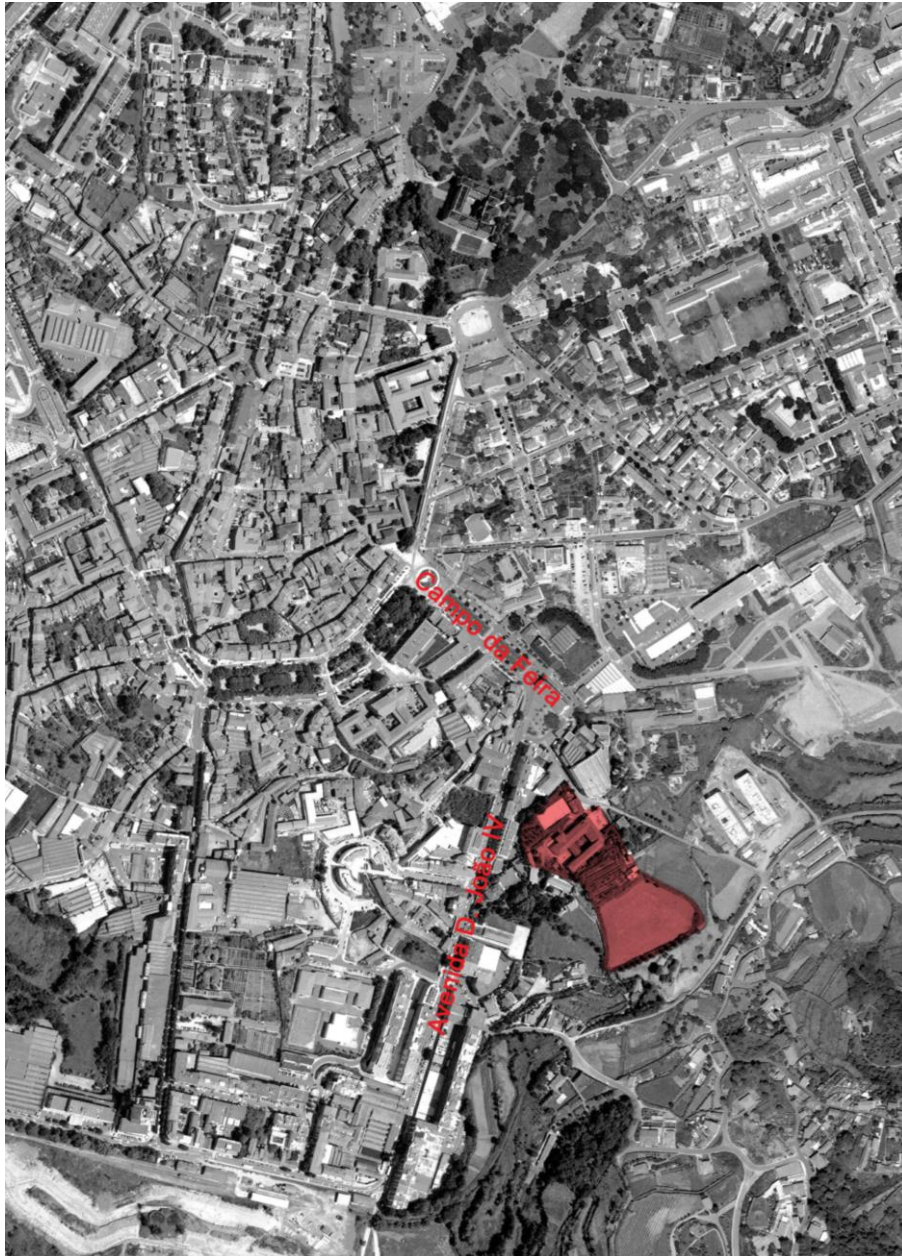


Fig. 1: Ortofotomapa de Guimarães com localização do Convento de Madre Deus

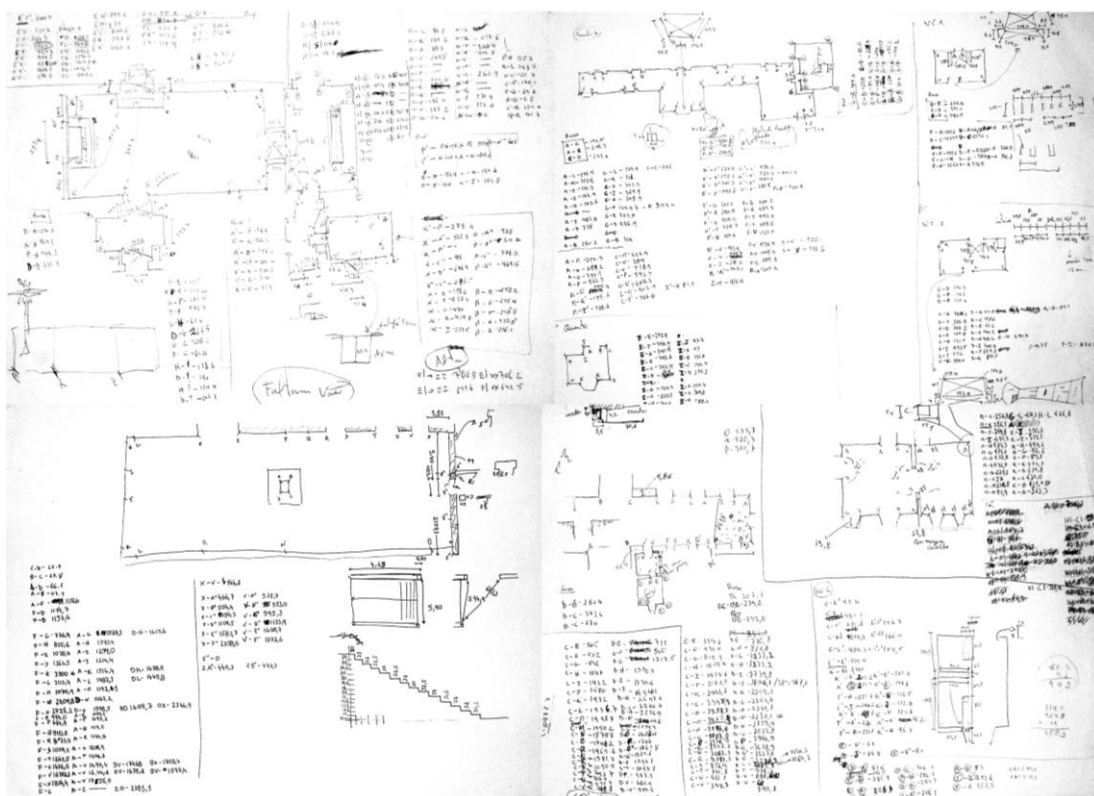
Objeto de estudo

O Convento de Madre Deus de Guimarães, também conhecido por Capuchinhas, é um complexo monástico que se localiza na freguesia de São Sebastião – Guimarães [fig. 1]. A sua fundação remonta ao final do século XVII, e enquadra-se no período de expansão monástica pós Concílio de Trento.

Podemos dividir a sua existência em duas ocupações distintas: uma primeira, até 1888, em que foi habitado por uma comunidade religiosa da Ordem das Clarissas Reformadas; uma segunda desde 1918 em que foi utilizado como centro de apoio juvenil. O acontecimento central que faz a transição entre estes dois tempos é a extinção das ordens religiosas no século XIX. Construído originalmente para albergar um grupo de beatas, que viviam no recolhimento do Anjo, no largo de São Paio, o convento implantou-se em 1683 no lugar do Campo Gallego ou Rosal de Santa Isabel. Durante o funcionamento do convento as várias obras feitas levaram a um crescimento progressivo do complexo que alteraram a sua volumetria. Sob propriedade do convento existiam vários campos de cultivo rodeados por uma cerca da qual ainda restam vestígios.

Com a extinção das ordens religiosas, o edifício alterou o seu programa e com isto as lógicas de crescimento também. O convento passou a acolher as Oficinas de São José, que mais tarde se vieram a chamar Centro Juvenil de São José. Com a alteração de programa foram feitas obras de adaptação à nova realidade sendo as transformações feitas nos anos 80 do século XX especialmente intrusivas. Os campos agrícolas que se encontravam no interior da cerca foram entregues a caseiros que ali construíram habitação mas neste momento encontram-se ao abandono.

Atualmente o edifício é constituído por quatro alas em redor de um claustro com fonte ao centro, e alguns aumentos para sul do claustro. Com três das alas a funcionarem em dois pisos e uma a funcionar em três, a grande parte da sua construção utiliza a pedra como material principal. Na ala nordeste destaca-se a igreja com entrada lateral decorada e capela-mor revestida a azulejaria. No seu exterior levanta-se um cruzeiro no centro de um terreiro.



Metodologia

Com vista a criar uma monografia histórica do antigo edifício do Convento das Capuchinhas em Guimarães, e sob a forma de ensaio metodológico, o trabalho tem como base duas aproximações distintas e complementares: uma analítica e uma interpretativa. O trabalho analítico incide sobre o registo, compilação e análise de documentos, referências e marcas deixadas no edificado. Dessa forma procura-se recolher um conjunto de marcas na construção que fundamentem as várias fases históricas do complexo. O trabalho interpretativo, apoiando-se na primeira, procura criar narrativas relativas à transformação do edifício ao longo dos mais de trezentos anos de história e, assim, enquadrá-lo no contexto e artisticidade de cada época.

A dissertação divide-se em três capítulos distintos. O primeiro, intitulado ‘Da História ao edifício’, trabalha sobre o registo histórico e sobre as diversas vivências das comunidades que ocuparam o complexo monástico. A pesquisa em arquivos vimaranenses como Arquivo Municipal Alfredo Pimenta ou a Sociedade Martins Sarmento revelaram informação pertinente em especial sobre os primeiros anos de funcionamento conventual.

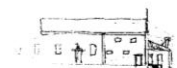
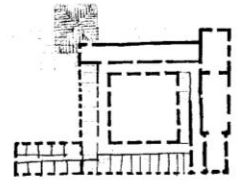
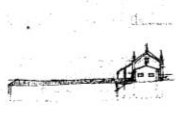
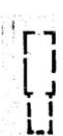
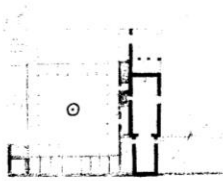
O levantamento métrico e fotográfico da totalidade do edifício tornou-se a maior ferramenta de aproximação e registo, ao serviço da investigação. Através do método de triangulações, manualmente foram medidos todos os espaços interiores e exteriores próximos do convento [fig. 2]. Resultando em desenhos de plantas, cortes e modelação tridimensional do objeto, o levantamento constitui-se como o grande registo arquitetónico original e atual de todo o complexo monástico. Através dele pode fazer-se análises métricas, volumétricas e proporcionais que contribuam para a construção de uma linha cronológica do Convento de Madre Deus.

O levantamento fotográfico procura complementar os desenhos, registando as texturas, marcas e vestígios que encontramos no edifício e de alguma forma nos remetem para a compreensão do seu presente e passado. A análise da regra de Santa Clara, e a recolha de informação sobre o funcionamento e ideologias das Oficinas de São José, permitiu criar textos que procuram transmitir as formas de habitar os diferentes espaços e assim compreender as transformações. Em suma, o primeiro capítulo procura, acima de tudo, apresentar a história conhecida do edifício através do seu registo, criando bases que estruturam a fundamentação da interpretação.

No segundo capítulo, ‘Da leitura do edifício à interpretação’ é construída uma linha cronológica com base nos dados recolhidos. É proposta uma criação de ‘imagens’ que

FUNDAÇÃO

PLANTA II



CONSIDERAÇÕES

- Fundação de origem: romana e medieval.
- Edifício: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.

PLANTA

- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.

PLANTA

- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.

PLANTA

- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.

PLANTA

- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.

PLANTA

- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.
- Fundação: alameda.

Fig. 3: Anotações do processo de interpretação das fases

sintetizem e construam estratos do edifício desde a sua origem, em 1683, até à atualidade. Com uma divisão em três épocas mediante o tipo de ocupação na construção, observa-se um primeiro faseamento que será depois subfaseado mediante os registos de obras encontradas, pertinentes para cada uma das épocas. A estrutura que leva à definição de cada uma das fases incorpora a exploração de registos documentais e orais, análise dos vestígios e marcas encontrados no levantamento, interpretação e criação de narrativas sobre a fase ^[fig. 3]. Com a imagem final de cada fase procura-se sintetizar todas as questões levantadas, criando uma linha histórica coerente com registos e vestígios. No final do capítulo, o conjunto das imagens relativas a cada fase constrói uma cronologia de transformação do edifício que lança motes para o enquadramento das suas obras no conjuntura vimaranense e no panorama nacional.

O terceiro capítulo, 'Do enquadramento local ao global', contextualiza o antigo Convento de Madre Deus na sociedade e produção arquitetónica de cada época. O seu enquadramento religioso é também destacado, de forma a encontrar relações tipológicas e morfológicas com outros edifícios religiosos. Além dos registos e levantamento, esta terceira parte da investigação contempla a análise de gestos e intenções no edifício e a sua relação com acontecimentos importantes da história da arte. A confrontação da linguagem de cada uma das fases com outras obras de arquitetura vimaranenses permite chegar a conclusões sobre a importância deste complexo para a cidade. Assim, estabelecem-se pontos que, resultado de todo o processo metodológico, contribuem para a valorização do Convento das Capuchinhas na cidade de Guimarães.

Desta forma, através do registo documental e levantamento métrico e fotográfico das várias partes do edifício no primeiro capítulo, procura-se compreender o objeto como resultado de várias transformações e obras, no segundo, e chega-se a um enquadramento na cidade e em Portugal do convento, no terceiro. Partindo da análise e interpretação, procuram-se registar contributos que fomentem o interesse patrimonial no complexo. Assim, esta investigação procura ainda, colocar-se de forma ativa num eventual futuro processo de intervenção.

CAPÍTULO 1

DA HISTÓRIA AO EDIFÍCIO

REGISTO

Fontes e referências

A documentação existente, relativa ao Convento de Madre Deus de Guimarães, além de variada, encontra-se muito fragmentada. Existe uma diversidade de fontes diretas e indiretas tais como: registos escritos, visuais, arqueológicos e relatos verbais. A comparação com conventos semelhantes e a contextualização na história da cidade de Guimarães são também aspetos que contribuem para a perceção e leitura histórica do edifício. A dispersão temporal das referências disponíveis criam assim, uma “nuvem de acontecimentos” que ajudará a criar uma interpretação da história do edifício.

As referências encontradas variam relativamente a cada época, podendo dividir-se em três diferentes intervalos de tempo: um primeiro remete para a fundação e fase inicial da evolução do edifício (início do século XVIII) onde diversos acontecimentos são apresentados ao longo de um período de cinquenta anos; um segundo, mais extenso (desde os meados do século XVIII até ao final do século XIX), onde se encontram apenas referências históricas pontuais, sem registos de grande importância quanto às obras realizadas; uma terceira remete para reabilitação do edifício (século XX), no qual a documentação é encontrada de forma mais frequente e permite a criação de uma linha cronológica mais rigorosa.

Da época relativa à fundação e primeiros anos de funcionamento do convento destaca-se os “*Livros de Sessões de Vereações da Câmara Municipal de Guimarães*”¹ [fig. 4] ou, de forma mais aprofundada, a obra “*Guimarães – Apontamentos para a sua história*”². Em termos visuais, encontram-se aspetos relativos à implantação e orientação da capela e do respetivo complexo monástico.

Sobre o segundo período, onde terá ocorrido uma expansão do convento que se prolonga até à morte da última freira, em 1888, apenas se encontram referências pontuais como datações no cruzeiro, ou referências a momentos específicos relativos à vida no interior do mosteiro. O “*Boletim de trabalhos históricos Volume II – nº 4*”³ transcreve o Livro de sepulturas do século XIX, onde além da morte das freiras, registam anotações sobre as invasões napoleónicas.

Durante o período final (século XX e XXI), encontram-se registos de forma continuada e relativamente bem localizados temporalmente. Destaca-se para esta época o livro “*História Breve*

¹ LIVRO DE SESSÕES DE VERAÇÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES. Guimarães: Camara Municipal de Guimarães, 13 de Abril de 1716.

² CALDAS, Padre António José Ferreira - *Guimarães, Apontamentos para a sua história*. Guimarães: Edição Câmara Municipal de Guimarães/ Sociedade Martins Sarmento, 1996.

³ BOLETIM DE TRABALHOS HISTÓRICOS VOLUME II – Nº 4. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1937, p. 190-192.

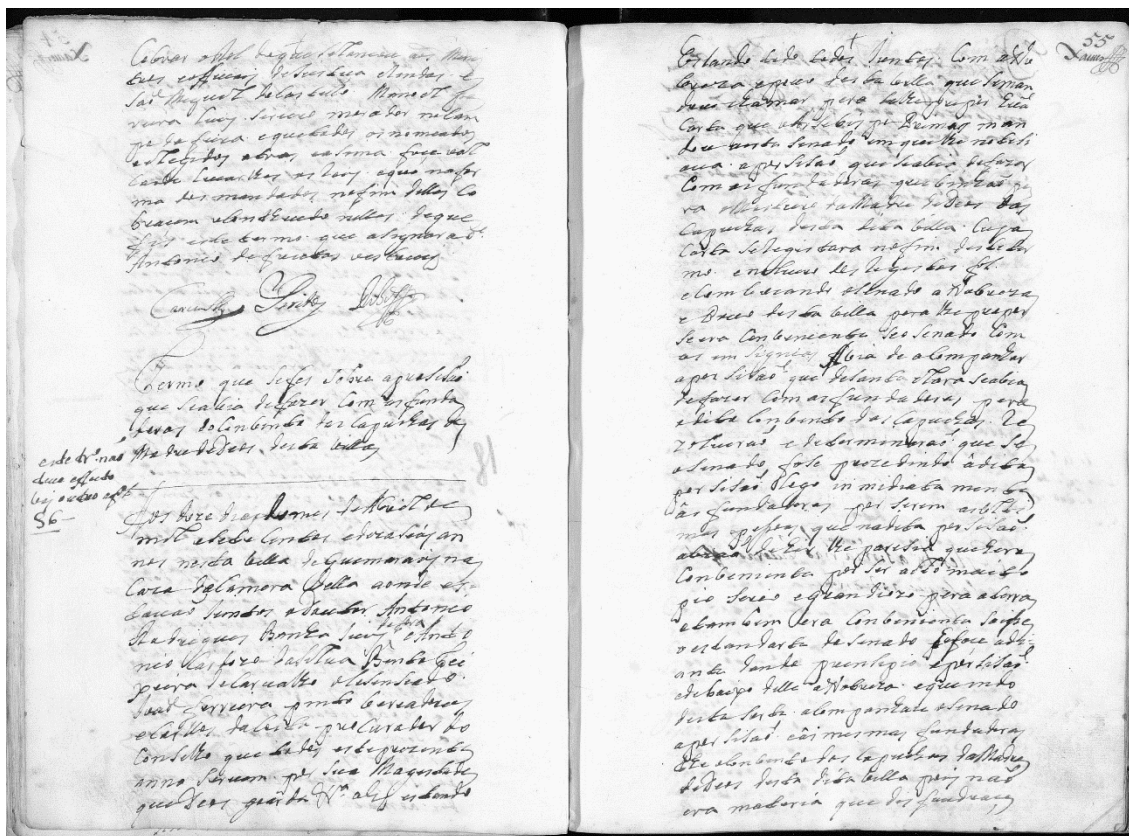


Fig. 4: Manuscrito do Livro de Atas da Câmara referente a 13 de Abril 1716, (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta).

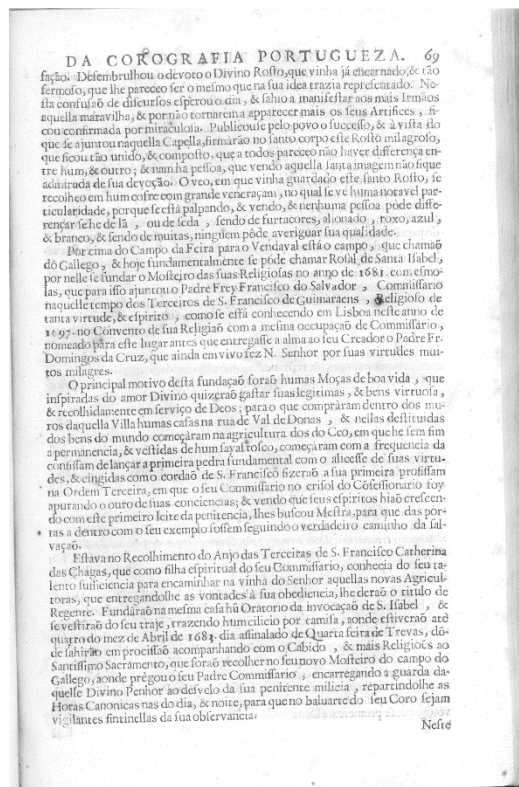


Fig. 5: Página do Livro Corografia Portuguesa onde é descrita a história de fundação do convento. (http://purl.pt/434/3/hg-1065-v/hg-1065-v_item3/index.html#10).

das oficinas de São José de Guimarães”⁴, os registos verbais de ex-alunos das oficinas e registos fotográficos existentes no arquivo do Centro Juvenil de S. José, plantas e secções do projeto de reabilitação de 1973 bem como o edifício como se encontra hoje.

Além das fontes diretas que registam e contribuem para a construção de uma cronologia histórica datada, existe um conjunto de fontes indiretas que ajudam a caracterizar o edifício na sua envolvente e a inseri-lo nas correntes artísticas da época em que foi construído [fig. 5]. Relativamente ao enquadramento urbano, destaca-se as plantas de Guimarães de 1600, 1863 e 1922, e o livro “A evolução da forma urbana de Guimarães e a criação do seu património edificado”⁵. A comparação com outros complexos monásticos, em Guimarães, e da mesma regra religiosa fora da cidade, apresenta-se como uma fonte indireta que pode caracterizar tipologias, épocas de construção e fases artísticas. Bibliografia como “*Arquitectura chã – Entre especiarias e diamantes*”⁶, “*Arquitectura Portuguesa: Renascimento, Maneirismo, Estilo Chã*”⁷, teorizam e definem a arquitetura das épocas em que o edifício é construído, sendo por isso também fontes indiretas que contribuem para uma melhor interpretação da construção.

Como fonte mais recente, e construída no âmbito deste trabalho, destaca-se o levantamento do edifício. O levantamento fotográfico, os desenhos de plantas e secções atualizadas e os desenhos de enquadramento urbano constituem a maior fonte de registo já produzida sobre o convento.

⁴ ABREU, Araújo, FONSECA, Álvaro Baltasar Moreira da, “História Breve das Oficinas de São José de Guimarães”, Companhia Editora do Minho, Barcelos, 1989.

⁵ AFONSO, José Ferrão, FERRÃO, Bernardo, “A evolução da forma urbana de Guimarães e a criação do seu património edificado”, Câmara Municipal de Guimarães, Guimarães.

⁶ KLUBER, George, *Arquitectura Portuguesa Chã*, Veja, Lisboa.

⁷ CORREIA, José Eduardo Horta, *Arquitectura Portuguesa: Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão*, Editorial Presença, Lisboa, 1991.

Levantamento

Com o intuito de registar o estado atual do edifício foi elaborado o levantamento fotográfico e métrico. Com as fotografias procura criar-se uma narrativa visual sobre temas importantes para a perceção e interpretação da realidade encontrada. O levantamento métrico constitui a base desenhada para todas as especulações sobre fases propostas. Ambos, de forma distinta, constituem ferramentas indispensáveis para a produção da narrativa da vida do edifício no seu passado e presente.

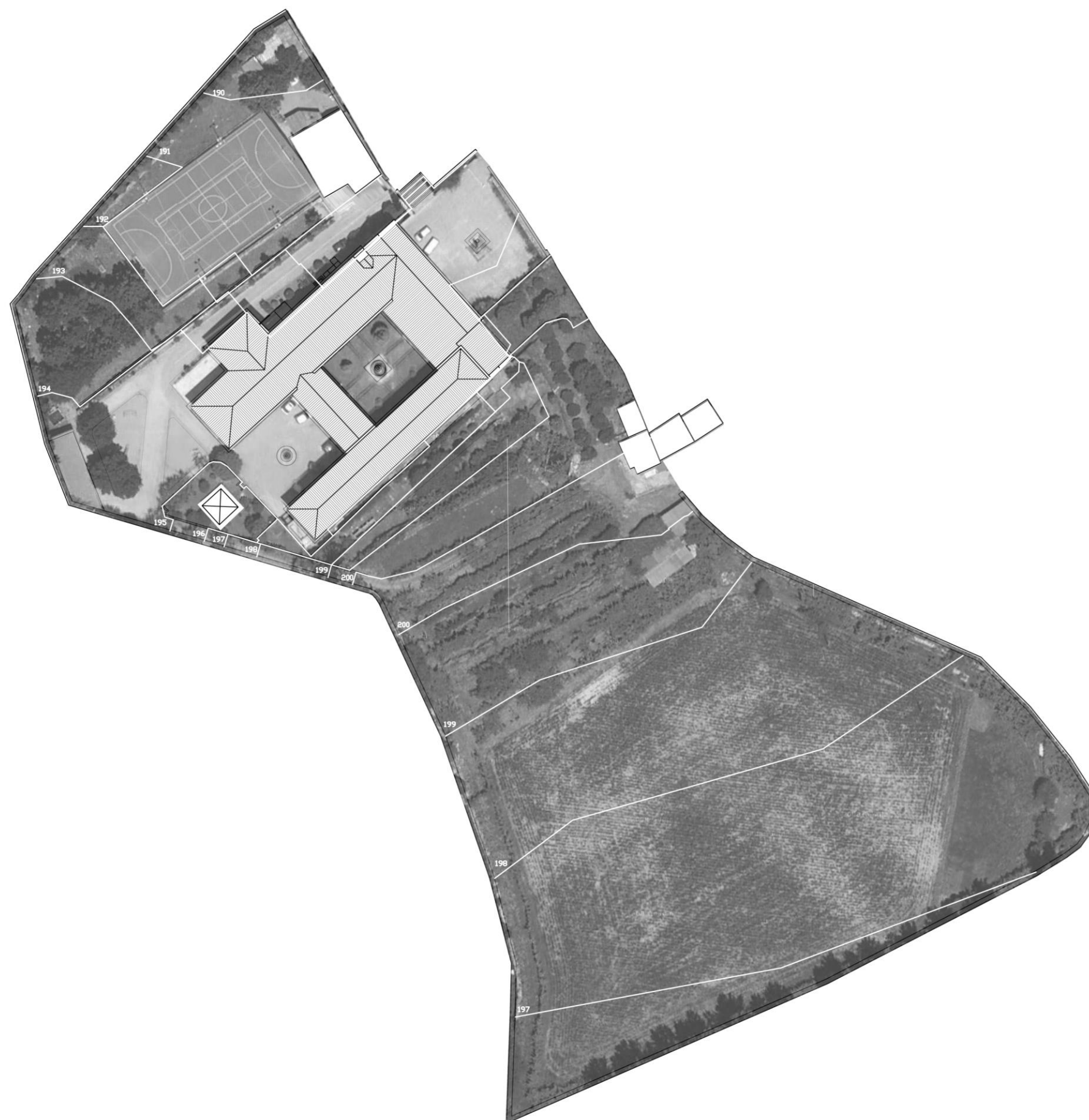
O levantamento fotográfico elaborado encontra-se organizado em quatro partes: 'Envolvente'; 'Enquadramentos'; 'Espaços do Edifício'; 'Texturas do Edifício'. Para cada uma delas foi feita uma recolha que permitisse construir uma imagem que seja representativa da realidade. As fotos da Envolvente procuram retratar o contexto no qual o edifício se encontra. Desde a sua implantação a ruas ou edifícios, que indiretamente o influenciam, são registadas imagens de elementos que contribuíram/contribuem para a sua marcação na paisagem vimaranense. As imagens dos Enquadramentos permitem entender as várias referências visuais que se estabelecem entre o interior do edifício e o seu exterior. Questões como a relação do convento com a cidade, com o interior da cerca ou com a igreja retratam as formas de viver que estiveram na origem das Capuchinhas. As fotos dos Espaços do Edifício têm por objetivo diferenciar vivências e caracterizar programaticamente os espaços que existem atualmente. São retratados os lugares e atividades que os habitantes e utilizadores do Centro Juvenil aí realizam no dia-a-dia. O registo fotográfico de Texturas do Edifício permite a criação de um registo relativo à materialidade do edifício, dissecando estereotomias, diferenciando paredes e tipos de construção. Construindo um mapa de texturas do edifício procura-se encontrar pistas que fundamentem a especulações das propostas.

O levantamento métrico permite a representação do edifício em secções horizontais (plantas) e secções verticais (Cortes e Alçados). Foram elaboradas quatro plantas, três delas correspondentes a cada piso do objeto arquitetónico e uma de cobertura, onde é representado todo o interior da cerca. As secções horizontais foram feitas utilizando um plano a 1.5 metros de altura em relação à cota de piso a que diz respeito. Nestas pode observar-se a divisão espacial atual no edifício e algumas porções de paredes que remetem para anteriores divisões (existentes em tempos conventuais). Os perfis permitem ter a perceção altimétrica da forma como o antigo convento se organiza e das relações que se estabelecem entre os vários pisos e de cada um destes com a envolvente. Percebem-se também, nas secções verticais, estereotomias e tipos de

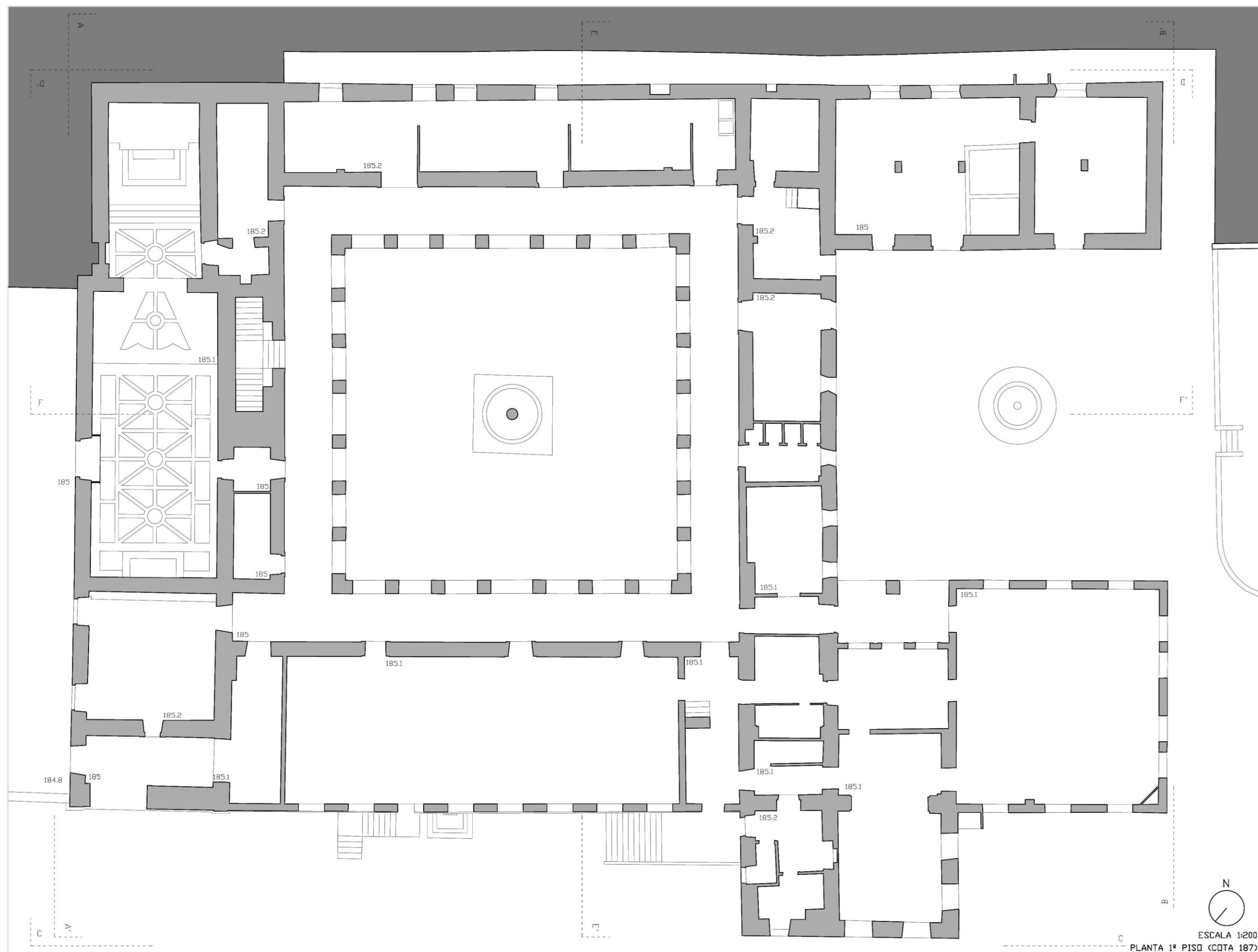
construção que indiciam análises sobre as várias épocas da construção. Da complementaridade entre as plantas e os perfis surgem análises de espessuras de parede, medidas e métricas, vãos e linguagens artísticas que diferenciando-se, distinguem várias fases em que o edifício foi construído.

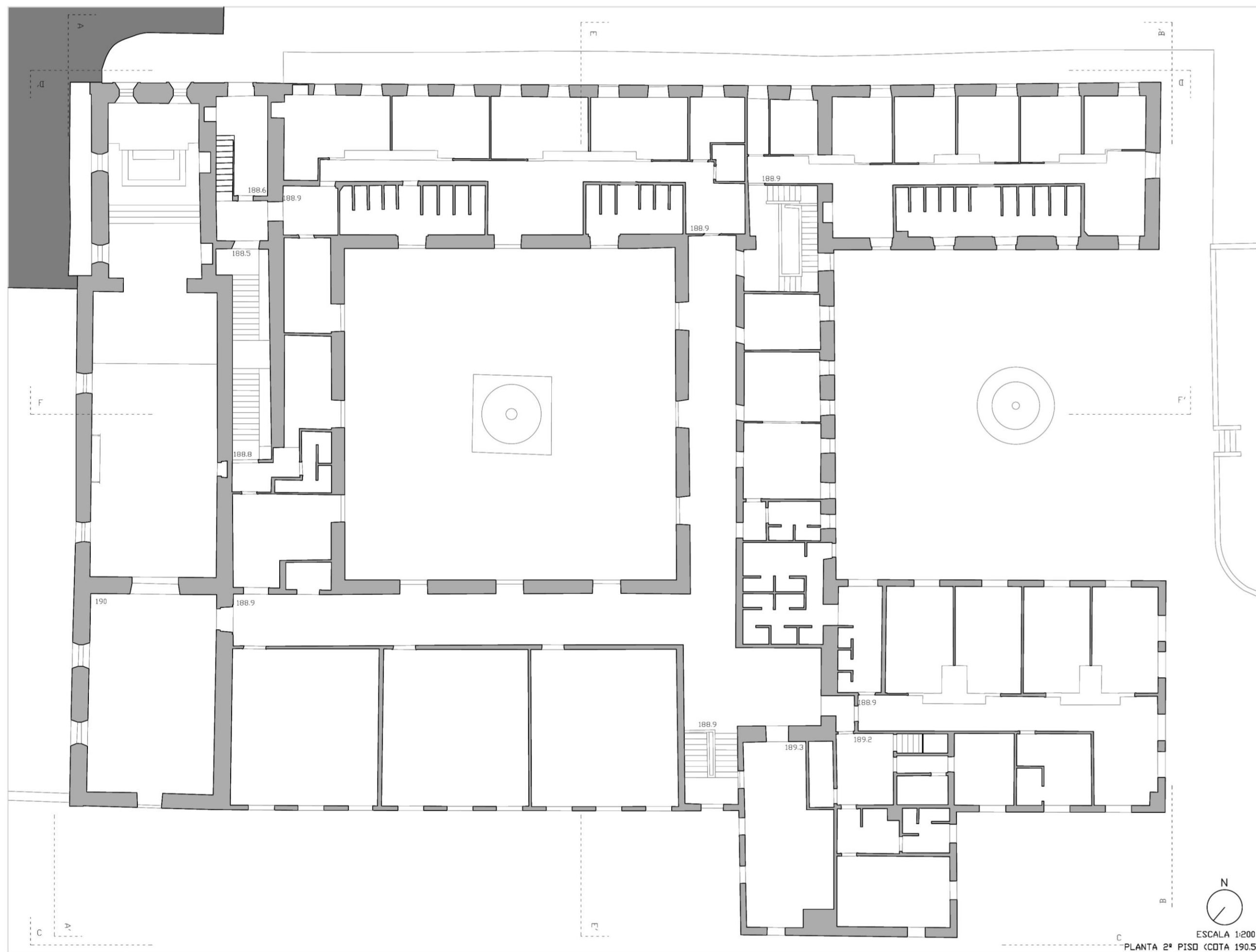
Partindo do levantamento métrico, constrói-se mais uma das ferramentas de registo visual: o modelo tridimensional do edifício. Através da representação volumétrica do complexo existente, conseguem tirar-se ilações e fazer análises da forma como este poderá ter evoluído e sido transformado. Em simultâneo, permite-se uma perceção da implantação do edifício no terreno e da sua relação com a cerca e a envolvente próxima.

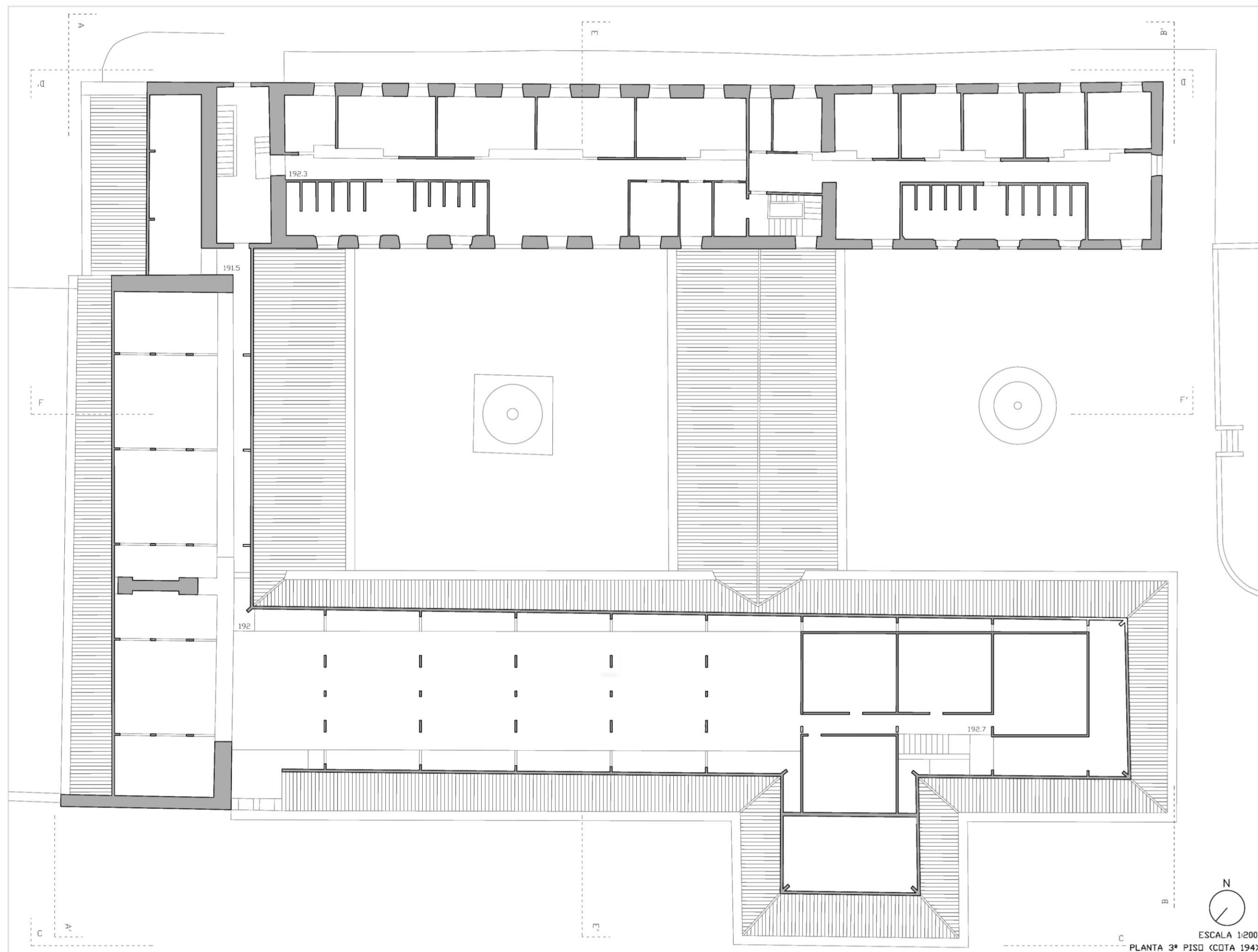
Levantamento métrico



ESCALA 1:1000
PLANTA DE COBERTURAS

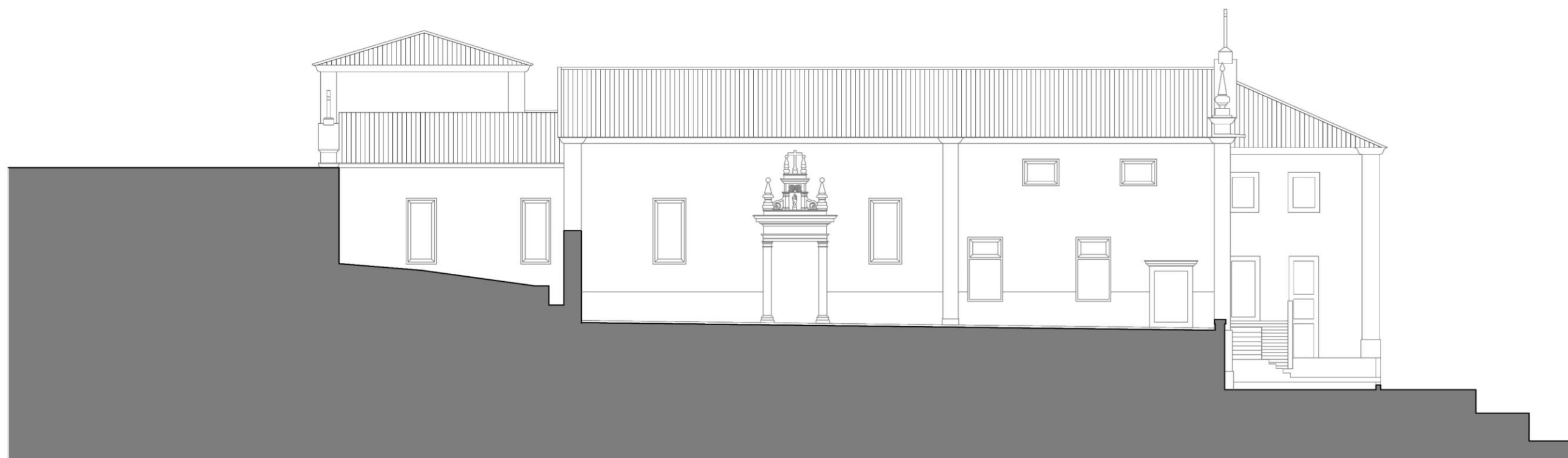




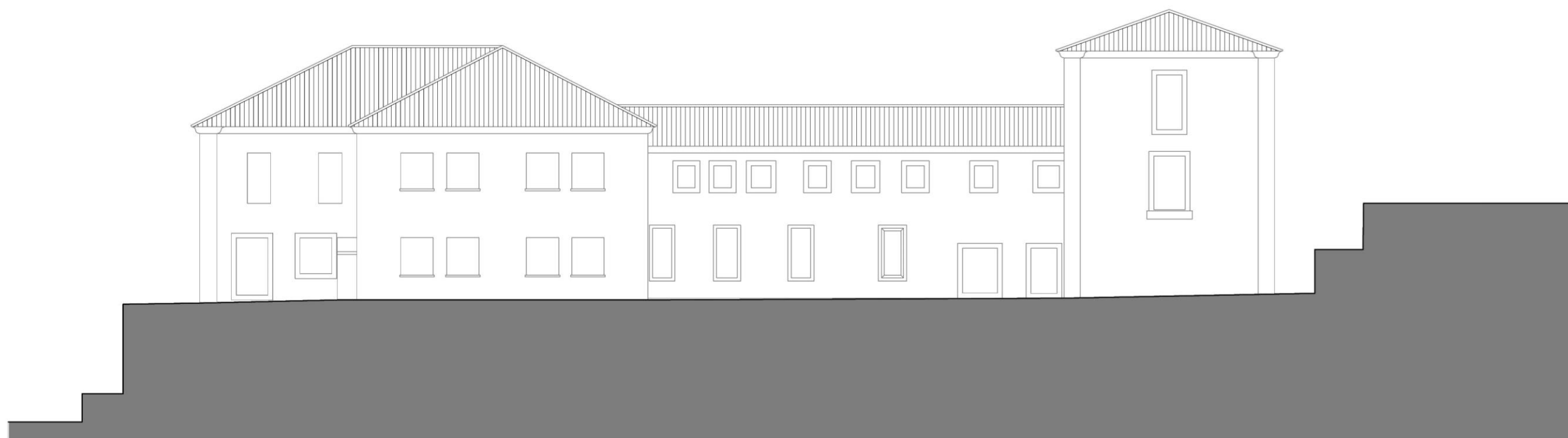


ESCALA 1:200

PLANTA 3º PISO (COTA 194)



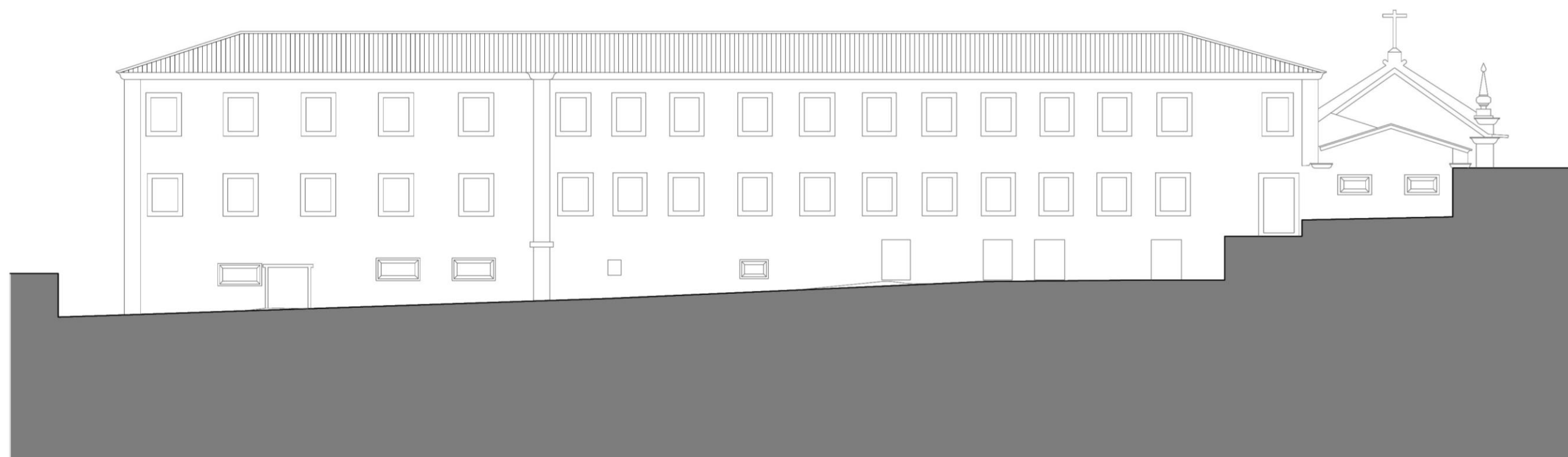
SECÇÃO AA'



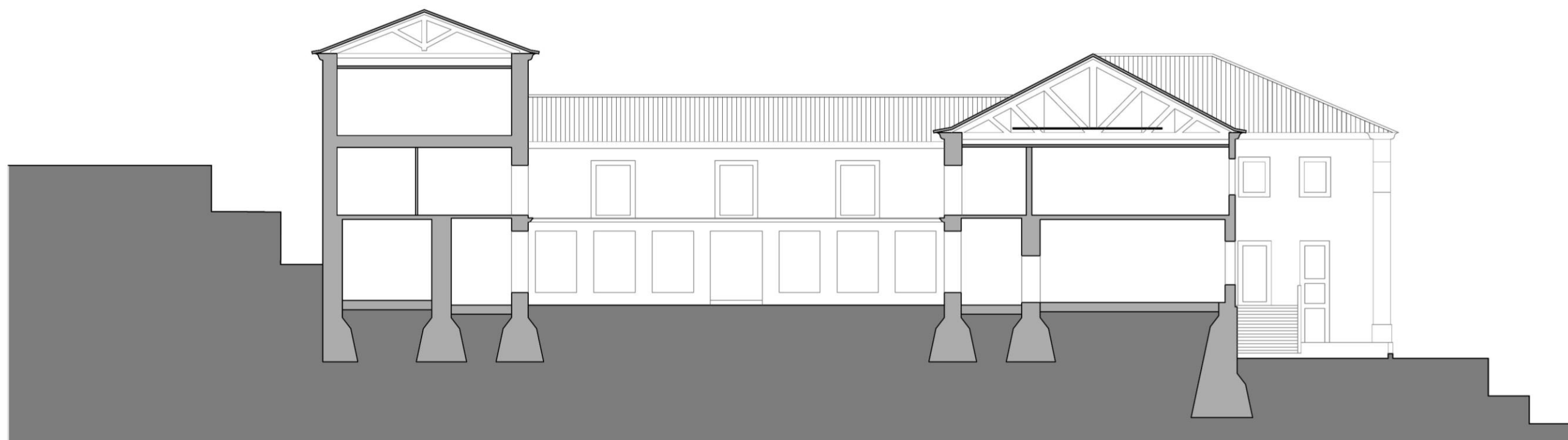
SECÇÃO BB'



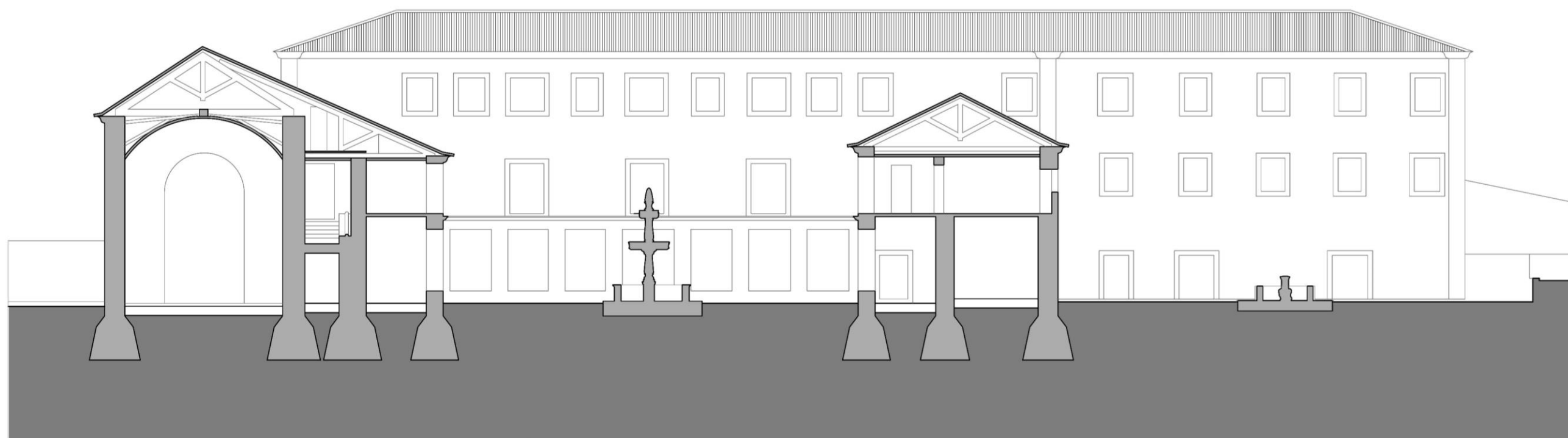
SECÇÃO CC'



SECÇÃO DD'



SECÇÃO EE'



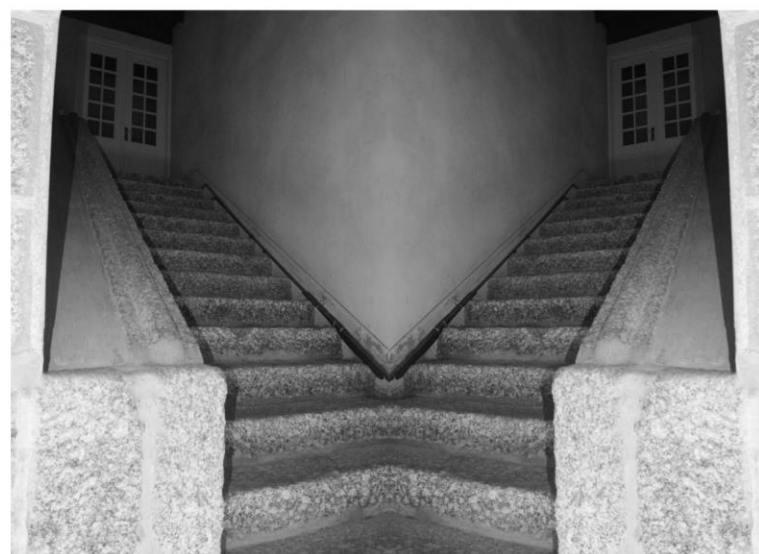
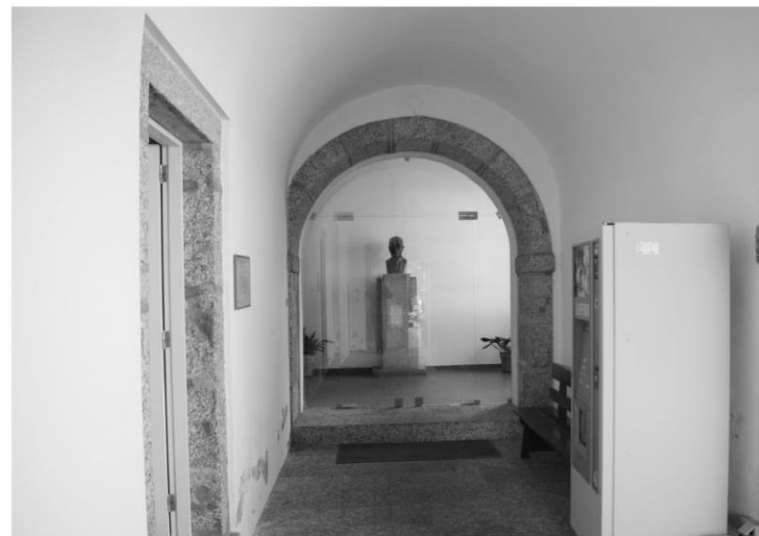
SECÇÃO FF'

Levantamento fotográfico



Levantamento fotográfico da envolvente





Levantamento fotográfico de espaços: convento



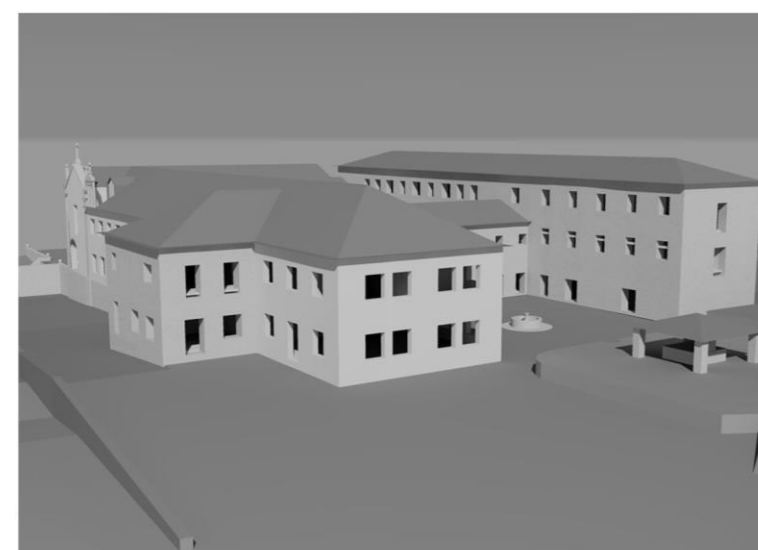
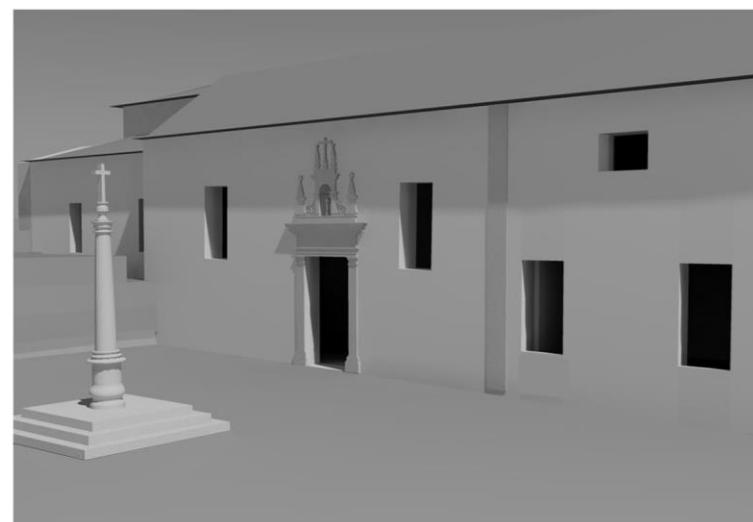
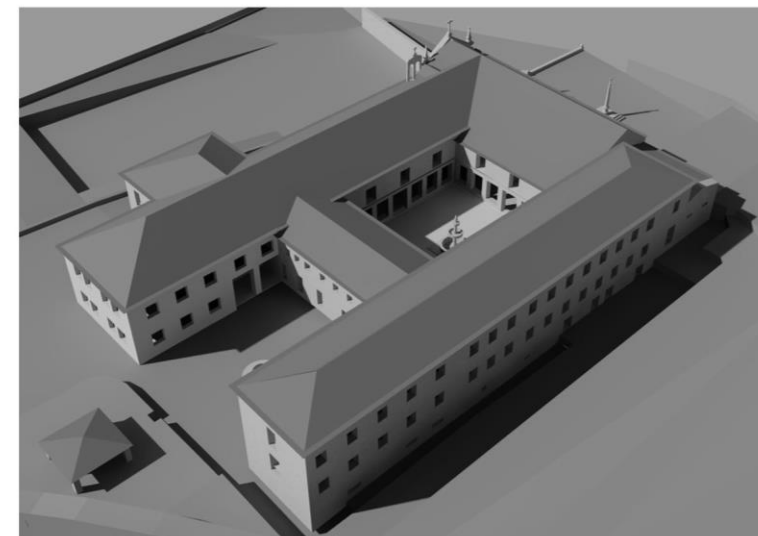
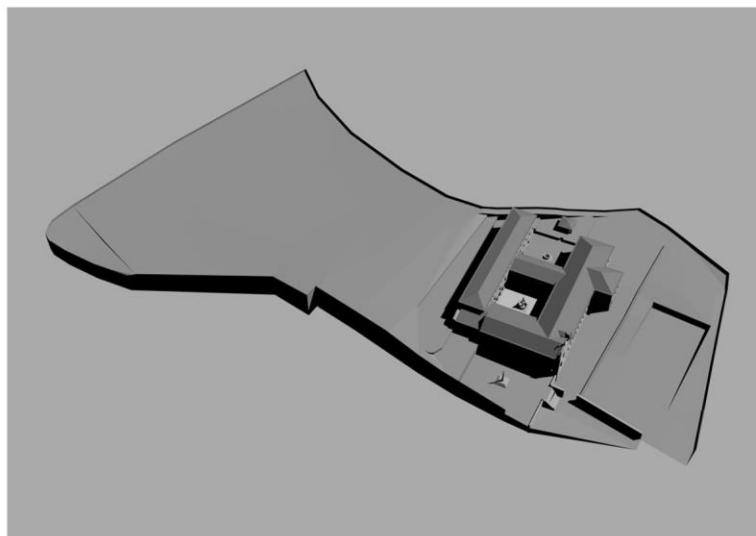
Levantamento fotográfico de espaços: Oficinas



Levantamento fotográfico de texturas: vãos



Representação tridimensional



Da atualidade como síntese

Atualmente podem observar-se marcas que remetem para as várias fases e épocas construtivas que o edifício atravessou. O edifício constitui-se como um registo histórico de gestos dos mestres, arquitetos ou simples pedreiros que (re)desenharam o objeto, o traçado e os volumes ao longo da história e demonstra as transformações que ocorreram. A capela-mor da igreja, orientada a sudoeste, definiu a direção para a qual o edifício se viria a desenvolver [fig. 6]. A ala sudeste, com uma fachada parcialmente encastrada nos rochedos e outra voltada para a cidade, e o claustro, com fonte central, terão definido o segundo gesto após a implantação da igreja. De planta quadrada com oito pilares contraventados com verga reta e uma fonte austera ao centro, o claustro apresenta-se com um desenho simplista. Já no século XX, com a construção da nova fachada da ala nordeste o volume sudoeste definem um novo gosto e um registo de contemporaneidade no convento abandonado [fig. 7]. Da mesma forma, a remodelação total do edifício na década de 80 reflete a crescente necessidade de viver com melhores condições.

A composição de cada parede apresenta-nos uma série de camadas sobrepostas temporalmente que hoje se apresentam unificadas. Ao perceber e interpretar os panos que constituem a parede poder-se-ão reconstituir fases históricas pelas quais o edifício terá passado. Com uma variabilidade de espessuras de paredes em pedra que vão desde 0.4 até 1.2 metros torna-se presente uma diferenciação de várias fases na construção.

Ao palimpsesto construtivo observável no edifício, composto por vários estratos, junta-se ainda uma sobreposição de intenções e simbolismos criados pelos seus habitantes ao longo dos séculos. É procurada uma marcação de centralidades, recorrendo a água e/ou crucifixos nos vários espaços abertos do convento. À semelhança daquilo que acontece no claustro, o espaço a sudeste do convento (exprimindo a vontade de crescimento do convento com um novo claustro), organiza o espaço vazio recorrendo a uma fonte [fig. 8]. Já perto da cerca, ainda mais a sudeste encontra-se um “jardim” marcado por uma fonte com crucifixo. No centro do terreiro, hoje utilizado como Estacionamento do Centro Juvenil de São José, levanta-se um cruzeiro que data de 1775. Todos estes elementos, de forma diferente mas complementar, procuraram uma marcação do poder da igreja (terreiro) e uma comunicação entre aquilo que seria o terreno com o divino através da centralidade e da água.

Com a análise dos vários elementos programáticos podem encontrar-se marcas que refletem as duas grandes ocupações do edifício. Algumas apropriações de espaços, como a cozinha, o respeito pela igreja e a marcação de centralidades no desenho de implantação são



Fig. 6: Fachada nordeste da igreja com terreiro e cruzeiro - séculos XVII e XVIII.



Fig. 7: Fachada sudoeste do refeitório - século XX.



Fig. 8: Fachada sudoeste - século XVIII.

sinais que reencaminham o observador para tempos de clausura. A tipografia, as adegas, na ala sudoeste, e a casa dos caseiros, localizada na cota mais alta da cerca, recordam a época das Oficinas em que funcionavam a Escola de Agricultura e a Escola de Tipografia.

Como elementos que remetem para o passado, mas que sofreram alterações, encontra-se ainda a cerca que terá fechado a propriedade e o tanque que abasteceria o convento com água. As volumetrias dos edifícios, atualmente com alturas semelhantes, terão tido outrora diversas altimetrias, das quais se encontram vestígios soltos.

A observação e análise de todos os sinais encontrados no edifício apresentam a atualidade como uma síntese das várias épocas. Ao dissecar e desconstruir as várias camadas que constituem este palimpsesto encontrar-se-ão pistas sobre o passado e sobre as transformações que o edifício terá sofrido. Seja pela implantação e composição do edifício, pelas diferenças construtivas, pelas simbologias ou pela análise programática, o presente é influenciado pelas várias referências ao passado.

CRONOLOGIA E VIVÊNCIAS

Acontecimentos e pessoas

Ao longo da história do edifício foram várias as pessoas que mostraram um papel importante na evolução e transformação do convento [fig. 9]. D. Catarina de Chagas foi a primeira “regente” do grupo de freiras que sonhou com o Convento de Madre Deus, e uma das pessoas que marcaram e possibilitaram a fundação desta casa em Guimarães. Da mesma forma Soror Luísa Maria da Conceição foi a primeira abadessa. Durante o seu período de regência foram várias as obras de ampliação e melhoramento edifício. Com a morte da última freira, Soror Luísa Maria José, o convento então a funcionar como recolhimento de freiras, foi extinto. D. Domingos foi o principal responsável pela reativação e reabilitação do edifício tendo por objetivo ali viver e ensinar um conjunto de jovens do sexo masculino.

Foi em Junho de 1672 que D. Catarina de Chagas, como regente, se instalou em Vale de Donas, *“onde com as companheiras pudesse observar aquela imitação de vida monástica”*⁸. Durante o tempo que se encontraram no interior das muralhas da cidade foram recolhendo esmolas e donativos com a ajuda do padre Francisco do Salvador, e assim *“principiou a fundação dum novo convento, hoje de Madre Deus, em 1681, no lugar do Campo Galego, Também chamado Rosal de Santa Isabel”*⁹.

D. Catarina de Chagas e as suas companheiras entraram de forma solene no novo convento a 4 de Abril de 1683, tendo lá vivido sem *“sanção pontificia nem regra autorizada”*⁹ até 1690, altura em que a D. Catarina parte, para Roma, envergando¹⁰ trajes de homem, com o fim de obter a primeira Regra de Santa Clara. Embora conseguida a 21 de Junho de 1693, não viria a ser executada, devido à morte da regente, quando esta fazia a viagem de regresso.

Em 8 de Janeiro de 1716 é sentenciado em Braga novo Breve, desta feita através do Arcebispo de Braga D. Rodrigo de Moura Teles, nomeando de seguida a sua irmã, Soror Luísa Maria da Conceição, recolhida no Mosteiro de Madre Deus de Lisboa, como primeira Abadessa do convento. A nova abadessa entrou solenemente na casa conventual vimaranense a 13 de Abril de 1716, juntamente com *“as vinte recolhidas que tomaram o véu”*³. Os anos seguintes, em que foi regente, foram de *“valiosos serviços”*³ e variadas obras sendo que aquando da sua morte (1 de Abril de 1739) o número de recolhidas elevava-se já a trinta e três. As décadas seguintes, não

⁸ CALDAS, Padre António José Ferreira - *Guimarães, Apontamentos para a sua história*. Guimarães: Edição Câmara Municipal de Guimarães/ Sociedade Martins Sarmento, 1996, p. 341.

⁹ Idem, Ibidem, p. 342.

¹⁰ Idem, Ibidem, p. 344.

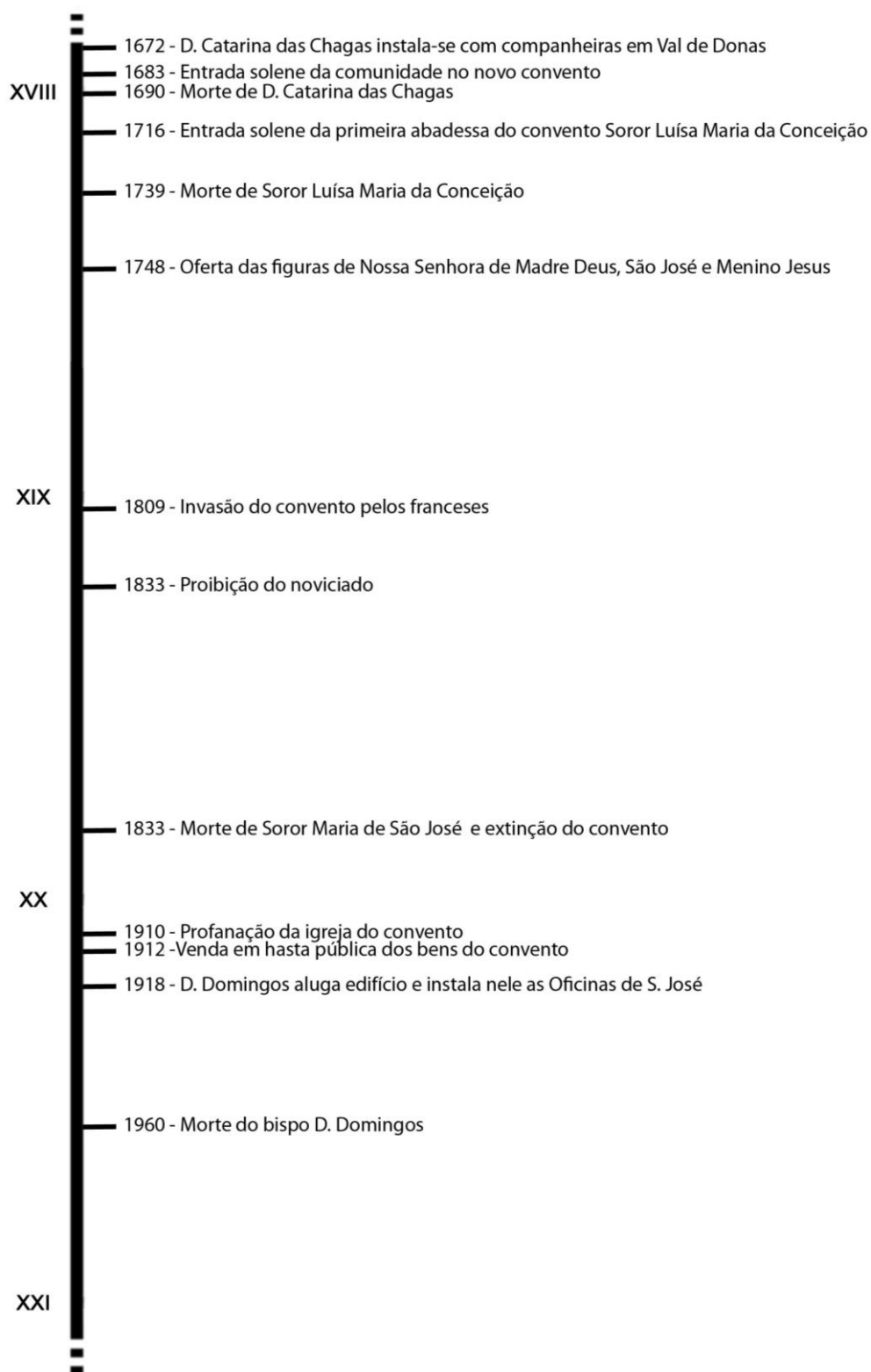


Fig. 9: Cronologia de acontecimentos e pessoas marcantes.

voltaram a ter uma figura referenciada de tão grande importância à cabeça do convento, tanto pela proximidade ao Arciprestado de Braga como pelas obras do convento.

Pelos inícios do século XIX e sendo Abadessa Soror Maria Magdalena de S. José regente do convento, o Capelão Fr. José de N. Sr.^a dos Anjos registou no verso do frontispício do *“Livro das Sepulturas que tem esta Igreja do Convento das Religiosas da Madre Deos desta Villa de Guimaraens feito aos 20 de Nob.º de 1793”*¹¹ uma nota relativa à passagem das invasões francesas pelo edifício: *“No dia 16 de Março de 1809, sendo perto de nove horas da noite, teve esta comunidade, e Nós todos a desgraça, e ainfeliz sorte de serm os invadidos pello Inimigo Francês; (...) a onde fizerão as Mais Cruéis hostilidades”*¹

Mais tarde, em 1833, com a proibição do noviciado, o convento precipita-se para a sua extinção. Com morte da última freira, Soror Maria de S. José, em 1888, morre também o último habitante do edifício, que por décadas ficaria fechado e em degradação contínua até 1910, altura em que é profanado e salteado.

Em 1918, surge uma figura que voltará a ser muito influente nos destinos do convento: D. Domingos. O Padre iniciador das Oficinas de S. José tinha por objetivo *“educar e instruir em regime de internato”*¹² *“rapazes pobres e desamparados”*² vai arrendar o convento dando assim início a um período marcado por consecutivas obras de reabilitação e ampliação que dotaram, progressivamente, o complexo edificado de condições para habitação dos rapazes. Em 1942, *“eram já 70 os alunos internados na Oficinas de São José e pouco mais tarde, seriam já 120”*¹³. No dia 4 de Junho de 1960 falece D. Domingos, após uma grande obra deixada nas Oficinas e no edifício do antigo Convento das Capuchinhas, onde estas se sediavam.

¹¹ BOLETIM DE TRABALHOS HISTÓRICOS VOLUME II – N.º 4. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1937, p. 190-192.

¹² ABREU, Araújo; FONSECA, Álvaro Baltasar Moreira da - *História Breve das Oficinas de São José de Guimarães*. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1989 p. 30.

¹³ Idem, *Ibidem*, p. 53.

Obras e construções

Em 1681, “*principiou a fundação dum convento, hoje da Madre Deus, no Lugar do Campo Galego, também chamado Rosal de Santa Isabel*”¹⁴. Durante os séculos seguintes foram várias as obras de melhoramento e ampliação que resultaram no objeto arquitetónico encontrado hoje [fig. 10]. Embora se encontrem registos de obras elaboradas ao longo de vários séculos, certamente o edifício terá passado por várias outras não documentadas. A primeira referência ao edifício depois da sua fundação regista a “*entrada solene na sua nova casa*”¹ a 4 de abril de 1683.

Após execução do *Breve* que dotava o convento com a Regra de Santa Clara, faz-se referência à entrada solene de Luísa Maria da Conceição, primeira abadessa da casa, a 13 de abril de 1716. Na mesma semana, a 17 de abril foi benzido o “*cemitério interior do convento*”¹⁵. Subsequentemente, a abadessa fazia diversas obras nos anos de regência (1716-1739). Nos primeiros doze anos “*ladrilhou o claustro, que era térreo; dividiu-o em sepulturas; levantou um novo dormitório, dotando-o com uma sala de labor, ampla e alegre; acrescentou várias celas, casas do noviçado e livraria*”¹⁶. Em 1728, após a morte do Arcebispo D. Rodrigo Moura de Teles, irmão de D. Maria Luísa da Conceição, “*construiu uma vasta e espaçosa enfermaria, com cozinha dentro dela para o serviço da mesma; refeitório para comerem juntas as convalescentes; capela ao fundo da enfermaria para ali dizerem missa os padres que vão administrar os sacramentos e mais duas capelas para uso das convalescentes*”³. Mais tarde, ainda antes de falecer, mandou “*construir uma cozinha com quatro torneiras de água dentro, e várias casas térreas e celeiros. Alargou e ornou o coro que era muito limitado e escuro; e conseguiu licença para nele terem o sacramento, que aí foi colocado a primeira vez, com grande solenidade em dia das chagas de S. Francisco em 1734*”³. Anos depois, em 1775, “*no adro fronteiro à porta da igreja, levanta-se um cruzeiro modesto*”¹⁷. Após 1888, com a morte de Soror Luísa Maria de São José, o edifício fica em contínuo abandono acontecendo a “*profanação da capela do convento das Capuchinhas*”¹⁸.

Com o arrendamento do edifício pelas Oficinas foram feitas obras de restauro que permitissem a sua habitabilidade. Corria o ano de 1919 quando “*a Igreja foi recoberta com um novo telhado*”¹⁹. Em 1930 sendo que “*os dormitórios tinham vindo, desde o início da ocupação do*

¹⁴ CALDAS, Padre António José Ferreira - *Guimarães, Aparentamentos para a sua história*. Guimarães: Edição Câmara Municipal de Guimarães/ Sociedade Martins Sarmento, 1996, p. 341.

¹⁵ Idem, *Ibidem*, p. 343.

¹⁶ Idem, *Ibidem*, p. 344.

¹⁷ Idem, *Ibidem*, p. 345.

¹⁸ ABREU, Araújo; FONSECA, Álvaro Baltasar Moreira da - *História Breve das Oficinas de São José de Guimarães*. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1989, p.78.

¹⁹ Idem, *Ibidem*, p.77.

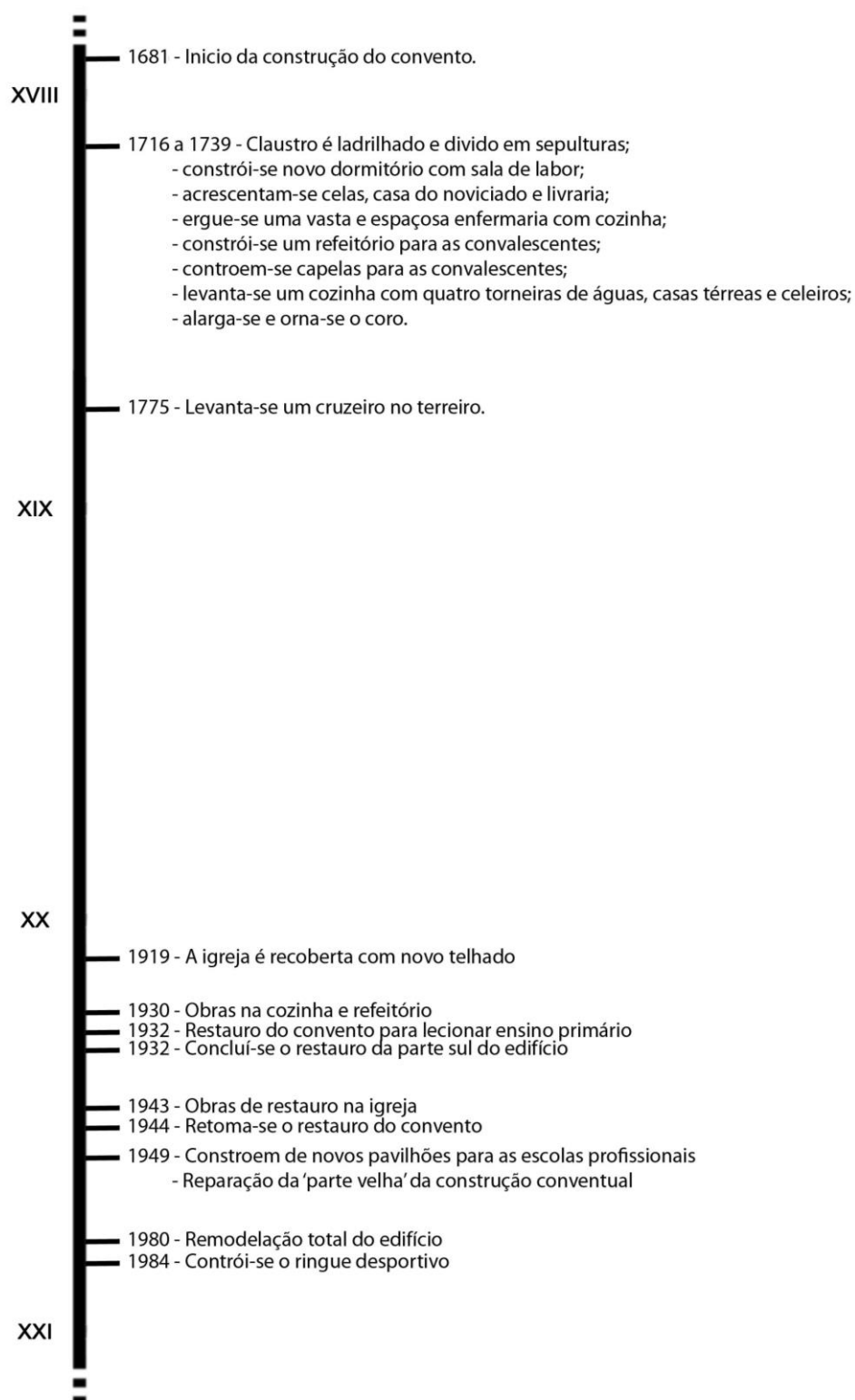


Fig. 10: Cronologia de obras no edifício.

*convento a serem melhorados*²⁰, as *“obras continuaram a fazer-se e alargaram-se à cozinha”*²¹. Dois anos mais e *“era preciso continuar com o restauro do velho convento para se poder começar a lecionar a instrução primária em boas condições”*²¹. No ano de 1935 terminou-se *“o restauro da parte sul”*²² que vinha sendo levada a cabo com apoios da Direção dos Monumentos Nacionais e do Fundo de Desemprego.

*“Em 1936 as Oficinas foram dotadas com uma padaria própria”*²³ funcionando como escola. Seis anos depois, abrem as escolas de alfaiataria, de tecelagem e de serralharia. Relativamente a 1943, há registo de obras na igreja tendo no ano seguinte *“retomadas as obras de restauro do edifício”*²⁴. Abriu-se a Escola Profissional de Sapataria decorria o ano de 1948, recebendo um fundo da Direção Geral dos Serviços de Urbanização no ano de 1949 para dotar as escolas profissionais de novos pavilhões e para se reparar a parte velha do antigo convento.

No final da década de 70, são executadas obras, a mando da Direcção da Comissão de Equipamentos Colectivos da Secretaria de Estado da Segurança Social, para remodelar todo o edifício. Estas obras tiveram por objetivo melhorar as condições de habitação. Os dormitórios foram dotados de novo mobiliário, a cozinha e o refeitório apetrechados com novos equipamentos. O Centro Juvenil passou ainda a dispor de uma nova lavandaria que até então não possuía. No ano de 1982, após visita ao lugar, o Ministro dos Assuntos Sociais doou 300 mil escudos para a construção de um ringue desportivo que viria a ser construído a nordeste do edifício.

²⁰ ABREU, Araújo; FONSECA, Álvaro Baltasar Moreira da - História Breve das Oficinas de São José de Guimarães. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1989, p.45.

²¹ Idem, Ibidem, p.50.

²² Idem, Ibidem, p.52.

²³ Idem, Ibidem, p.52.

²⁴ Idem, Ibidem, p.54.

Evolução programática

O convento foi originalmente construído no século XVII para servir como local de habitação, clausura e contemplação, para um conjunto de freiras que adotaram a ordem das Capuchinhas e a regra de Santa Clara para a orientação da sua vida. O edifício ter-se-á desenhado como um lugar de habitação em comunidade no qual imperaria o silêncio e a reflexão, associado a uma série de rituais de culto. Séculos mais tarde, aquando da sua reocupação, o edifício voltava a ser utilizado para habitação coletiva, por um grupo de rapazes pobres. A arquitetura de interioridade e clausura passou então progressivamente a transformar-se com espaços de exterioridade e relação com a sociedade vimaranense.

Como se pode depreender, o conceito de “família”, enquanto grupo de pessoas que partilha as suas atividades diárias foi uma constante ao longo de toda a história do edifício. Enquanto família de religiosas, em conjunto, as freiras tentavam perceber e interpretar os ensinamentos bíblicos baseando-se da regra de Santa Clara. Partilhavam os seus almoços, sacrifícios, e o próprio estilo de vida. Desde a abadessa até às noviças, cada elemento desta comunidade teria um papel a desempenhar no funcionamento da casa, contribuindo para o bom funcionamento interno, representativo do mundo que habitavam e partilhavam. Como família de rapazes, os jovens encontravam nos seus orientadores uma imagem paternal e nos seus colegas irmãos espelhos de irmandade. Com estes partilhavam as suas rotinas, atividades, o dia-a-dia e as aprendizagens. A relação entre eles era de tal forma representativas que ainda hoje se pode observar os dormitórios divididos em “*Famílias*”²⁵. Nestes locais de dormida, os rapazes tinham representado o grupo de irmãos que constituía a sua família mais próxima, dentro da grande família das Oficinas.

A primeira implantação do edifício surgiu muito devido à vontade das freiras em levar uma vida em clausura e culto. A construção da igreja respondeu à necessidade de criar um lugar próprio das freiras, onde estas pudessem fazer as suas preces e reflexões diárias. O claustro e as suas alas tornaram possível a vida em clausura. O convento transformava-se, progressivamente, de forma a responder a todas as necessidades da sua comunidade. O edifício procurava conter uma cidade em si próprio. O programa da “*urbis*” aparecia numa escala diferente no interior do convento. Desde os lugares de pernoita até ao de alimentação, ou cultura, o complexo adquiriu

²⁵ Segundo registos orais de antigos alunos das Oficinas de S. José.

programas diversos que visavam responder no seu interior a todas as questões que a própria cidade continha. Dormitórios, cozinha, refeitório, livraria, capelas, lugar de enterramento, e enfermaria são espaços de existência registada²⁶.

Com a extinção das ordens religiosas em 1834 e proibição do noviciado em 1833, o convento ficou com o seu cessar programado. No ano de 1888 morre a última freira ficando o edifício sem qualquer tipo de utilização durante vinte e dois anos. Quando apropriado pelas Oficinas, a função dos espaços foi repensada. Lugares como dormitórios ou cozinha faziam também parte das necessidades para o dia-a-dia de uma “*família*” de rapazes. Situada a Noroeste, a igreja teve um papel importante para a formação dos jovens. D. Domingos, pároco vimaranense iniciador do grupo, sempre “*ia celebrar e mesmo confessar para que a assistência religiosa “aos seus rapazes” nunca viesse a faltar*”²⁷.

Além da educação religiosa e das necessidades básicas de habitação, o edifício foi sofrendo alterações muito devido a novas “escolas” de ensino profissional que ali se foram estabelecendo. Escola de Alfaiataria, Escola de Tecelagem, Escola de Serralharia, Escola de Sapataria, Escola de Carpintaria, Escola Agrícola e Banda Musical, foram os vários programas que procuraram fazer uma integração dos seus alunos com a realidade e necessidades sociais vimaranenses. Atualmente encontra-se ainda a tipografia como único programa que continua a funcionar. A relação das Oficinas com a indústria e mercado vimaranense foi uma constante no último século. Observou-se uma formação de trabalhadores especializados nos espaços onde funcionavam as “escolas”, produção agrícola nas terras do antigo convento e mais recentemente a exploração das próprias instalações como hostel.

A integração social nas oficinas contrasta com a outrora clausura conventual das freiras. O mesmo edifício que funcionava como barreira entre o mundo e a vida dos seus habitantes é hoje, e cada vez mais, uma peça que se liga com a cidade pela sua adaptabilidade programática. O modo de viver, produzir e interagir nos seus espaços demonstra uma forte ligação com várias outras atividades, como o desporto, a educação e a própria vida familiar fora do Centro Juvenil. Ao crescente fluxo de turismo da cidade, o Centro respondeu com a abertura de um hostel, no sentido de aumentar essa abertura progressiva do edifício á urbe.

Em termos gerais pode então considerar-se que o edifício teve duas grandes fases ideológicas que influenciaram o edificado: uma primeira de clausura que desenvolveu o convento

²⁶ CALDAS, Padre António José Ferreira - *Guimarães, Apontamentos para a sua história*. Guimarães: Edição Câmara Municipal de Guimarães/ Sociedade Martins Sarmento, 1996, p. 341.

²⁷ ABREU, Araújo; FONSECA, Álvaro Baltasar Moreira da - *História Breve das Oficinas de São José de Guimarães*. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1989 p. 80.

para funcionar em si e para si próprio; uma segunda que o tem dotado de uma abertura para a cidade e para a população. Nas duas fases encontram-se alguns programas semelhantes, como dormitórios, cozinha ou zona de trabalho, mas também em ambas observam-se programas específicos de cada época, como capelas em tempos conventuais ou escolas de formação e hostel enquanto Oficinas e Centro Juvenil.



Fig. 11: Claustro com fonte de água ao centro.

Vivências

A partir do momento em que as religiosas capuchinhas abraçaram a vida em comunidade no convento, passaram a viver sob os ensinamentos e preceitos de “Santa Clara”²⁸. A “*vida enclausurada*”²⁹ das irmãs passava, então, a centralizar as suas forças na interioridade pessoal e busca do divino, relegando todo o mundo exterior para segundo plano. Assim, “*não lhes seja permitido sair do mosteiro sem um motivo útil, razoável, manifesto e aprovado*”³⁰.

A organização e gestão do convento seria feita de forma hierárquica. A abadessa, regente e maior figura do edifício, responderia perante o “*governador, protector e corrector o cardeal da Igreja romana que for designado pelo senhor Papa para os Frades Menores*”³¹. A abadessa e todas as suas irmãs subordinadas teriam por incumbência o ensino e transmissão dos valores da ordem às noviças. Aquando da entrada, as noviças comprometiam-se a “*viver comunitariamente em espírito de unidade e com voto de altíssima pobreza*”³² e “*se for idônea, digam-lhe a palavra do Santo Evangelho que vá vender tudo o que é seu e procure dá-lo aos pobres*”³³.

Todas as religiosas teriam de “*observar o santo evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo vivendo em obediência, sem nada de próprio e em castidade*”³⁴. O ambiente de todo o complexo seria marcado por um constante silêncio, escutando-se o som da água e da natureza que dentro da cerca se poderia sentir [fig. 11]. A regra de Santa Clara faz referência a este ambiente dizendo: “*observem o silêncio desde a hora de completas até à Terça. Calem-se também continuamente na Igreja e no dormitório; no refeitório só enquanto comem*”³⁵.

O sacrifício e auto admoestação seriam uma constante no dia-a-dia do convento, fosse pela regra que a tal obrigava, fosse pela falta de recursos que na comunidade se poderia encontrar. O contacto entre as freiras e o exterior seria evitado ao máximo. Junto ao portão de entrada deveria ter “*uma porta de madeira, bem defendida por duas fechaduras de ferro diferentes, ferrolhos e trancas*”³⁶ onde de encontraria o único ponto de comunicação do edifício com a população: a grade. Sobre a comunicação neste local é ainda dito que “*ninguém deve falar com alguém na grade, de*

²⁸ REGRA DE SANTA CLARA POR PAPA INOCÊNCIO IV, 1247.

²⁹ Idem, Ibidem, Prólogo.

³⁰ Idem, Ibidem, Capítulo XII, 12.

³¹ Idem, Ibidem, Prólogo.

³² Idem, Ibidem, Capítulo II, 8.

³³ Idem, Ibidem, Capítulo V, 1-2.

³⁴ Idem, Ibidem, Capítulo VII, 2.

³⁵ Idem, Ibidem, Capítulo III, 8.

³⁶ Idem, Ibidem, Capítulo V, 11.



Fig. 12: Grade no coro-alto da igreja.

*modo algum, antes do nascer do sol ou depois do pôr do sol*³⁷ e que “não seja permitido às irmãs falar no locutório ou na grade sem licença da abadessa ou de sua vigária”³⁸.

Quando alguma irmã necessitar de sair do convento “*não se ausente por muito tempo, a não ser que o exija uma manifesta necessidade*”³⁹ e “devem falar pouco, para poderem identificar sempre os que as virem”⁴⁰.

As freiras Capuchinhas assistiriam à celebração eucarística atrás de uma grade de forma a conseguirem ver sem serem vistas [fig. 12]. Entrariam em contacto com o confessor que teria o encargo aconselhar as mesmas devendo no momento da confissão estar num lugar em que pudesse ser visto.

Para sustento da casa e “afastando o ócio, inimigo da alma”⁴¹, as freiras teriam tarefas a realizar que “a abadessa ou a vigária devem indicar em capítulo”⁴². Estas tarefas poderiam ir desde trabalhos na enfermaria, até ao cultivo agrícola no interior da cerca, à preparação de refeições ou ao zelo pelo asseio das instalações.

Cada espaço do edifício teria um ambiente específico sendo a vivência diversificada e definida pelas atividades que neles se fariam. A igreja seria o lugar mais sagrado e respeitado do complexo, aquele no qual as freiras teriam mais brio e orgulho. As celas, voltadas para o interior da cerca, seriam locais habitados apenas durante a noite. O claustro seria silencioso, ouvindo-se apenas o som da água na fonte. Na enfermaria poderia haver algum ruído “para distrair as doentes”⁴³.

No final do século XIX, com o edifício sem utilização, os espaços começaram a degradar-se e com isso as vivências foram substituídas pelo abandono pela progressiva apropriação pela natureza. No interior do convento restariam os poucos bens das freiras, e encontrar-se-iam rebocos e madeiras a deteriorarem-se pela falta de manutenção.

Em 1918, após obras de remodelação, D. Domingos e os seus rapazes instalam-se no edifício monástico dotando os espaços com um novo carácter. Em espírito cristão, os rapazes viam o padre educador como figura paternal de todos, demonstrando pelo mesmo grande respeito e devoção. Resgatando jovens pobres, as oficinas procuravam a sua reintegração social alterando os seus hábitos [fig. 13]. Educavam-nos de forma a melhorar o seu futuro. O espírito de “*educação*

³⁷ REGRA DE SANTA CLARA POR PAPA INOCÊNCIO IV, 1247 Capítulo V, 14.

³⁸ Idem, Ibidem, Capítulo V, 5.

³⁹ Idem, Ibidem, Capítulo IX, 12.

⁴⁰ Idem, Ibidem, Capítulo IX, 13.

⁴¹ Idem, Ibidem, Capítulo VII, 2.

⁴² Idem, Ibidem, Capítulo VII, 3.

⁴³ Idem, Ibidem, Capítulo V, 3.

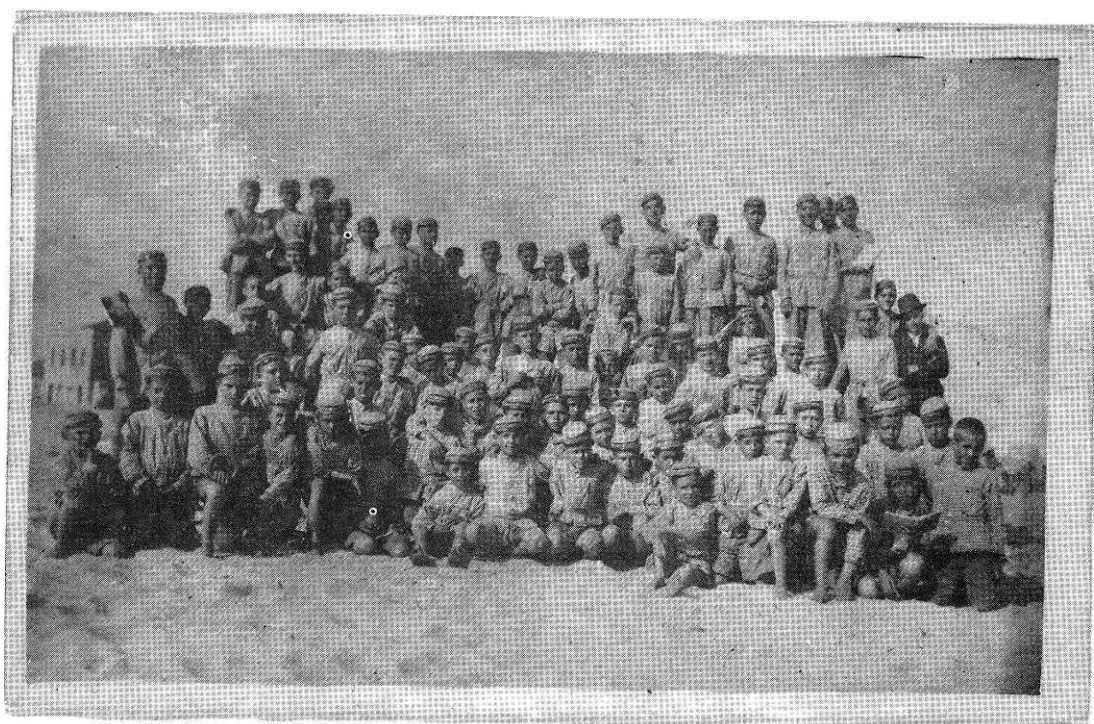


Fig. 13: Jovens das Oficinas do São José na primeira colónia de férias (História Breve das Oficinas de S. José de Guimarães).

*religiosa*⁴⁴ para a vida, regeu o ensino desde a fundação das Oficinas até à sua transição para Centro Juvenil de S. José. O catolicismo era de tal forma importante no início que D. Domingos “aconselhava todos os alunos a que, sempre que passassem pela capela, não deixassem de entrar nela”⁴⁵.

Ao contrário das freiras, era para a integração na cidade e na sociedade que esta nova comunidade trabalhava. O projeto propunha uma integração dos rapazes na cidade e por isso estabeleciam-se fortes ligações com a mesma. As saídas, em forma de visita de estudo como “a 1ª colónia de férias em Vila do Conde”⁴⁶ era um desses sinais de abertura. A integração de profissionais, formados nas escolas das Oficinas, no mercado de trabalho ou a participação da “Banda de Música”⁴⁷ em alguns acontecimentos e festas da cidade reforçam a ideia que as Oficinas trabalhavam em conjunto com a sociedade e a cidade Vimaranesa.

A integração dos alunos formados nas escolas das Oficinas em indústrias ou grupos de Guimarães foi uma constante. Da escola de Tipografia saíram alguns dos melhores profissionais do ramo [fig. 14] e das escolas de Carpintaria, Serralharia, Tecelagem e Sapataria trabalhadores que ainda hoje laboram na mesma área. Saíram também músicos que ingressaram na Banda dos Guizes, dos Bombeiros e várias outras.

Após a instalação das Oficinas no antigo convento, várias personagens passam a desempenhar diversas tarefas num mesmo lugar. Com os rapazes, a serem os utilizadores principais dos espaços, surgem novas figuras de destaque no funcionamento da comunidade: diretores, professores ou auxiliares de manutenção trabalham em simultâneo no edifício e complexificam o seu programa.

Atualmente, fruto da diversidade de usos, a espacialidade original do edifício encontra-se subdividida, e cada atividade/sector a usufrui do seu espaço próprio: a igreja apresenta-se como um lugar museológico de acesso pontual e com valor artístico; a tipografia, descendente da antiga escola, aparece como espaço de trabalho industrial standardizado; a secretaria e as salas de direção surgem como lugares de administração; nos dormitórios, espaços formalmente semelhantes, encontram-se dois tipos de vivência: uma associada aos jovens do Centro que os utilizam apenas para dormir (fruto da ocupação com atividades no resto do dia) e uma outra ligada ao hostel, onde os quartos deixam de ser apenas locais de repouso e adquirem uma dimensão de

⁴⁴ ABREU, Araújo; FONSECA, Álvaro Baltasar Moreira da - *História Breve das Oficinas de São José de Guimarães*. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1989, p.77.

⁴⁵ Idem, *Ibidem*, p.79.

⁴⁶ Idem, *Ibidem*, p.44.

⁴⁷ Idem, *Ibidem*, p.97.



Fig. 14: Tipografia do Centro Juvenil de São José.

casa (utilização dos dormitórios durante todo o dia e com usos que vão desde a alimentação ao lazer e repouso); a cantina é provavelmente o programa atual mais próximo ao antigo refeitório existente ao tempo conventual com a preparação de refeições de forma comunitária a manter-se e a utilização do espaço a confinar-se às horas das refeições tal como antes.

Em termos da relação das pessoas que habitaram o convento com a cidade e a sociedade observa-se uma progressiva alteração ao longo da sua história. Desde as freiras que se enclausuravam até aos dias de hoje, em que os alunos vivem fora durante a maior parte do dia, houve uma crescente abertura na forma de viver. O convento “muralha”, fechado em si próprio, é cada vez mais um equipamento que faz parte da cidade, estabelece relações e encontra-se ligado à sua envolvente. Em simultâneo, o edifício sofreu uma fragmentação faseada como resposta à diversificação de utilizadores e de novas tarefas que surgiram.

CAPÍTULO 2

DA LEITURA DO EDIFÍCIO À INTERPRETAÇÃO

MÉTODO INTERPRETATIVO

Tendo por objetivo criar uma narrativa histórica do edifício propõe-se a criação de um olhar específico sobre o objeto. Devido a esta abordagem, o trabalho será sempre marcado por uma singularidade resultante do cruzamento da nova informação recolhida com o conhecimento já adquirido. Com a interpretação pretende-se criar uma reconstituição das formas e volumes de um edifício sobre o qual existe pouco registo. Dados relativos à construção e contexto (local e temporal) são tratados de forma a conseguir criar informação que contribua para a elaboração da linha cronológica do objeto. Para o desenvolvimento da narrativa utilizam-se como fontes principais o levantamento métrico e visual elaborado e os registos escritos e verbais encontrados.

A construção de uma linha cronológica relativa ao Convento das Capuchinhas implica que seja definido o intervalo de tempo em que o edifício terá existido. A sua fundação (1683) marca assim o ponto inicial de reflexão sobre o objeto. O estado atual (2014) apresenta-se como última fase do intervalo em estudo. Relativamente ao período anterior à existência do convento serão feitas referências que se considerem importantes para perceber os motivos que levaram à sua construção ou que justifiquem a forma e morfologia do edifício.

As obras e os acontecimentos marcantes que mantiveram o Convento das Capuchinhas em constante transformação conduzirão à definição das suas fases de evolução. Fazendo uma divisão temporal da linha cronológica de forma a obter uma síntese da transformação do edifício, consideraram-se três intervalos principais que se subdividem do seguinte modo: ‘Conventual’ analisa o convento desde a sua fundação até à data em que se deu a extinção da vida monástica com a morte da última capuchinha (1683-1888); ‘Abandono’ interpreta aquilo que terá sido o convento numa fase de abandono posterior à sua extinção (1888-1918); ‘Oficinas e Centro Juvenil’ faz uma síntese das transformações ocorridas desde a introdução das Oficinas de São José no edifício até à atualidade (1918-2014). Cada intervalo de tempo será subdividido em fases que funcionam como “secções temporais” da linha cronológica. Em conjunto, estas imagens do edifício em diversos momentos explicam a transformação que o objeto sofreu ao longo dos séculos e o seu estado atual.

Esta divisão contribuirá para uma identificação e valorização de cada setor do edifício em relação ao seu todo. Com a dissecação do palimpsesto das camadas construtivas, sobrepostas ou justapostas ao longo do tempo, encontrar-se-ão fragmentos que serão utilizados como pistas e justificações para a interpretação de cada fase. Numa investigação de vestígios, visíveis no edifício atual, procura-se recriar cenários anteriores do volume. Em paralelo estarão os registos

escritos e orais sobre o passado que justificam e servem de linhas matrizes para a investigação da construção. Após a definição de cada fase, utilizando os fragmentos e registos, procurar-se-á fazer uma interpretação da mesma de forma a conseguir construir uma linha cronológica coerente e representativa da transformação do edifício.

Metodologicamente, a interpretação começou com o levantamento das marcas encontradas, através do recurso a desenhos e fotografias. Depois disto foram definidos, com o auxílio de documentação, os três intervalos de tempo nos quais os vestígios se enquadram. Viriam a ser subdivididos em fases após uma interpretação dos dados relativos a cada intervalo com exceção 'Abandono' representa-se apenas numa fase, por ser referente a um curto período de tempo no qual não terão existido obras. Numa segunda parte, os fragmentos dentro de cada intervalo foram analisados e reorganizados de forma mais profunda com objetivo de conseguir fazer o enquadramento de cada um deles no contexto artístico/arquitetónico da época. Ressalva-se a possibilidade de haver marcas cuja fase não se encontre bem definida e que, por isso, sejam referenciados como possibilidade interpretativa em mais que uma fase.

Para a análise dos traços do edifício foram consideradas várias ferramentas: o levantamento que possibilita a comparação direta com outros vestígios do convento ou com construções semelhantes na região ou na ordem capuchinha; o contexto histórico, social e artístico da época que pode justificar intervenções e caracterizar objetos no tempo pelas suas linguagens; os registos escritos e verbais encontrados que documentam e fazem referências diretas e indiretas a construções e transformações no edifício.

Após todas as pistas conseguidas através do estudo dos fragmentos, são criadas possíveis "imagens" do edifício. Uma nova interpretação original ganha espaço nesta parte do trabalho de forma a colmatar algumas incertezas ou incoerências de dados resultantes da análise e da inconstância de registos existentes. São definidas várias possibilidades de "imagens" que criem narrativas coerentes sobre o edifício utilizando os dados disponíveis. A proposta final de evolução do edifício funcionará como uma síntese das transformações ocorridas ao longo dos séculos. A sua fundamentação incorporará todos os dados importantes sobre a construção desde a sua fundação até à atualidade. Pela sua abordagem, o olhar interpretativo deste método transforma esta investigação, num trabalho aberto a futuros contributos que permitam aprofundar as narrativas. As "imagens" finais criadas para cada uma das fases resultam da análise feita e dos dados recolhidos em relação ao edifício. Por isso, este processo de trabalho pode ser considerado um exercício de criação e compilação de conhecimento inédito relativo à história do edifício.



Fig. 15: Recolhimento do Anjo no Largo Condessa do Juncal antes da sua demolição (<http://www.amap.com.pt/uploads/c/content/4/6-66-5-7.jpg>).



Fig. 16: Rua Val de Donas (<http://reimaginar.webprodz.com/imagem/pt-rmgmr-cfm-268/>).



Fig. 17: Lugar do Campo Galego ou Rosal de Santa Isabel.

CONVENTUAL

Fundação (1681-1716)

Registo

A fundação do convento remonta a *“quatro do mez de Abril de 1683, dia affinalado de Quarta feira de Trevas, dõde daíram fahirão em prociffão acompanhando com o Cabido, & mais Religiões ao Santiffimo Sacramento, que foraõ recolher ono feu novo Mofteiro do campo do Gallego”*¹ e tem como figura central D. Catarina das Chagas, beata da ordem terceira de S. Francisco. O sonho de criar uma comunidade que procurasse viver segundo ideais de clausura nasceu quando esta vivia na companhia de outras irmãs, no Recolhimento do Anjo [fig. 15], que existiu até á primeira metade do século XX no largo de S. Paio.² Em junho de 1672, com o auxílio de Pedro Francisco, de Atães, uma pequena comunidade de irmãs, dirigida por D. Catarina das Chagas juntam-se com o objetivo de *“observar aquela imitação de vida monástica”*³ numa propriedade situada na Rua de Vale de Donas [fig. 16]. Nove anos depois, e tendo por objetivo dar a esta comunidade uma experiência de vida religiosa completa e regular, frei Francisco do Salvador, com a ajuda de esmolas e donativos, *“princiou a fundação dum novo convento, hoje o de Madre de Deus, (...) no lugar do Campo Galego, também chamado Rosal de Santa Isabel”*³ [fig. 17]. Vivendo em Clausura estas irmãs procuraram desde cedo serem reconhecidas pela Santa Sé e dotadas com uma Regra própria. *“A varonil Catarina das Chagas, lastimando que um tal recolhimento não tivesse uma sanção pontificia, nem uma regra autorizada pela Igreja, deixa Guimarães em 1690, e desfigurada em trajes de homem, parte para Roma (...) e consegue do pontífice Inocêncio XII a aprovação para o Instituto, e Regra primeira de Santa Clara, a 21 de Junho de 1693. (...) Na volta para Portugal, foi em Espanha surpreendida pela morte (...) ficando sem execução este Breve.”*⁴

¹ COSTA, P. António Carvalho da - *Da Corografia Portugueza: Tomo Primeiro*. Lisboa: Edição Valentim das Costa Deslandes, 1706, p. 69-70.

² ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES - *Livro de atas da Camara Municipal de Guimarães*. Guimarães: Camara Municipal de Guimarães, 11 de Novembro de 1910.

³ CALDAS, Padre António José Ferreira - *Guimarães, Apontamentos para a sua história*. Guimarães: Edição Câmara Municipal de Guimarães/Sociedade Martins Sarmento, 1996, p. 341.

⁴ Idem, *Ibidem*, pág. 342.

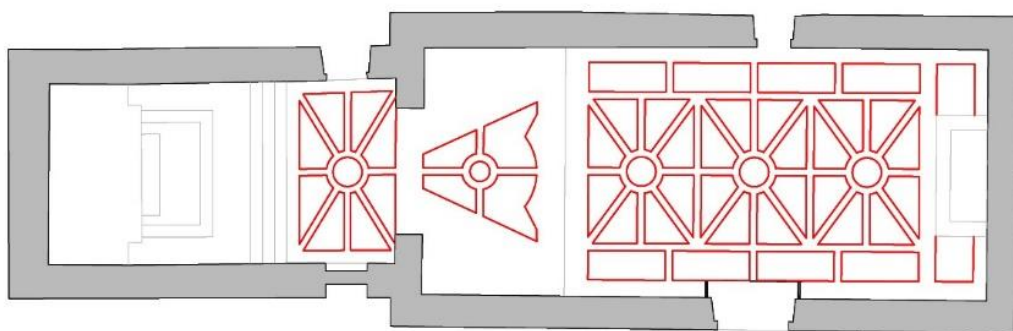


Fig. 18: Desenho do baixo-relevo no piso da igreja.

Levantamento

A fundação do convento ter-se-á iniciado, com a construção da igreja que serviria as necessidades eucarísticas da comunidade. À época, estes espaços, onde se encontrava o Santíssimo Sacramento, eram fundamentais no funcionamento interno dos conventos. Construtivamente regiam toda a implantação e crescimento das alas dos complexos monásticos. A implantação da igreja do Convento das Capuchinhas não respeita a orientação tradicional para Nascente. Por sua vez, parece ter sido influenciada pelo alinhamento do local com a torre da Colegiada de N. S. Oliveira, à qual as várias instituições religiosas de Guimarães prestavam vassalagem⁵. O interior do edifício é formado por dois espaços principais: a nave e a capela-mor. Estes são separados por um arco de volta perfeita, assente em pilastras toscanas. A entrada principal é feita lateralmente, como é característico das igrejas de conventos femininos. A capela-mor é um espaço retangular coberto com teto em abóbada. A nave principal é coberta por teto em abóbada e na parede oposta ao altar encontra-se a abertura do coro através do qual as freiras assistiriam à eucaristia. A cota de piso da capela-mor prolonga-se para a nave principal. Ao longo do chão encontra-se um baixo-relevo com desenho geométrico em pedra [fig. 18]. No perímetro do piso da nave principal observam-se pedras tumulares onde seriam enterradas as irmãs do convento. Pelo exterior ambos os volumes apresentam grandes panos de parede sem decoração. Apenas na porta de acesso à igreja e nos remates superiores dos volumes (provavelmente já modificados) encontram-se ornamentos, sempre muito controlados.

Metricamente observam-se a proporção de raiz de dois parece desenhar o espaço visual da capela-mor até ao altar-mor. Em termos métricos o templo terá sido desenhado utilizando pés e/ou palmos de craveira, as unidade de medida em vigor na época.

Na nave da igreja encontram-se duas janelas de 114 x 284 cm, a porta de entrada de 396 x 294 cm e duas aberturas que se ligam com o interior do convento. No fundo da nave ainda se observa a abertura pela qual as freiras assistiam à eucaristia. Com duas janelas de 114 x 284 em cada parede lateral e duas aberturas (uma delas entaipada) nas fachadas laterais e duas pequenas janelas na fachada que se encontra atrás do altar, a capela-mor é marcada por uma simetria de vãos. Todas as janelas encontradas na igreja são capialçadas. A porta de entrada é decorada com elementos maneiristas/barrocos.

⁵ Para um estudo mais aprofundado sobre a Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira consultar: FERNANDES, Isabel, Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira: história e património. Guimarães: Fábrica da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, 2011.



Fig. 19: Interior da igreja do Convento das Capuchinhas.



Fig. 20: Pórticos em conventos vimaranenses, respetivamente, Capuchinhas, São Francisco, Carmo e Dominicas.

A linguagem chã com paredes austeras e com uma concentração de decoração na porta de entrada está bem visível na igreja do convento. Encontram-se referências a um classicismo mais erudito normalmente conotado como maneirismo na porta de entrada com a utilização livre de elementos como o arco triunfal [fig. 19]. Por outro lado parece existir já uma primeira referência, com as volutas, à linguagem que viria a surgir nas décadas seguintes: o barroco. Espacialmente a igreja enquadra-se no tipo “caixa”, uma das três tipologias de igrejas da arquitetura chã, apresentada por Kluber⁶ em *“Portuguese plain architecture – Between species and diamonds”*. Esta é caracterizada pela abertura da capela-mor para a nave através de um arco triunfal, sendo ambos os volumes paralelepípedos sem qualquer elemento estrutural interno e apenas com uma cobertura em abóbada. Na sua construção foi utilizada a pedra, tendo as paredes um pano duplo com enchimento e medem entre 85 e 95 cm. A pedra utilizada na construção apresenta os silhares regulares e bem definidos apenas nas pilastras que rematam os cantos.

Em Guimarães pode encontrar-se vários exemplos que enquadram esta igreja num tempo e numa linguagem arquitetónica. São vários os pórticos decorados em igrejas chãs⁷, encontrados nos conventos construídos no século XVII [fig. 20]: no Convento do Carmo a entrada da igreja é marcada por um pórtico com a mesma linguagem; numa das alas do Convento de S. Francisco é visível uma entrada marcada por decoração semelhante ao das Capuchinhas; no Convento das Dominicás, observa-se um pórtico na entrada da igreja embora este de gosto barroco. Com a mesma escala e de proporção semelhante, a igreja do Convento do Carmo, hoje lar de Santa Estefânia, é uma construção que remonta aos séculos XVII/XVIII e que é, em muito, comparável com o caso de estudo: a disposição espacial da sacristia, os acessos ao púlpito e a relação com o claustro dão opções daquilo que poderá ter existido no Convento das Capuchinhas aquando da sua fundação.

⁶ KLUBER, George - *Arquitectura Portuguesa Chã: Entre Especiarias e Diamantes*. 2ª edição. Lisboa: Veja, 2005.

⁷ Este tema será aprofundado mais à frente em: Do enquadramento local ao global, Arte e Sociedade, Séculos XVI e XVII, Estilo Chão.

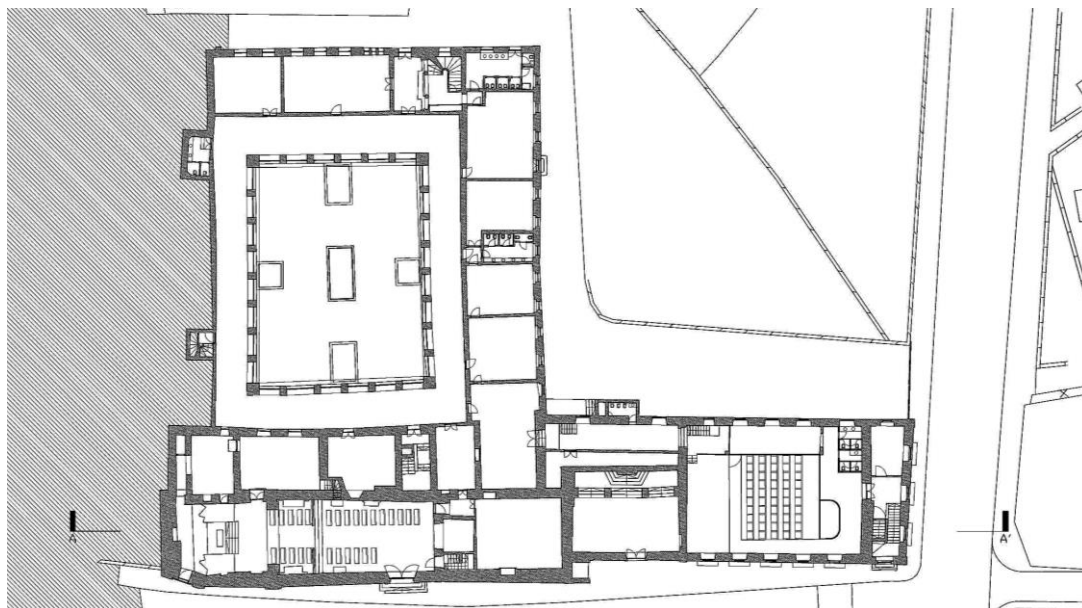


Fig. 21: Planta da igreja do Convento do Carmo (Escola de Arquitetura da Universidade do Minho).



Fig. 22: Vão do púlpito da igreja do Convento das Capuchinhas em Guimarães.



Fig. 23: Acesso ao púlpito da igreja do Convento das Capuchinhas em Guimarães.



Fig. 24: Janelas entaipadas na parede sudoeste da capela-mor.



Fig. 25: Porta entaipada com betão na parede nordeste da capela-mor.

Interpretação

Tendo como base a época em que o convento foi fundado, as características da linguagem chã encontradas, as semelhanças tipológicas com a igreja do Convento do Carmo [fig. 21] e a forma comum de se edificar complexos monásticos, pode considerar-se com alguma certeza que a igreja terá sido o primeiro e mais importante volume a ser levantado. Partindo dessa premissa e observando que atualmente esta contém alguns dos seus vãos fechados ou inacessíveis, procurar-se-á reconstruir esta primeira fase através do reconhecimento das funções originais de cada janela e porta da igreja.

Se a porta principal de acesso ao templo não terá sofrido alterações, a porta que permitiria o acesso do sacerdote encontra-se hoje entaipada por via de um considerável aterro que mais tarde terá sido feito na fachada lateral da capela-mor [fig. 25]. Da mesma forma duas das quatro janelas que iluminariam a capela-mor encontram-se hoje inutilizadas, resultado do crescimento posterior do edifício [fig. 24]. O púlpito [fig. 22], local onde se recitariam os sermões, não tem qualquer acesso de momento, estando mesmo a laje do segundo piso a meio do vão [fig. 23]. Considerando que aquando da construção todos estes elementos estariam em funcionamento, poder-se-á começar a desenhar uma proposta de alguns espaços e acessos que deveriam existir.

Utilizando a igreja do Convento do Carmo como modelo para reimaginar a planta do Convento das Capuchinhas propõe-se que a sacristia funcionasse num espaço paralelo à capela-mor do qual haveria um acesso para o púlpito. Este espaço, embora coincidente em planta com o existente, teria um pé-direito inferior e seria coberto por telhado sem que houvesse segundo piso para, desta forma, se conseguir iluminar de forma simétrica a capela-mor. A igreja seria toda ela mais alta e haveria uma pequena janela quadrangular no alinhamento vertical do arco da igreja. Esta ainda hoje é visível pelo exterior do volume embora não se saiba ao certo se teria como função iluminar o interior da templo ou o sótão. O coro alto seria diferente daquele que se encontra atualmente, sendo mais “limitado e escuro”⁸. Deveria ter um acesso que permitisse a interação tanto com o interior do convento como com a igreja onde as irmãs receberiam o Santíssimo Sacramento nos primeiros tempos. Residem várias dúvidas sobre aquilo que poderia estar no piso imediatamente abaixo do coro. Considerando a existência de um acesso ao interior do convento que não contemplasse a passagem pela igreja, este seria o local mais imediato para a sua

⁸ CALDAS, Padre António José Ferreira - *Guimarães, Apontamentos para a sua história*. Guimarães: Edição Câmara Municipal de Guimarães/ Sociedade Martins Sarmento, 1996, p. 344.



Fig. 26: Espaço interior do claustro com fonte ao centro.



Fig. 27: Fachada sudoeste do convento com uma diferença de estereotomia.

localização. Resta a dúvida sobre se este espaço seria já um espaço interno do convento, que funcionaria como “portaria” ou se por outro lado seria um nártex com arcos e teria um carácter público.

Tendo em conta a necessidade de existência de uma cerca, acredita-se que esta deveria começar no local onde terminava o volume, acompanhando a topografia que nesta época seria muito mais continua. O terreiro deveria ter características diferentes das que se encontram hoje, não tendo provavelmente a sua forma bem definida e estendendo o seu comprimento até ao término da capela-mor. Deveria existir já a traçaria do claustro lançada e talvez a fonte a marcar o seu centro, pois eram estes elementos que, na época, organizavam o crescimento dos volumes em seu redor. O Claustro, a par com a igreja, eram considerados os lugares de comunicação com o sagrado e por isso parte importante da vida em clausura [fig. 26].

É para a questão em torno do lugar onde as irmãs dormiriam e se reuniriam para o capítulo, que menos pistas se encontram. Se é certo que em 1683 as irmãs se mudaram para este novo complexo, certo é também que já deveria haver nele algumas celas individuais e uma sala do capítulo, por mais rudimentares que estas fossem. Posto isto podem considerar-se válidas duas opções: uma na qual as celas seriam ao lado da igreja na mesma ala, sendo construções efêmeras em madeira num segundo piso; outra na qual se propõe que, já nesta fase, teria existido um primeiro crescimento da ala Sudeste [fig. 27]. Esta opção pressupõe a construção de um muro de suporte de terras estando as celas voltadas para o interior do claustro (no crescimento comum dos conventos e mosteiros, as alas em redor dos claustros fazia-se sempre partindo da capela-mor e dando a volta ao claustro até que este se encontrasse fechado). Se no primeiro caso a sala do capítulo funcionaria no rés-do-chão, junto da igreja, tal como acontece no Convento do Carmo, no segundo caso o capítulo poderia fazer já parte da nova ala.

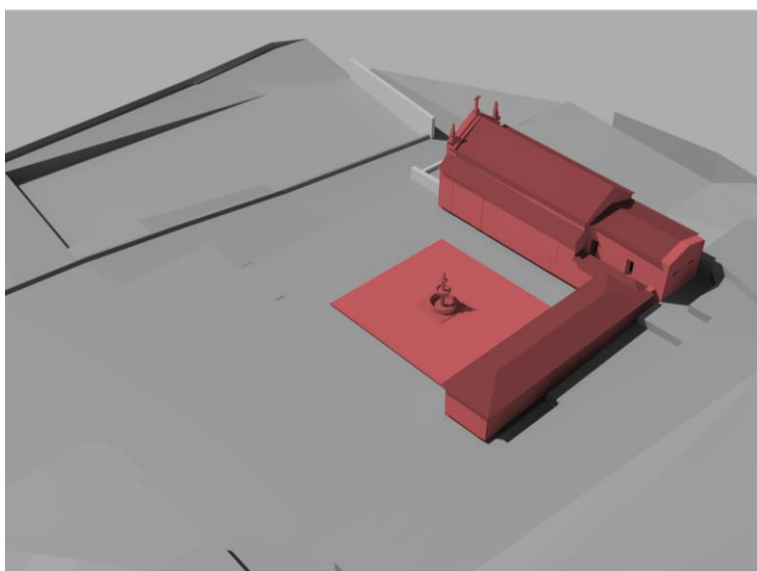
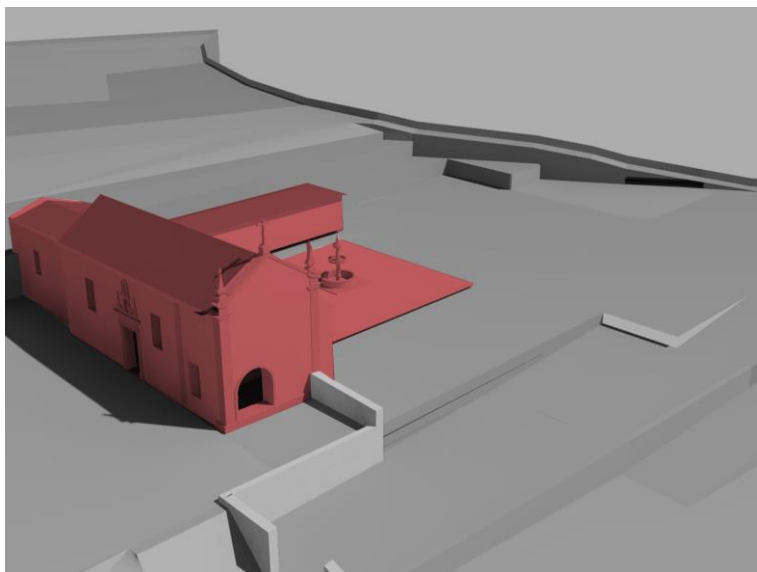


Fig. 28 e 29 Representação tridimensional da fase "Fundação".

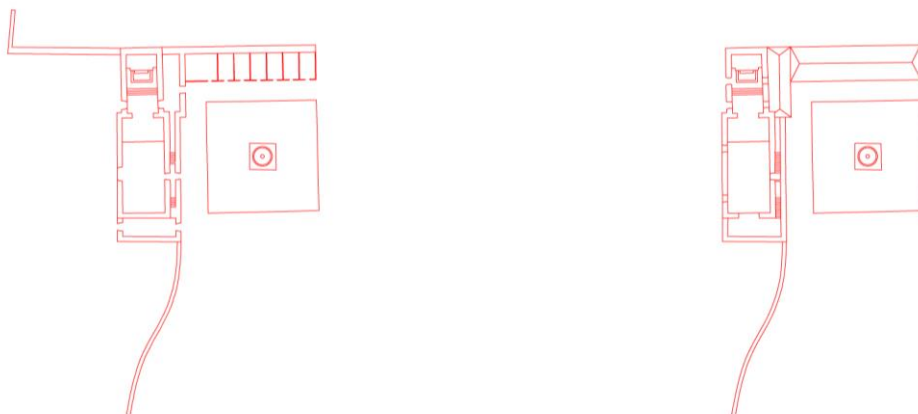


Fig. 30 Proposta de planta para a fase "Fundação".

Imagem

A primeira fase do funcionamento do convento é explicada por dois momentos principais: um primeiro em que, ainda sem existir o edifício, a comunidade se forma e se instala no Recolhimento do Anjo e depois na Rua de Vale de Donas; um segundo remetente para a fundação e entrada no novo convento no ano de 1683. Debruçando-se o trabalho sobre o edifício do Convento das Capuchinhas fica claro que a imagem principal a ressaltar desta primeira fase é a do primeiro edifício que foi construído.

Postas várias opções de reconstituição volumétrica do que terá sido a primeira construção no local, acredita-se que aquando da entrada das irmãs já existiriam duas alas e o traçado de um claustro [fig. 28 e 29]. A ala da igreja teria pé direito duplo em toda a sua extensão com exceção da sacristia. Existiriam todos os acessos que permitiam funcionar o púlpito, o coro alto e os vãos [fig. 30]. Na ala sudeste já seria possível encontrar um volume de um piso. Este coincidiria com aquilo que hoje é a diferenciação de pedra visível fachada sudeste do edifício. Encontrar-se-ia já uma cerca que permitia às irmãs trabalharem no campo e estarem dentro do convento sem serem vistas ou incomodadas. A entrada nesta cerca seria feita junto daquilo que hoje é a entrada principal, de forma a esta poder ser controlada desde a portaria, situada abaixo do coro.



Fig. 31: Lápide de Dona Luiza Maria da Conceição na ala nordeste do convento.

Crescimento (1716-1739)

Registo

Corria o ano de 1716 quando D. Rodrigo de Moura Teles, arcebispo de Braga na época, “*obtéu um novo Breve de Clemente XI*”⁹ dando ordem para que este fosse executado de imediato. Nomeando para o cargo de primeira abadessa do convento a própria irmã do arcebispo, “*soror Luísa Maria da Conceição, religiosa do mosteiro da Senhora da Madre Deus em Lisboa*”¹, o convento entrava assim naquela que seria a sua maior fase de crescimento. Fazendo a entrada solene a 13 de Abril de 1716, as vinte recolhidas passavam agora a viver sob uma regra autorizada de Santa Clara. O ambiente à data era de uma grande animação e entusiasmo pela chegada da nova abadessa sendo que “foram de festa e regozijo para Guimarães os três dias seguintes ao da sua entrada”¹⁰. A influência de soror Maria Luísa da Conceição – “*ilustre filha dos condes de Val de Reis e irmã do primaz das Espanhas*”¹¹ (mais importante título religioso da península ibérica na data) – é tal que fará dela a maior obreira da história do Convento das Capuchinhas.

As suas obras dividiram-se em três campanhas principais. Nos primeiros anos “*ladrilhou o claustro que era térreo; e dividiu-o em sepulturas; levantou um novo dormitório, dotando-o com uma sala de labor, ampla e alegre; e acrescentou várias celas, casas do noviçado e livraria*”³. Após a morte do Arcebispo D. Rodrigo Moura de Teles em 1728, D. Maria Luísa da Conceição, com dinheiro que este legara ao convento, “*construiu uma vasta e espaçosa enfermaria, com cozinha dentro dela para o serviço da mesma; refeitório para comerem juntas as convalescentes; capela ao fundo da enfermaria para ali dizerem missa os padres que vão administrar os sacramentos e mais duas capelas para uso das convalescentes*”³. Mais tarde, mandou “*construir uma cozinha com quatro torneiras de água dentro, e várias casas térreas e celeiros. Alargou e ornou o coro que era muito limitado e escuro; e conseguiu licença para nele terem o sacramento, que aí foi colocado a primeira vez, com grande solenidade em dia das chagas de S. Francisco em 1734*”³.

D. Maria Luísa da Conceição, “fatigada finalmente de tão valiosos serviços, descansou da vida na morte, em 1 de Abril de 1739”³ tendo sido sepultada no claustro do Convento das Capuchinhas que ela mesmo mandou ladrilhar [fig. 31].

⁹ CALDAS, Padre António José Ferreira - *Guimarães, Apontamentos para a sua história*. Guimarães: Edição Câmara Municipal de Guimarães/ Sociedade Martins Sarmento, 1996, p. 342.

¹⁰ Idem, *Ibidem*, pág. 343.

¹¹ Idem, *Ibidem*, pág. 344.

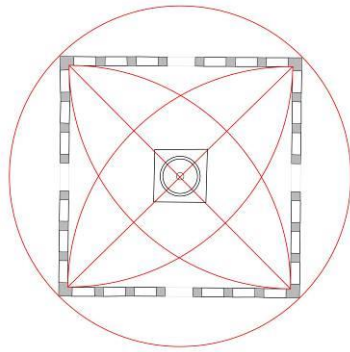


Fig. 32: Estudo da geometria do claustro em planta.

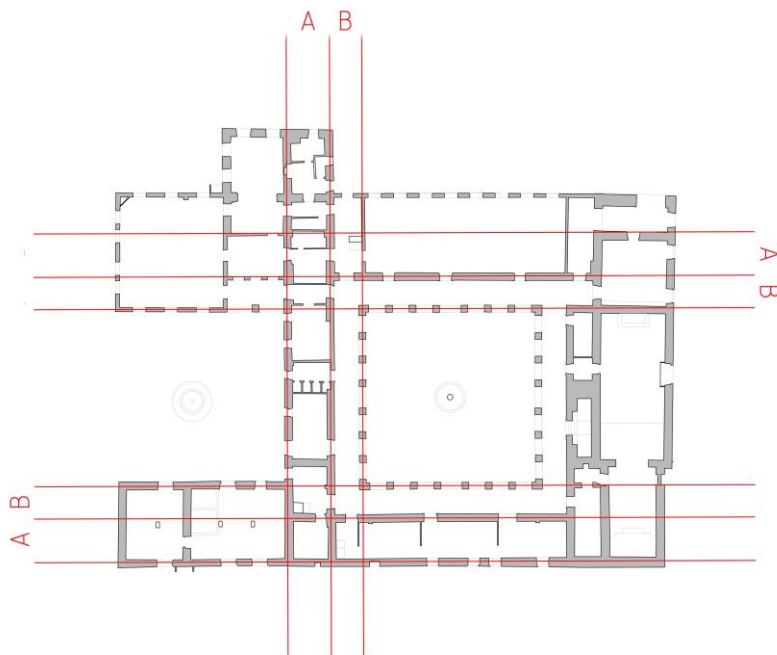


Fig. 33: Estudo de proporções das alas em planta.

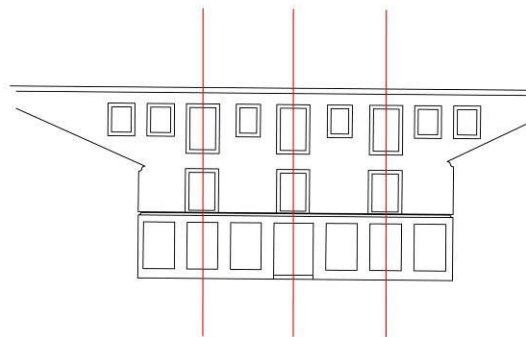


Fig. 34: Estudo de composição da fachada sudeste do claustro.

Levantamento

Sendo esta fase aquela sobre a qual mais registos de obras no edifício se encontram acredita-se que grande parte das paredes das alas do convento remontem a esta época. Em redor dos claustros desenvolviam-se, de forma contínua, as alas dos conventos e mosteiros. Iniciando-se com a ala da igreja, o crescimento do convento era traçado pela sacristia que seria construída com comunicação para o claustro e marcava o primeiro volume da nova ala.

A matriz estruturante do crescimento conventual surgiu aquando da sua implantação. A colocação (habitual) do claustro a sul da igreja definiu que os seus volumes seriam construídos partindo da capela-mor. Atualmente as alas Sudeste e Sudoeste apresentam a mesma largura e proporção [fig. 33]. A ala Noroeste tem uma dimensão superior embora se encontrem marcas que terá em tempos sido semelhante às anteriores: um arco entaipado na área técnica da tipografia alinha com a parede que atualmente divide a secretaria do espaço de entrada, fazendo desenhar uma possível fachada com a mesma distância ao claustro das restantes; registo verbal de em meados do século XX terem existido obras de ampliação da tipografia que terão transformado a ala¹². Geometricamente o claustro é quadrangular com uma fonte no seu incentro [fig. 32]. As suas fachadas têm oito pilares sendo seis deles quadrangulares com 70 cm e os dois de cada extremo em “L” fazendo o cunhal com a fachada seguinte. Não existe qualquer ordem, capitel ou embasamento sendo os pilares “travados” entre eles com peças que têm cerca de 40 cm de altura e 70 cm de largura, situados à cota do piso. O remate superior dos pilares encontra-se construído em verga reta com peças de pedra com a mesma largura. A separar a fachada dos pisos encontra-se uma espécie de singela cornija semelhante às encontradas nos remates da cobertura em todo o edifício. As paredes do segundo piso do claustro são marcadas, com três portas que se abrem para a fonte. Respeitam uma composição simétrica e relação vertical com a marcação dos pilares no rés-do-chão [fig. 24]. Na única ala que tem três pisos, a fachada do claustro contém ainda janelas voltadas para o claustro que se intercalam com as portas (alinhadas com as do 2º piso).

Quando comparado com outros complexos religiosos, o claustro do Convento das Capuchinhas mostra-se singular. A sua linguagem rude, pesada e funcionalista associada ao seu rigor geométrico e qualidade construtiva cria associações não com as construções da data mas com obras recentes onde a tecnologia já se mostrava mais evoluída. Por outro lado o seu rigor compositivo e diferenciação de aparelho associa-o a construções da época. O claustro do

¹² Segundo relatos do antigo aluno das Oficinas de São José, Sr. Manuel Magalhães.

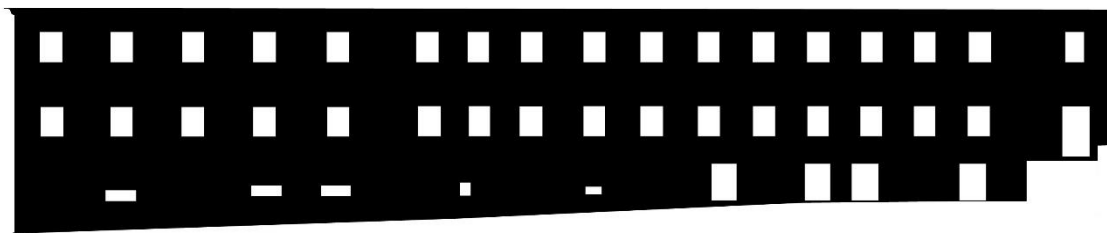


Fig. 35: Estudo de aberturas na fachada sudeste do edifício.



Fig. 36: Estudo de aberturas na fachada sudoeste do edifício.

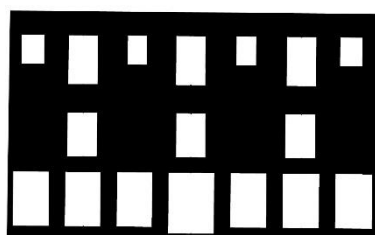


Fig. 37: Estudo de aberturas na fachada sudeste do claustro.



Fig. 38: Estudo de aberturas na fachada nordeste da nave da Igreja.

Convento do Carmo, mais uma vez demonstra um gosto compositivo que em alguns pontos se aproxima das capuchinhas: existência de galeria no primeiro piso tendo os superiores apenas alguns vãos; embora com arco e ligeira marcação de capitel o claustro é composto por pilares quadrangulares; em ambos encontra-se a simetria das fachadas, como acontece em grande para dos complexos religiosos da época [fig. 37].

Quando se observam as fachadas que não estão em contacto direto com o claustro denota-se a existência de uma liberdade compositiva muito maior [fig. 35]. Não se observam relações de simetria ou preocupações com “ornamentações” como a cornija a dividir os pisos. Em algumas paredes até se chega a misturar uma variedade considerável de vãos (quicá fruto de transformações posteriores) [fig. 36]. Na ala sudeste do convento verifica-se um ritmo muito marcado de janelas que se abrem para o interior da cerca tanto no segundo como no terceiro piso. Uma pilastra divide exteriormente as fachadas em duas partes. Observando a fachada voltada para o interior da cerca, contam-se 11 janelas (por piso) na porção mais a Norte e 5 janelas (por piso) na porção mais a Sul [fig. 35]. O volume que contém três pisos é rematado com duas grandes portas no segundo e terceiro piso. Voltado para a pequena fonte (registo da vontade de crescimento de um segundo claustro) encontram-se duas fachadas que remetem para esta época: A ala sudeste apresenta três portas no primeiro piso e várias janelas nos seguintes, todos com molduras de 21,5 cm (correspondente à medida de um palmo); a ala sudoeste apresenta uma grande variedade de vãos de difícil interpretação (no primeiro piso, além de duas portas, encontram-se quatro janelas de proporção esguia e molduras de 14 cm enquanto no segundo piso surgem vãos pequenos (80cm x 80 cm) com molduras de 21,5 cm).

Especialmente a ala sudeste seria marcada, no segundo e terceiro pisos, por uma forte divisão. Por norma seriam os lugares com mais janelas, aqueles que estariam destinados a celas. Cada cela teria uma só abertura para o exterior e, especialmente nas ordens de clausura, estas estariam sempre voltadas para o lugar mais reservado possível sendo, no caso das capuchinhas, o lado oposto à cidade. No piso do rés-do-chão estariam situados os espaços mais amplos e com menos divisórias pois seriam estes lugares os destinados para realizar atividades comunitárias como refeições, capítulo e a atender algum necessitado na enfermaria que se regista existir¹³.

¹³ Tal como no convento de Santa-Clara de Guimarães aqui também existiu uma enfermaria que dava apoio às irmãs que de encontrassem doentes.

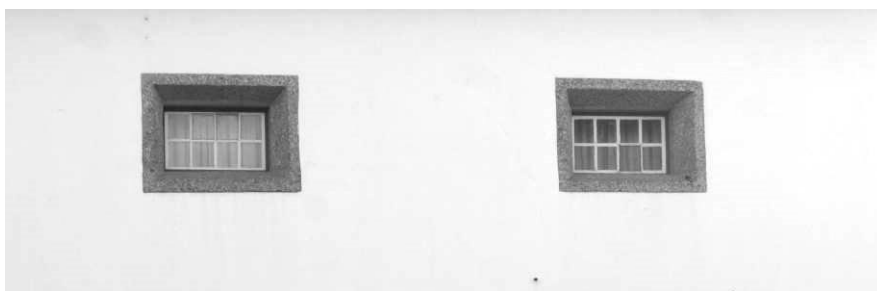


Fig. 39: Janelas do coro-alto na fachada nordeste do convento.



Fig. 40: Fachada noroeste do volume da igreja.



Fig. 41: Arco na fachada noroeste do volume da igreja.



Fig. 42: Arco na fachada noroeste do volume da igreja localizado no espaço de entrada.



Fig. 43: Arco de acesso à ala noroeste localizado no espaço de entrada.

Construtivamente, as paredes do claustro são de pedra granítica com 70 cm, e têm duplo pano de pedra. As paredes que dividem os corredores do claustro dos espaços das alas têm as mesmas características embora a sua dimensão varie entre os 75 e os 82 cm. Já nas fachadas exteriores, continuando com o mesmo tipo de construção, encontram-se variadas espessuras que se diferenciam por piso e por ala. Na ala sudeste, no rés-do-chão há uma variação de 79 a 85 cm, no segundo de 68 a 71 cm e no terceiro de 53 a 64 cm. Na ala sudoeste, com uma variação de 80 a 85 cm a parede encontra-se empenada, com variações de espessura e verticalidades perdidas. Foi com D. Maria Luísa da Conceição que o coro se alargou e iluminou. Acreditando que a porta voltada do salão nobre para a cidade terá sido posterior aos tempos conventuais, serão as duas janelas laterais de capialços, elevadas do nível do olhar para que não se perdesse a atenção à Eucaristia, as responsáveis pela iluminação do novo espaço [fig. 39]. Este relacionava-se com a igreja através de um arco, por onde as freiras observavam a missa sem serem vistas. Na fachada exterior, voltada para a cidade, encontram-se atualmente remates ornamentados e um crucifixo a coroar o topo. No rés-do-chão, perto da atual entrada abre-se um arco que enquadra a imagem da cidade de Guimarães por entre a parede mais espessa do convento (127 cm) [fig. 40 - 42]. No mesmo espaço, localizado numa parede de menor espessura, encontra-se um outro arco similar [fig. 43], do qual nasce uma abóbada de berço que ao interromper o alinhamento do primeiro arco cria uma intersecção parcial de abóbadas. Na fachada principal este espaço é marcado com uma porta rematada com entablamento, por onde se faz a entrada atualmente. A separar os espaços da entrada e da secretaria encontra-se a parede que parece alinhar com o arco da zona técnica da tipografia no desenho da presumível fachada. A secretaria abre uma entrada para o claustro e tem duas janelas para a fachada principal, tendo uma delas funcionado até à década de 80 como porta. Nestas encontram-se, pelo lado de dentro, dois simples adornos superiores a fazerem o remate.

São o claustro, as alas sudeste e sudoeste bem como a parte do volume onde se encontra o coro alto, que mais fragmentos deixam no levantamento para a criação das imagens relativas à fase em que D. Maria Luísa da Conceição foi abadessa do convento e na qual se terá levantado grande parte do atual edifício.



Fig. 44: Ala sudeste do claustro dividida em sepulturas.



Fig. 45: Arco que remataria a ala sudoeste, atualmente na cozinha.

Interpretação

Considerando a densidade de obras que este pequeno período de tempo observou e com vista a obter uma imagem mais aproximada sobre aquilo que foi a transformação do convento optou-se por fazer uma divisão em três imagens. Estas, quando lidas em conjunto, explicam a fase na qual o convento mais terá crescido. Apesar da existência de grandes obras durante esta época, não são encontrados registos ou dados relativos à localização programática ou composição volumétrica. As propostas apresentadas baseiam-se na organização e tipo de crescimento que é comum observar nos conventos, articulados com pequenos fragmentos encontrados no edifício atual.

Aquando da construção do claustro e dos corredores em seu redor houve uma manifesta vontade relativamente ao futuro do convento: esperava-se que crescesse em altura. Os pilares fortes do claustro assinalavam a intenção de construir paredes de pedra nas alas em seu redor. A construção deste complexo foi projetada e pensada numa linguagem e forma de construir que eliminava a decoração em prol da própria construção.

1. O claustro poderia já existir quando chegou ao convento D. Maria Luísa da Conceição, ou pode ter feito parte da grande campanha de obras lançada por ela. Há registo que ladrilhou o claustro, dividindo-o em sepulturas [fig. 44]. Este é um sinal que haveria um claustro lançado estando muito provavelmente em obras. A construção de novos dormitórios, sala de labor, livraria e casa do noviciado revela um crescimento em altura dos volumes, visto estes serem programas que normalmente se encontravam em pisos superiores. Atualmente encontram-se nas galerias das alas da igreja e da lavandaria sinais da divisão em sepulturas: pedras maiores marcam um alinhamento pelo centro da galeria. A divisão em sepulturas deverá ter acontecido apenas em metade do claustro, provavelmente aquela que teria alas na altura. Ao libertar o rés-do-chão do claustro das celas, agora nos pisos superiores, a ala Sudeste do claustro deverá ter passado a comportar a sala do capítulo e pelo menos uma capela. Na ligação das alas Sudeste e Sudoeste, no segundo piso, encontra-se um arco de volta perfeita. Tal arco faz acreditar que a construção do segundo piso de ambos poderá ter acontecido na mesma fase de obras pois não seria comum um espaço de dormitórios ter um arco voltado para a cidade. A fazer o remate da ala Sudoeste, no primeiro piso atualmente observa-se um arco [fig. 45]. Sendo estranho um espaço claustral como o refeitório ter uma grande abertura para a cidade, poderia funcionar aqui um espaço que se ligasse com a cozinha e em simultâneo fosse um espaço ligado ao cultivo agrícola, como uma dispensa.



Fig. 46: Fachada sudeste do edifício com marcação vertical na estereotomia.
 Fig. 47: Escadaria de duplo acesso ao segundo piso na ala da igreja.



Fig. 48: Janela longitudinal com capialços na fachada sudeste do convento.



Fig. 49: Vão entaipado de passagem da comida para o refeitório.
 Fig. 50: Fachada noroeste do edifício com diferenciação de estereotomia por pisos.

2. Aquando da construção do volume sudeste não deve ter existido alteração dos acessos e dependências da igreja. Prova disto é o recorte na estereotomia da fachada sudeste coincidente com a parede da sacristia [fig. 46]. Este acrescento terá acontecido aquando da construção da escadaria [fig. 47] e sua construção inviabilizou o acesso ao púlpito e duas das janelas da capela-mor. Situada numa cota de piso diferente do volume sudoeste (-18 cm), a nova laje, além de melhorar os acessos à zona das celas, cria uma ligação com exterior do convento. A existência de um arranque de escadas para o lado esquerdo, pressupõe a existência de um segundo piso na ala noroeste. O aparecimento do volume noroeste (diferente do atual) deverá remontar à mesma época de construção da escadaria. Nele encontrar-se-iam programas como: enfermaria, refeitório e capelas que prestavam o apoio às convalescentes. Tendo sido destruída a fachada exterior deste volume, não se encontram fragmentos consideráveis sobre o volume, sabendo-se apenas que teria dois pisos.

3. Fechado o claustro, as obras seguintes procuraram novas matrizes de crescimento. Com o aumento da cozinha observa-se, em planta, uma continuidade dos alinhamentos da ala sudoeste. Já a construção dos celeiros e dispensas agrícolas (onde atualmente também funcionam as dispensas), em continuidade com a ala Sudeste, sugere pela sua dimensão um crescimento claro em torno de um pátio quadrangular (projeto para novo claustro). No que toca às paredes, ambos volumes têm a espessura semelhante à das paredes encontradas nos seus alinhamentos. São utilizados vãos diferentes no celeiro/dispensa: janelas longitudinais com capialços que dão a ideia dos tradicionais “gateiros” [fig. 48]. Já a nova cozinha, dividida em quatro partes, apresenta uma maior falta de rigor na geometria dos seus espaços. Das quatro partes do volume duas funcionariam como cozinha e dois, separados apenas por um arco, como refeitório (ainda se encontra o local por onde seria passada a comida de um espaço para o outro [fig. 49]). Ainda hoje, são estes quatro espaços que formam a atual cozinha. À época, o volume da cozinha teria apenas um piso. Prova disso são as semelhanças de vãos encontrados nesse rés-do-chão, a diferenciação de estereotomia e a diferença de espessura de parede entre os pisos [fig. 50]. Quando ao volume onde agora se encontra a adega e a dispensa, que funcionaria como armazém de produtos agrícolas, há dúvidas que permanecem sobre a sua real altimetria. Se por um lado não há quaisquer registos escritos da construção de novos dormitórios, ou celas, por outro é fácil considerar que estas tenham sido construídas nesta fase porque à data de 1737 a Sagrada Congregação eleva o Breve que lhes assegura sustento do número de vinte para trinta e três.



Fig. 51: Parede da ala nordeste do claustro onde é visível um recorte na estereotomia.



Fig. 52: Porta de entrada na cerca controlada através das grades do arco da fachada noroeste.

Encontra-se registo de obras no coro referindo que terá sido “alargado e ornado” na década de trinta do século XVII. Mantendo-se o coro e entrada originais, D. Maria Luísa da Conceição manda que este se alargue, muito provavelmente para um espaço semelhante ao que se encontra hoje. O coro, atualmente salão nobre, terá tomado a sua forma atual nesta época, abrindo-se as duas janelas com capialços, acima do nível da visão, para não se verem as irmãs durante a eucaristia e em simultâneo iluminar o espaço. A sua escadaria primitiva seria, desde a construção da nova escadaria, uma duplicação de acessos tendo por isso sido removida. No seu lugar foi colocada uma parede que deu continuidade à parede da escada e criou um espaço interior anterior à entrada na igreja. Na estereotomia do rés-do-chão atualmente é visível a linha vertical de recorde das duas paredes [fig. 51]. No espaço abaixo do coro (atual entrada e secretaria) surgiria, como até então a portaria (agora chegada mais para a direita), com a atual porta de entrada a coincidir com a entrada original. No seu interior dois arcos: um voltado para a cidade com uma colocação que permitia controlar a porta para a cerca [fig. 52]; um que serviria para entradas a pé no interior da cerca. A maior espessura da parede noroeste explica-se pela necessidade desta servir de apoio a uma abóbada de berço e em simultâneo servir como parede de contenção. O espaço entre a igreja e a portaria seria um espaço de “filtro” para o interior do claustro, com acesso exclusivo para as irmãs, nele funcionaria por exemplo uma capela. Caso este espaço tivesse janelas, as mesmas seriam diferentes das que se encontram atualmente de forma a não expor o espaço interno

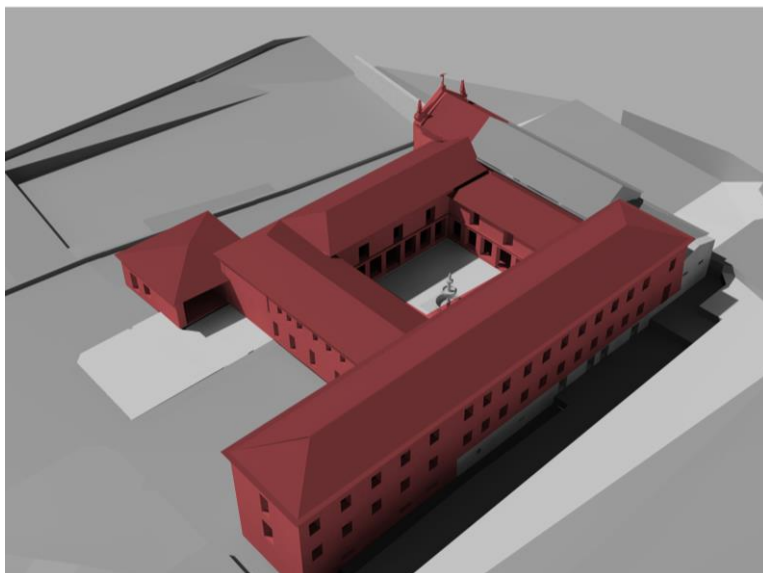
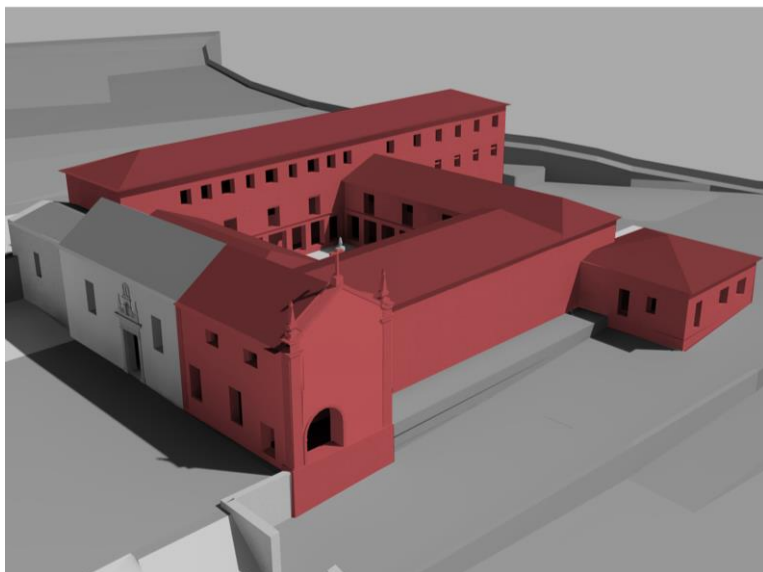


Fig. 53 e 54: Representação tridimensional da fase “Crescimento”.

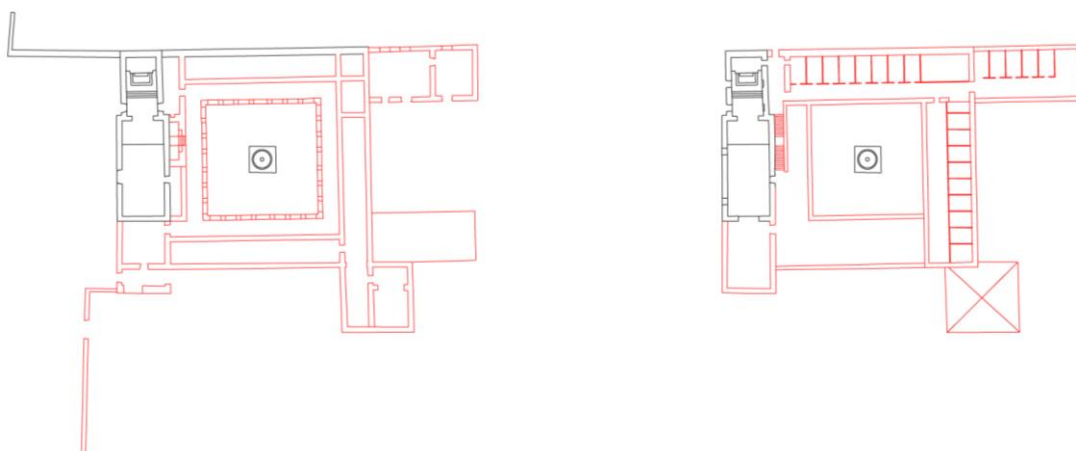


Fig. 55: Proposta de planta para a fase “Crescimento”.

Imagem

Tendo em conta as variadas obras ocorridas no edifício durante este curto período de tempo, acredita-se que a imagem que traduzirá melhor esta fase será a que representa o estado final do edifício, aquando da morte de D. Maria Luísa da Conceição em 1739. Desta forma, quando lidas todas as imagens de cada fase, perceber-se-á a forte transformação que ocorreu entre a fase da fundação e a final da regência desta abadessa [fig. 53-55].

Para compreender esta fase é necessário entender o claustro e o grande projeto construtivo que ele propõe. Um claustro atual encontrado no Convento das Capuchinhas apenas seria construído com o objetivo de suportar grandes paredes. Dessa forma, o claustro mostra-se como a chave que permite entender que toda a construção foi rápida e num curto período respeitando algumas matrizes traçadas. É ainda necessário conhecer a forma de crescimento comum dos edifícios monásticos (desenvolvendo-se sempre em redor de claustros e pátios, respeitando os alinhamentos existentes) para perceber que os volumes da cozinha e do celeiro são tentativas de expansão e criação de um novo pátio/claustro.

Acredita-se que nesta fase existiriam já as quatro alas do claustro fechadas tendo três delas dois pisos e uma três. A ala sudeste, com três pisos, teria sofrido um aumento para sudoeste para assim se contar o número de trinta janelas voltadas para o interior da cerca, correspondentes às trinta celas onde pernoitavam as trinta e três irmãs. No seu rés-do-chão, deste aumento, funcionariam celeiros que dariam apoio à produção agrícola. A cozinha era um volume de um único piso, colocado no alinhamento da ala sudoeste. A igreja teria perdido o acesso ao púlpito e duas janelas da capela-mor em virtude da construção das escadas de acesso para o segundo piso. O aumento do coro teria transformado a entrada no convento, aumentando os espaços de “filtro” no acesso ao claustro. Nas alas do rés do chão do claustro funcionariam os programas comuns de um convento deste género como sala do capítulo, capelas, refeitório, livraria, cárcere...

Se os fundos para a fundação do convento devem ter sido obtidos através de esmolas e iniciativas privadas, a injeção de verbas que permitiu a fase de crescimento dever-se-á muito à influência de D. Maria Luísa da Conceição junto do seu irmão e Arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Teles. Deverão ter chegado vários donativos da Sé de Braga que tornaram possível um grande período de construções em tão pouco tempo.



Fig. 56: Representação da igreja de N. S. da Consolação e Santos Passos e da igreja do Convento das Capuchinhas na Planta da Cidade de Guimarães de 1863 (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta).

Manutenção (1739-1888)

Registo

Do tempo conventual após a morte de D. Maria Luísa da Conceição, encontra-se registo de “*no adro fronteiro à porta da igreja, levantar-se um cruzeiro modesto, que tem na base a data de 1775*”. Além desta referência direta a um objeto artístico no centro do adro encontra-se menção “*às formosíssimas imagens de S. José e Nossa Senhora, que se veneram nos altares laterais da sua igreja*”¹⁴. Estas imagens foram alvo de devoção de algumas das mais ilustres figuras de Portugal ao longo do século XVIII, como o Rei D. João V “*que oferecera à senhora uma coroa de prata*”¹, D. José do Brasil dando o “*resplendor a S. José*”¹ ou D. Tomás de Almeida, primeiro patriarca de Lisboa que as benzeu.

Com as invasões napoleónicas a Portugal, “*No dia 16 de Março de 1809, sendo perto de nove horas da noite, teve esta comunidade, e Nós todos a desgraça, e ainfeliz sorte de sermos invadidos pello Inimigo Francês; (...) a onde fizerão as Mais Cruéis hostilidades*”¹⁵. Anos mais tarde, em 1833, juntando dois decretos proibindo o “*noviçado tanto em conventos de religiosos, como de religiosas*”¹⁶ e “*ordenando que não subsistam aqueles Conventos de sexo feminino, em que não existam doze Religiosas Professas*”¹⁷, delineou-se a futura extinção do convento que veio a acontecer com a morte de Soror Luísa Maria de S. José em 1888¹⁸. Na planta da Cidade de Guimarães de 1863¹⁹ é visível a existência da escadaria e terreiro com cruzeiro ao centro.

¹⁴ CALDAS, Padre António José Ferreira - *Guimarães, Apontamentos para a sua história*. Guimarães: Edição Câmara Municipal de Guimarães/ Sociedade Martins Sarmento, 1996, p. 345.

¹⁵ BOLETIM DE TRABALHOS HISTÓRICOS VOLUME II – Nº 4. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1937, p. 190.

¹⁶ SILVEIRA, Luís Espinha da - *A venda dos bens nacionais:(1834-43): uma primeira abordagem in Análise Social Vol. XVI*, Lisboa. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1980. p. 87-110.

¹⁷ SILVEIRA, Luís Espinha da - *A venda dos bens nacionais:(1834-43): uma primeira abordagem in Análise Social Vol. XVI*, Lisboa. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1980. p. 87-110.

¹⁸ ABREU, Araújo; FONSECA, Álvaro Baltasar Moreira da - *História Breve das Oficinas de São José de Guimarães*. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1989 p. 25.

¹⁹ RIBEIRO, Manuel d'Almeida - *Planta da Cidade de Guimarães*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 1863.

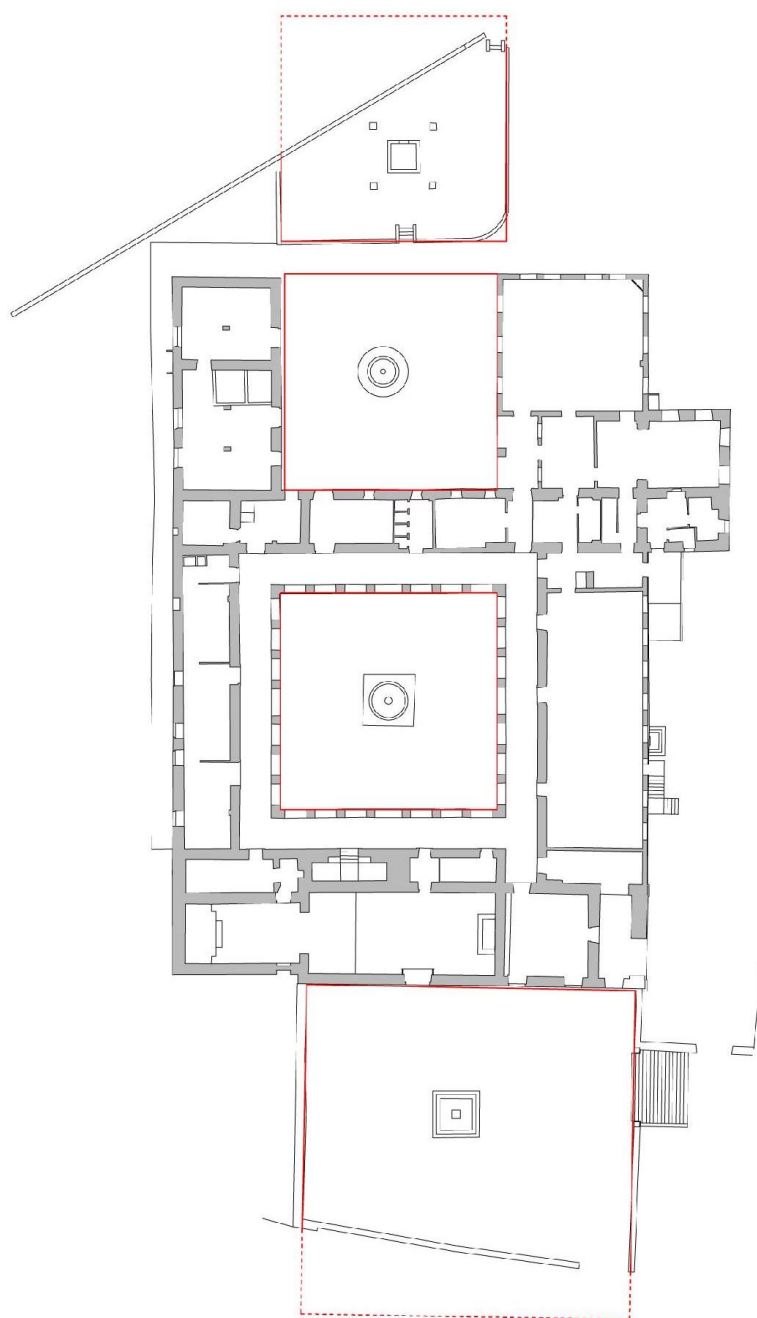


Fig. 57: Estudo do uso do quadrado na composição dos espaços vazios do convento e respetiva marcação com recurso a fontes e cruzeiro.

Levantamento

No que diz respeito à época conventual pós D. Maria Luísa da Conceição, atualmente encontra-se o cruzeiro com a data inscrita de 1775. Este está implantado num terreiro ao qual se acede através de umas escadas com “guardas” ornamentadas de pedra. Esta escadaria alinha com a atual rua, que outrora se denominava Calçada das Capuchinhas. O cruzeiro surge desfasado do alinhamento da calçada, no centro do terreiro que tem três dos quatro lados retos. Com a aproximação ao convento pela antiga calçada, vemos, à direita da escadaria, a porta de entrada na cerca. Ao lado da porta, atualmente ainda é visível um volume que, tal como o terreiro, é representado nas plantas de 1863 [fig. 57].

Nos espaços a sudoeste do convento encontram-se duas fontes. Cada uma delas marca um pátio e ambas procuram a forma quadrangular para seu desenho. A busca do quadrado como forma perfeita para a composição de edifícios monásticos é bem visível no Convento das Capuchinhas. Observam-se quatro espaços de matriz quadrangular tendo todos um elemento de marcação no seu centro. O cruzeiro é o elemento marcante do terreiro. Já nos dois pátios sudoeste, são duas fontes distintas que organizam o espaço. Na ala noroeste encontra-se uma fonte que, dada a sua colocação numa parede do século XX, deverá ter sido transladada para o local. Todas estas, apesar de simples, demonstram, através da utilização de elementos volutados e fitomórficos, um leve gosto pelo maneirismo/barroco²⁰ nos seus desenhos. No interior da igreja, registo para o revestimento da capela-mor com azulejaria figurativa²¹, monocromática azul, onde são retratados episódios relativos à Sagrada Família.

²⁰ Este tema será aprofundado mais à frente em: Do enquadramento local ao global, Arte e Sociedade, Século XVIII, Barroco.

²¹ Os painéis de azulejo são atribuídos ao Mestre P.M.P. e alguns autores como Meco ou Simões estabelecem 1717, ano seguinte à entrada no convento de D. Maria Luísa da Conceição, como possível ano de aplicação.



Fig. 58: Cruzeiro no centro do terreiro à entrada da igreja do Convento das Capuchinhas.



Fig. 59: Escadaria de acesso ao terreiro, alinhada com a calçada das capuchinhas.

Interpretação

Após a morte de D. Maria Luísa da Conceição, talvez pela falta de uma figura proeminente que mostrasse as qualidades e o empenho da antiga abadessa, não se encontram quaisquer sinais ou registos de grandes obras. Nos cem anos seguintes as obras de transformação dos volumes deverão ter incidido apenas em aberturas de vãos ou construções simples. Nunca mais durante a época conventual deve ter existido uma grande campanha de construção como as vistas no início do século XVIII. Mas a falta de transformação nos volumes, não impede a transformação de vários espaços do interior do convento. Poder-se-á falar uma fase do edifício marcada pela introdução de “narrativas” barrocas no edifício.

O cruzeiro existente no terreiro, mais que uma peça artística, é símbolo da criação de uma narrativa no edifício: as pessoas que chegassem perto da igreja de São Gualter desde logo se veriam uma calçada que no seu alinhamento tinha uma escadaria ornamentada; subindo os degraus deparavam-se com o terreiro com um grande cruzeiro que se veria desde o primeiro momento deste percurso [fig. 58]. Foram várias as obras na cidade que introduziram axialidades e narrativas nos edifícios, como o grande eixo barroco de André Soares em São Gualter ou criações de eixos mais pequenos como o troço superior da rua da Infesta para o Convento dos Capuchos. Terá sido com a necessidade de transformar o terreiro num espaço mais “desenhado” que se construiu a escadaria ainda visível atualmente, tal como o muro de suporte de terras que permitiu o aterro da parte inferior da capela-mor [fig. 59]. A procura de narrativas e cenários nos espaços terá levado à construção dos dois pátios sudoeste, com as duas fontes correspondentes. Assim, através do movimento e som da água e da escultura introduziu-se uma marcação espacial que organiza e dota os pátios de dinamismo.

No interior da igreja percebe-se também esta necessidade de criação de narrativas através da decoração. Com a ornamentação da capela-mor introduz-se uma história nas paredes da igreja [fig. 60]. Nesta época, o ouro do Brasil chega a Portugal, e com ele a ornamentação das igrejas com a talha dourada. Seria mais que provável a existência de altares e retábulos barrocos na época com vista a albergar as imagens oferecidas pelo capelão do rei D. João V, com contributo do próprio Rei e do Príncipe D. José do Brasil.²²

²² CALDAS, Padre António José Ferreira - *Guimarães, Aparentamentos para a sua história*. Guimarães: Edição Camara municipal de Guimarães/ Sociedade Martins Sarmiento, 1996, p. 345.

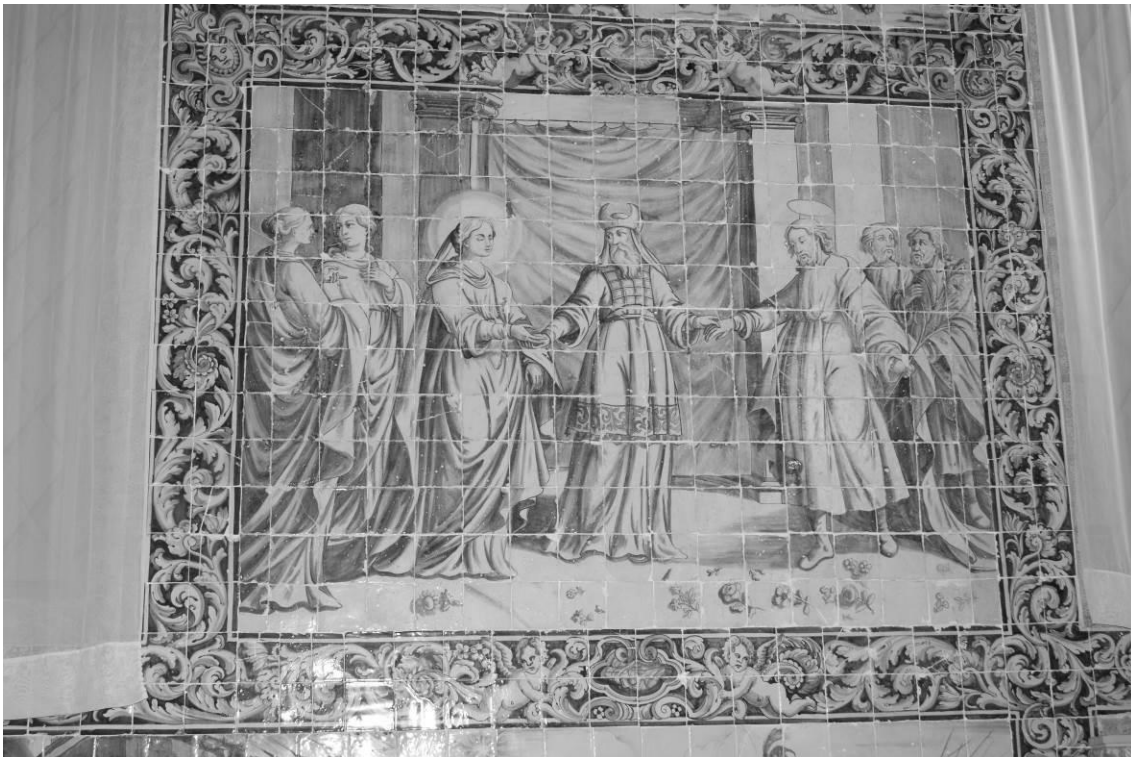


Fig. 60: Painele de Azulejo na capela-mor da igreja do convento, retratando cenas da vida de São José.

Em meados do século XVIII o convento terá sido marcado por um gosto pelo trabalho em narrativas e axialidades barrocas. No início do século XIX, com os ideais iluministas implantados, este convento como tantas outras organizações católicas deveriam ter perdido muito poder diminuindo a capacidade construtiva. Após 1833 não deverá ter sido feita nenhuma obra por mais pequena que fosse dada a situação terminal à qual a comunidade estava sujeita. Este período embora longo temporalmente não terá apresentado grandes alterações, tendo sido décadas marcadas pela manutenção do volume e adaptação dos espaços envolventes.

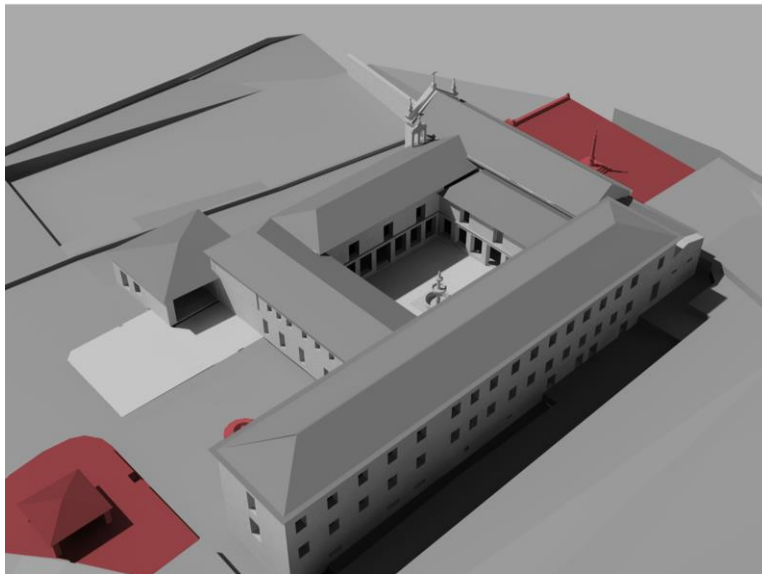


Fig. 61 e 62: Representação tridimensional da fase "Manutenção".

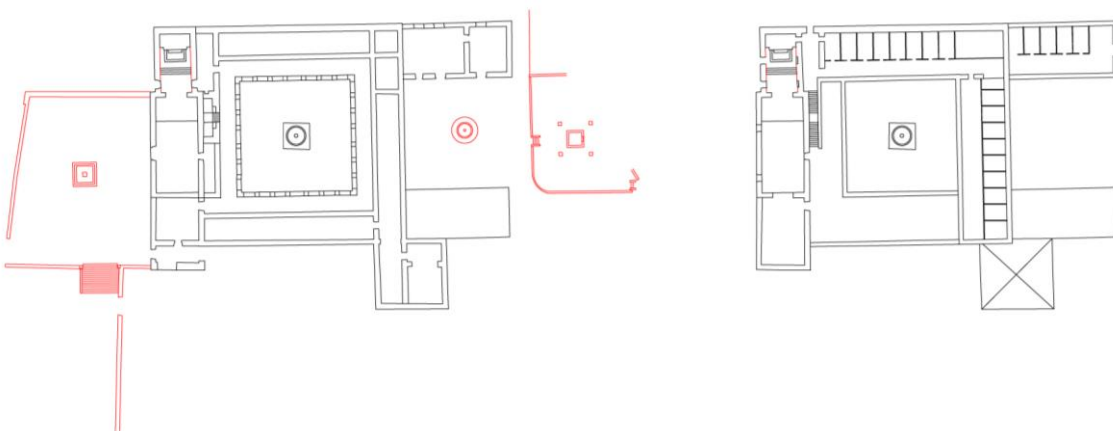


Fig. 63: Proposta de planta para a fase "Manutenção".

Imagem

A imagem da terceira e última fase do tempo conventual, mais que uma imagem de volumes, é caracterizada por ser uma imagem sobre espaços exteriores [fig. 61-63]. O terreiro encontra-se totalmente diferente das fases anteriores, estando agora marcado por um cruzeiro ao centro e uma axialidade barroca criada pela calçada e pelas escadas. A sua forma alterou-se, havendo um aterro na parte inferior da capela-mor. A sudoeste do edifício surgem dois novos espaços exteriores: um pátio com uma fonte de gosto simples a marcar o seu centro; um espaço, talvez jardim, elevado do nível do primeiro com uma fonte de risco barroco. No interior da igreja encontram-se novas imagens de santos, as paredes da capela-mor são revestidas a azulejaria e os novos retábulos de talha dourada transformam o ambiente original da igreja que seria muito mais austero.

ABANDONO

Degradação (1888-1918)

Registo:

Os decretos de 5 e 9 de Agosto de 1833 foram responsáveis pela desintegração da maior parte das comunidades religiosas que se encontravam em Portugal. Centenas de conventos e mosteiros caíram progressivamente em abandono e o das capuchinhas não foi exceção. A última religiosa, Sórora Maria Luisa de S. José morre no edifício em 1888. *“Com a morte dela o convento ficou extinto continuando em recolhimento até 1910”*²³, ano em que aconteceu a *“profanação da Capela do Convento das Capuchinhas”*²⁴. Dois anos mais tarde, já depois da aprovação da lei da separação campeia, *“no extinto convento das capuchinhas d’esta cidade, proceder-se-á à arrematação em hasta pública de diversos objetos e móveis”*²⁵. Vendido todo o património artístico, ressalva-se a venda de três das mais importantes imagens do convento: Nossa Senhora de Madre Deus, São José e Menino Jesus, foram compradas pelo 2º Conde de Margaride, *“desejando que lhes seja tributado culto público e a assista toda a cidade e estejam expostas à veneração dos fiéis pois foi este o fim da aquisição, pede licença à Mesa para as colocar num dos altares por ela assinalado na Igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos”*²⁶. O edifício continuaria em degradação até ao seu aluguer em 1918.

²³ ABREU, Araújo; FONSECA, Álvaro Baltasar Moreira da - História Breve das Oficinas de São José de Guimarães. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1989, p. 25.

²⁴ Idem, Ibidem, pág. 78.

²⁵ COMÉRCIO DE GUIMARÃES. Guimarães, 19 de Abril 1912.

²⁶ ACTA DA SESSÃO DA IRMANDADE DA CONSOLAÇÃO E SANTOS PASSOS, Livro das Actas da Irmandade. Guimarães: Irmandade da Consolação e Santos Passos, 12 de Maio de 1912.



Fig. 64: Figuras de Nossa Senhora de Madre Deus, São José e Menino Jesus na igreja de N. S. da Consolação e Santos Passos.

Levantamento

Durante a época de abandono do convento, não se terá feito qualquer obra nem no volume, nem no seu espaço envolvente, por isso é natural não existirem fragmentos que remetam diretamente para este tempo. O desaparecimento parcial da cerca poderá ser o único vestígio no complexo que lega marca da época. Fora do convento, na atual igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos (S. Gualter), observa o fragmento mais bem conservado desta fase de “desaparecimento”. As três imagens vendidas em hasta pública pelo Estado e compradas pelo 2º Conde de Margaride, ainda se podem observar num dos altares [fig. 64]. Da mesma forma certamente vários outros móveis ou talhas poderão agora fazer parte de casas, ou de igrejas, sem que se conheça a sua origem ou paradeiro.



Fig. 65: Interior da cerca com forte vegetação.

Interpretação

O abandono progressivo das instalações conventuais começou após 1833 tendo ficado em total repouso apenas em 1888. Pode considerar-se que esta fase se iniciou antes da morte da última freira, ou por outro lado pensar que foi apenas depois de não existirem habitantes que deixou de haver a mínima manutenção dos espaços. A fase de abandono do convento tem as suas principais alterações na degradação e destruição dos volumes existentes. Imagina-se esta fase com uma forte vegetação a cobrir o claustro, e a envolvente do edifício. Telhas quebradas, alguns espaços internos com madeiras podres e a igreja teria as suas talhas a deteriorarem-se. Poderia ou não haver produção agrícola nas propriedades do convento já que estas seriam cultivadas por camponeses de confiança. A existir, talvez tenha sido nesta época que foi derrubada ou removida a parte da cerca que estava em contacto com as propriedades vizinhas para assim obter melhores acessos entre os campos de cultivo. A não existir, as propriedades estariam cobertos por densa vegetação e silvado [fig. 65].

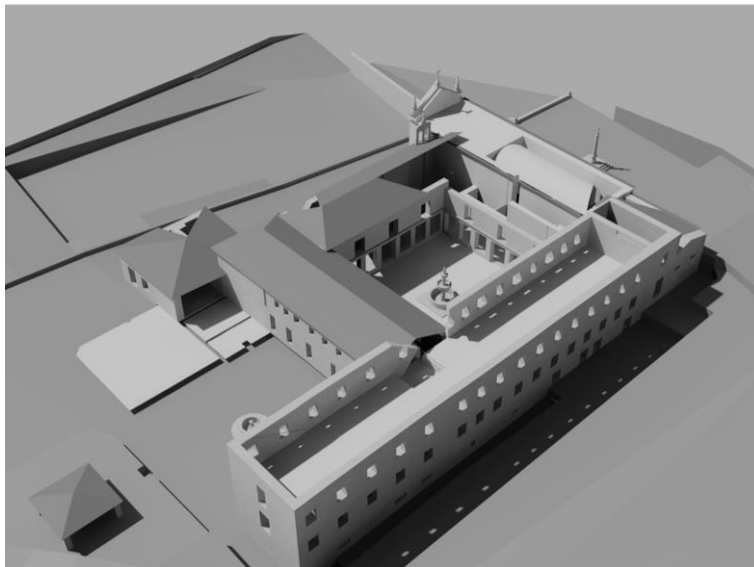
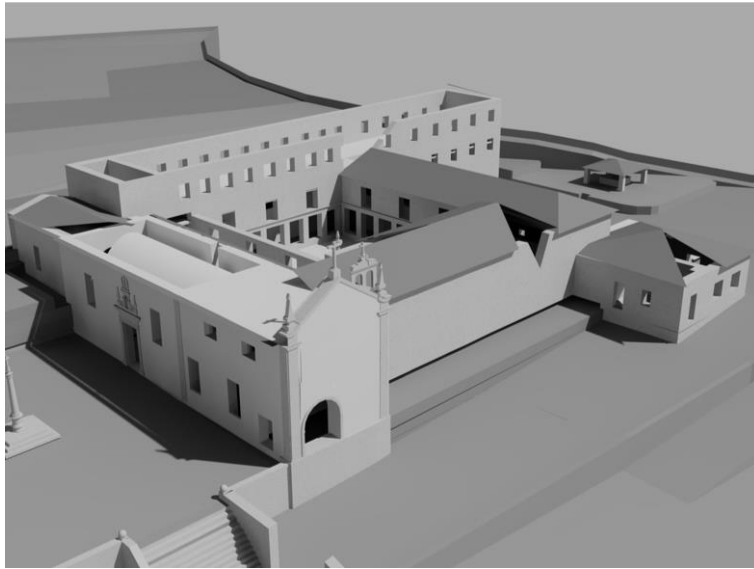


Fig. 66 e 67: Representação tridimensional da fase "Abandono".

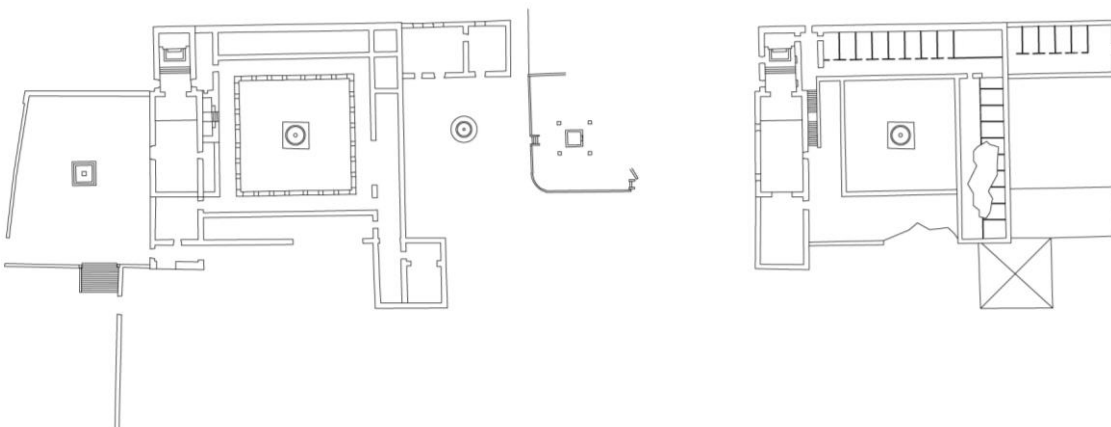


Fig. 68: Proposta de planta para a fase "Abandono".

Imagem

Na fase de abandono a imagem volumétrica do edifício seria semelhante à da fase anterior. O aspeto, porém, seria diferente demonstrando muita mais degradação e vegetação descontrolada e talvez até ruína. [fig. 66-68] Os espaços internos do convento estariam em deterioração, sendo os móveis e imagens da igreja roubados ou vendidos. A cerca estaria a desaparecer em algumas partes para permitir melhores acessos aos campos agrícolas.



Fig. 69: Sepultura de D. Domingos Gonçalves, na igreja do convento.

OFICINAS E CENTRO JUVENIL

Reabilitação (1918-1978)

Registo

No dia 13 de Janeiro de 1918, o padre D. Domingos consegue um contrato para arrendamento do convento abandonado das capuchinhas, de forma a *“para aí transferirem os rapazes a quem já tinham dado amparo e poderem continuar a dá-lo a outros precisados dele”*²⁷. Com reocupação do complexo monástico tornou-se necessário fazer várias obras no edifício de forma a melhorar as suas condições. As obras aconteceriam na medida em que houvesse fundos para a sua realização. No ano do aluguer foram feitas obras *“para tornar o velho convento minimamente confortável”*¹, havendo registo da recobertura da igreja com novo telhado.

Nas décadas de 30 e 40 foram variadas as obras de reabilitação: no ano de 1930 *“os dormitórios tinham vindo, desde o início da ocupação do convento a serem melhorados e as obras continuaram a fazer-se e alargaram-se à cozinha”*²⁸; em 1935 há registo para o restauro da parte sul do convento com fim de se lecionar melhor a instrução primária; em 1936 tinham já as oficinas uma padaria própria; as obras de restauro do edifício retomaram em 1943, sendo que, *“eram já 70 os alunos internados nas Oficinas de S. José e pouco mais tarde seriam já 120”*²⁹; no ano de 1948 abriu a nova escola de sapataria e no ano seguinte as escolas profissionais foram dotadas de novos pavilhões e estaria a decorrer a reparação da parte velha do convento que custaria cerca de cento e trinta contos.

Corria o ano de 1952 quando o Padre responsável por todo o projeto das Oficinas, e grande figura de todas as obras feitas até então, é nomeado Bispo da Guarda. Com a saída de D. Domingos, a iniciativa de reparação do convento nunca mais veio a ser a mesma. A fatura que D. Domingos conseguia com as suas palavras bondosas, era substituída por uma pobreza e rigidez que vigoraria durante vários anos.³⁰ D. Domingos falece em 1960, deixando para trás toda a primeira grande fase de recuperação do antigo Convento das Capuchinhas [fig. 69].

²⁷ ABREU, Araújo; FONSECA, Álvaro Baltasar Moreira da - *História Breve das Oficinas de São José de Guimarães*, Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1989, p. 35.

²⁸ Idem, Ibidem, p. 45.

²⁹ Idem, Ibidem, p. 53.

³⁰ Segundo relatos do antigo aluno das Oficinas de São José, Sr. Manuel Magalhães.

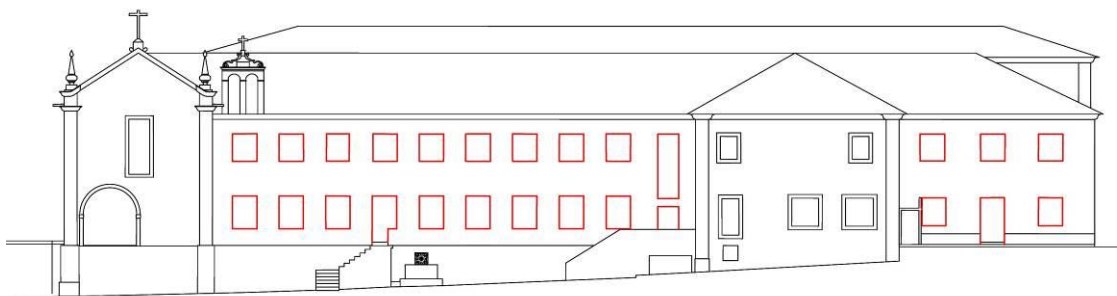


Fig. 70: Estudo de vãos na fachada noroeste.



Fig. 71: Espigueiro e eira na cota mais alta da propriedade conventual.



Fig. 72: Fachada nordeste do edifício com antiga entrada pela atual janela da secretaria.

Levantamento

No edifício atual encontram-se vários fragmentos que dizem respeito a esta fase. Marcada por ser uma fase de restauro, o complexo terá sofrido aumentos de forma a conseguir albergar os 120 jovens que em meados do século XX faziam parte das Oficinas. O metro³¹ foi a unidade de medida padrão utilizada nas obras desta fase quando começa a aparecer o betão como material importante para a construção de novas paredes.

As paredes do refeitório e da fachada noroeste do edifício mostram a utilização do metro como medida padrão. A sua espessura de parede é de 42-45 cm, são rebocadas, e todos os vãos têm exatamente 140 cm de largura. Janelas sem moldura aparecem em todas estas paredes de forma muito ritmada, estando no rés-do-chão protegidas com grades [fig. 70]. Atualmente a cornija de ambas as paredes e do volume da cozinha encontra-se à mesma cota. No segundo piso da cozinha encontram-se também paredes que variam entre 30 e 45 cm, construídas em pedra. Do lado de fora deste volume pode observar-se uma diferença de estereotomia entre os dois pisos e uma diferença de vãos (em cima tem uma proporção mais retangular). Na atual secretaria existem duas janelas, havendo fotos e registos verbais de uma delas ser a porta de entrada principal nas instalações das Oficinas [fig. 72]. Num dos campos a sudeste do edifício, logo após a vala, encontra-se uma pequena porção de laje em betão armado com um fosso por baixo. Este deveria ter ligação com os campos a oeste do edifício, onde se encontram as saídas das águas residuais. Segundo registos verbais seria neste lugar que existiam os esgotos do edifício³² [fig. 74]. Na ala sudoeste destaque para uma porção de parede da galeria com uma espessura de apenas 40 cm, quando a espessura em todo o resto é 80 cm. Na mesma ala, os serviços administrativos são separados do corredor através de uma parede de pedra, também com cerca de 40 cm. Na cota mais alta do terreno, na zona agrícola, encontra-se um espigueiro com seis aberturas e uma eira a seu lado [fig. 71]. A cerca neste local está totalmente descaracterizada, existindo continuidade com as propriedades adjacentes.

³¹ A unidade métrica tornou-se obrigatória em Portugal a partir do ano de 1858, e substituiu unidades de medida linear até então utilizadas como a vara, o palmo, o pé ou a polegada. Para aprofundamento das medidas antigas consultar: CUNHA, Rui Maneira – *As medidas na arquitectura: séculos XIII-XVIII*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2003.

³² Segundo relatos do antigo aluno das Oficinas de São José, Sr. Bessa Moreira.



Fig. 73: Refeitório do Centro Juvenil no novo volume a sudoeste.



Fig. 74: Espaço a sudoeste do convento onde eram depositadas as águas residuais.

Em termos programáticos, registros verbais informam que a atual secretaria era ocupada pela entrada e pelo escritório do Padre Domingos³³. Todo o espaço do rés-do-chão da ala sudoeste seria destinado a refeitório [fig. 73], sendo a cozinha no mesmo local onde se situa atualmente. O espaço que hoje serve a lavandaria seria uma escola de tecelagem e a tipografia manter-se-ia no mesmo local. Nos lugares das famílias haveria grandes espaços abertos com camas, onde pernoitavam os alunos, tendo os “Superiores” e o P. Domingos uma zona reservada no extremo da ala sudeste. As atuais salas de estar, de jogos e do núcleo de alunos, eram salas de aula onde se ministrava a instrução primária.

³³ Segundo relatos dos antigos alunos das Oficinas de São José, Sr. Manuel Magalhães e Sr. Bessa Moreira.



Fig. 75: Igreja antes das obras na cobertura. (SIPA monumentos).



Fig. 76: Arco entaipado visível no sótão.



Fig. 77: Porta voltada do coro-alto para a cidade na fachada noroeste.



Fig. 78: Fachada sudeste do refeitório.

Interpretação

Foi num estado de ruína e abandono que D. Domingos alugou as instalações do convento em 1918. Começando logo por fazer obras na cobertura da igreja, e numa pequena parte do convento, aqui se instalou e começou a viver em comunidade com os seus rapazes. As obras no convento iam-se fazendo na medida em que chegassem verbas para tal por isso esta fase terá sido o resultado de pequenas obras de reparação e melhoramento que ocorreram ao longo de várias décadas. Existiu apenas uma grande campanha de obras registada, em 1948, sob direcção do construtor José Silva.

Aquando das primeiras obras na igreja, poder-se-á ter fechado parte do arco que fazia a ligação entre o coro alto e a igreja [fig. 75 e 76]. No piso inferior, ter-se-á aberto uma porta que fazia a entrada directamente ao claustro e uma janela que serviria de entrada de luz para o escritório de D. Domingos [fig. 77]. Ambos os espaços encontravam-se na actual secretaria e a porta hoje está transformada numa janela. Nos restantes espaços terão também sido abertos alguns vãos de forma a melhorar a comunicação entre o interior do claustro e o exterior, dada a falta de relações na data. Casos como a porta de acesso do claustro para a cozinha, ou a porta/varandim do coro alto criam novas relações do edifício com a sua envolvente. Os resíduos de tabique e soalhos podres deverão ter sido removidos ao longo das décadas e substituídos por novos soalhos em madeira que conformavam grandes espaços. Em termos volumétricos destaca-se numa primeira fase, a construção do piso superior da cozinha, e numa segunda fase, a campanha de obras levada a cabo por José Silva, com a ampliação da tipografia, que alterou a dimensão da ala noroeste e a construção do volume do actual refeitório [fig. 78]. Da mesma época parece ser a secção de parede na galeria sudoeste do claustro, que deverá ter sido uma reconstrução um plano que terá ruído de forma parcial. Existia uma casa de banho a sudeste do convento com acesso a partir dos dormitórios.

Como referido nos registos verbais, as alas onde funcionaram as celas das freiras seriam agora os espaços abertos onde pernoitavam os alunos. Nos pisos inferiores funcionariam os programas coletivos como cozinha, refeitório e as escolas de tecelagem ou tipografia. Nos volumes em contacto com a rua estaria a escola de carpintaria, e o celeiro terá sido bastante útil para a escola de agricultura.



Fig. 79: Altar da igreja do Convento das Capuchinhas oriundo do Convento de Santa Clara de Guimarães.



Fig. 80: Vinhas no interior da cerca, junto aos cultivos agrícolas.

O claustro era um espaço de lazer e distribuição, onde por vezes até se chegaria a praticar futebol. A igreja, restaurada em 1919, tinha um papel importante na formação dos jovens, ou não fosse o seu fundador padre, depois bispo. Se no início o interior da igreja se encontraria quase vazio, com o passar das décadas foram sendo oferecidas imagens e altares. Os dois altares laterais que se encontram atualmente na igreja, bem como a imagem de Santa Clara, foram doados pela Irmandade da Nossa Senhora do Carmo da Penha, e outrora terão pertencido ao Convento de Santa Clara de Guimarães [fig. 79].

No exterior do convento existiram várias alterações. Desde a abertura de novos caminhos e acessos até à edificação de novos volumes como o celeiro ou currais para o gado, a envolvente do edifício ter-se-á modificado. O campo de jogos seria a sudeste do edifício. Todos os terrenos agrícolas seriam cultivados e regados a partir do tanque que se encontra a este da propriedade. Outrora serviu este tanque para alimentar as fontes do convento, sendo a água guiada por canais de pedra atualmente enterrados. Por cima dos caminhos e ao redor dos campos encontravam-se vinhas que serviam para a produção de vinho para as Oficinas [fig. 80].

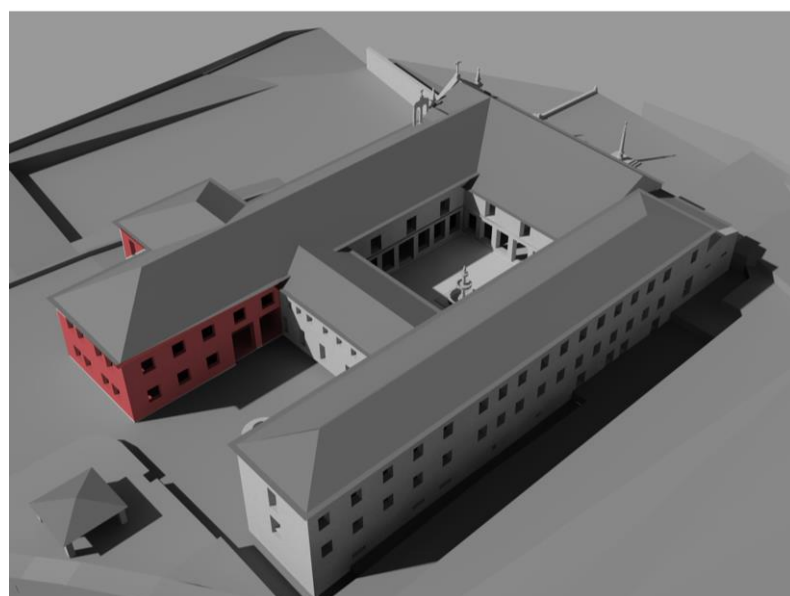
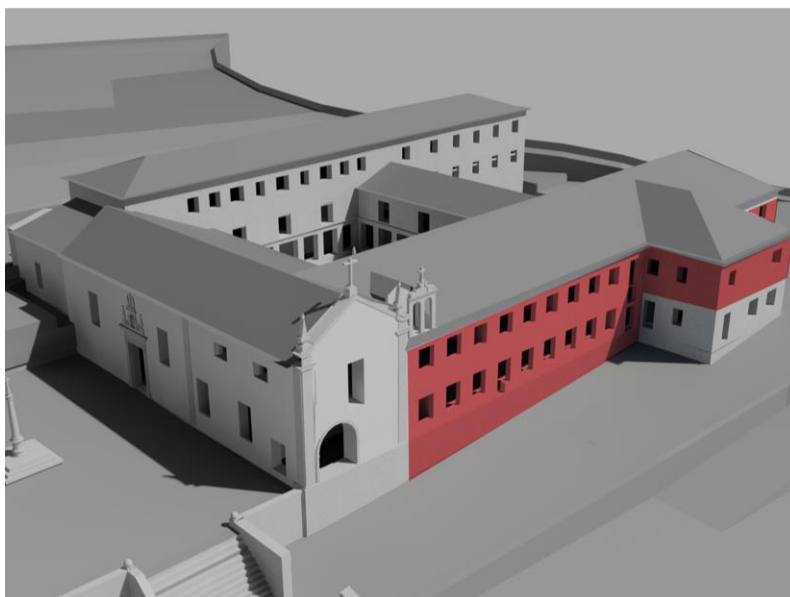


Fig. 81 e 82: Representação tridimensional da fase "Reabilitação".

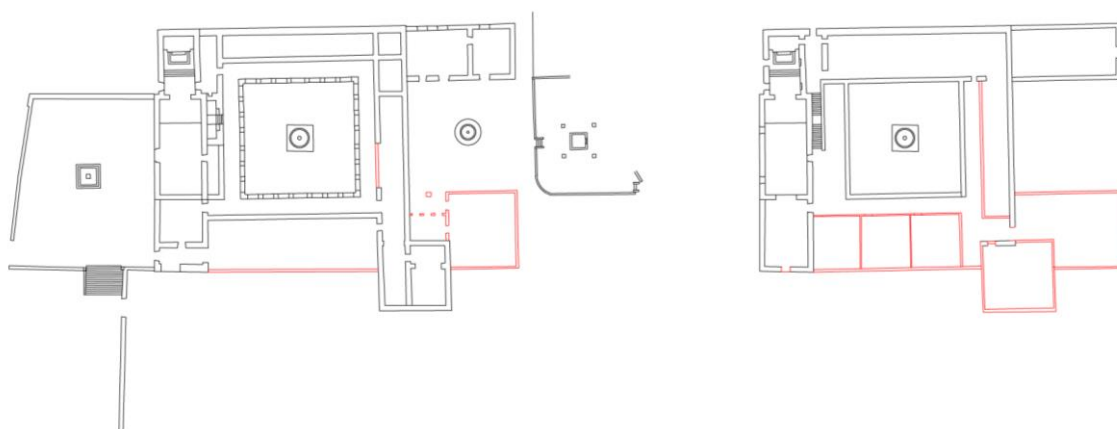


Fig. 83: Proposta de planta para a fase "Reabilitação".

Imagem

O edifício esteve em constante reparação durante as primeiras décadas do século XX, a maior parte delas enquanto D. Domingos se encontrava à frente das Oficinas de S. José [fig. 81-83]. Havendo apenas uma grande campanha de obras, que coincide com a saída de D. Domingos das Oficinas, a imagem que permanece como principal é a dos anos seguintes ao das obras de José Silva.

O volume sudeste e sudoeste manteriam a sua forma, embora tivessem mais aberturas de forma a aumentar as relações com o exterior. Um pequeno volume aparece anexo no lado sudeste do edifício. O volume da cozinha ganha um novo piso ficando a sua cota à altura da nova ala noroeste. Esta, onde já funcionaria a tipografia foi alargada enquanto se construiu um novo volume para refeitório. Ambas as construções são marcadas por uma forte métrica de vãos e por uma espessura de parece reduzida. Com a construção destes volumes o pátio ficou fechado em mais um dos seus lados, aumentando a noção de crescimento do convento. A igreja foi dotada com novos altares e figuras, devolvendo-lhe o culto, desta feita em nome de S. José.

No exterior destaque para a construção de volumes efémeros como galinheiros, pocilga, curral bem como espigueiros e eira. Os espaços passaram a ter novas árvores de frutos, e grande parte da área interior da cerca estaria coberta com videiras. Perto da pocilga e do galinheiro, a oeste do convento, estariam as fossas a céu aberto. A sudeste do volume haveria um espaço onde era permitido aos alunos praticarem desporto.

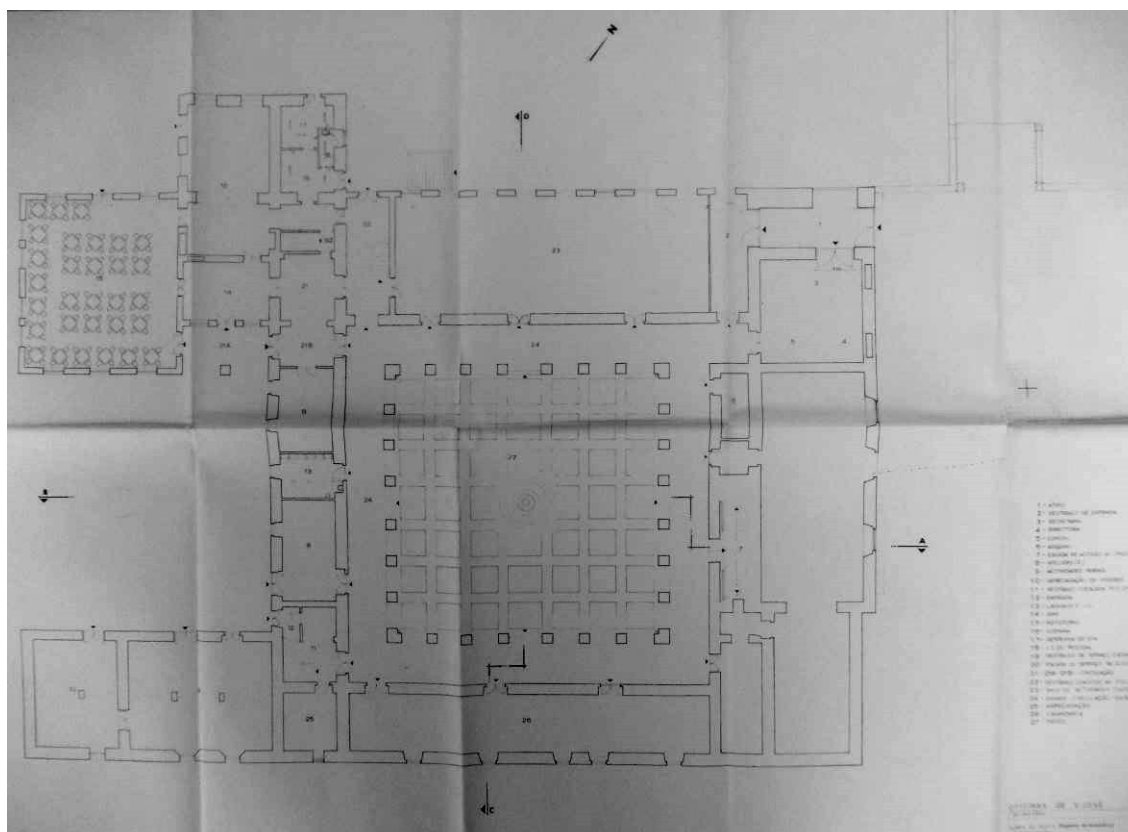


Fig. 84: Planta de arquitetura para remodelação do edifício em 1978. (Centro Juvenil de São José).

Remodelação (1978-2014)

Registo

Terá sido no ano de 1978, poucos anos após a revolução do 25 de Abril, que o antigo convento sofreu a última grande campanha de obras. A remodelação total do edifício, concluída em 1980, foi executada sob a direção da Comissão Equipamentos coletivos da Secretaria de Estado e da Segurança Social e teve um custo avaliado nos doze mil contos³⁴. Com esta obra, foi colocado novo mobiliário em todos os dormitórios, e foram doados novos equipamentos para a cozinha e refeitório. As oficinas passaram a dispor de uma lavandaria, até então inexistente. Desta época podemos observar os desenhos técnicos de projeto, que se encontram arquivados no Centro Juvenil de São José [fig. 84]. Neles é representado o projeto do edifício que existe até hoje, através de secções horizontais e verticais. No ano de 1982, foram doados pelo Ministro dos Assuntos Sociais trezentos mil escudos para a construção do ringue desportivo.

Não se encontram registos de grandes obras ou modificações significativas ao volume no decorrer dos últimos trinta e quatro anos. O levantamento³⁵, feito no âmbito deste trabalho apresenta-se como o mais completo registo do edifício. Recorrendo a secções horizontais e verticais e fotografias é, assim, retratado o seu estado atual.

³⁴ ABREU, Araújo; FONSECA, Álvaro Baltasar Moreira da - *História Breve das Oficinas de São José de Guimarães*. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1989, p. 73.

³⁵ Este encontra-se em: Da história ao edifício, Registo, Levantamento.



Fig. 85: Interior de uma "família" com vários quartos, instalações sanitárias e espaço de estar.



Fig. 86: Porta corta-vento na igreja do convento.

Levantamento

Considerando que o levantamento elaborado no âmbito deste trabalho representa, no seu conjunto, o estado atual do edifício, procuraram-se os fragmentos encontrados que dizem respeito à grande campanha de obras que decorreu no final da década de setenta. Esta terá sido uma fase bastante intrusiva, ocultando vários fragmentos relativos a outras épocas. Teve como grande objetivo a criação de boas condições para os rapazes das Oficinas que não teriam as condições exigidas para a época [fig. 85]. As obras podem ser caracterizadas, pela uniformidade de materiais ao longo de todo o edifício, e pela subdivisão dos espaços.

Todas as lajes que se encontram atualmente no edifício são feitas de betão armado. Havendo informação acerca do soalho em todos os pisos torna-se por demais obvio que todos os espaços terão sido então lajeados neste momento. O teto do último piso de cada ala é em madeira, sendo possível percorre-lo pelo sótão. Pelo interior todas as paredes encontram-se rebocadas até 5 cm, estando as casas de banho e a cozinha cobertas com azulejo. O telhado, atualmente com intersecção de águas entre alas, uniformizou os vários volumes do edifício. Os antigos dormitórios foram divididos em quartos com várias camas e dotados de armários para a roupa. Foram construídos novas escadas em betão armado e encontram-se vários espaços separados por paredes de 15/20 cm que outrora conformavam grandes espaços como antigo refeitório. A porta de entrada na igreja foi dotada com uma porta corta-vento de vidro pelo seu interior, para assim permitir um maior isolamento térmico do espaço [fig. 86]. A antiga porta de entrada nas Oficinas de S. José foi transformada numa janela, que atualmente ilumina a secretaria.

No ano de 1986, o destaque vai para uma pequena obra na igreja fruto da transladação do corpo de D. Domingos para o local. Foi colocado um túmulo granítico de forma paralelepípedica, abaixo da janela do coro (atual salão nobre). A oeste do edifício, realce para a construção da sede dos antigos alunos, no lugar onde estiveram outrora a pocilga, galinheiro e estábulo. Nos anos seguintes à obra, em especial no século XXI os terrenos foram progressivamente deixados ao abandono, deixando de funcionar o celeiro, adega e restantes dependências agrícolas.



Fig. 87: Lavandaria no rés-do-chão da ala sudeste.



Fig. 88: Interior do salão nobre no antigo coro-alto.



Fig. 89: Sede da associação de antigos alunos das Oficinas de São José.



Fig. 90: Ringue de futebol, localizado a sudoeste do complexo monástico.

Interpretação

Com o aproximar da atualidade a interpretação dos fragmentos começa a diluir-se na análise dos mesmos. A interpretação que podemos fazer da fase em que o volume se encontra atualmente, é em determinada medida uma representação da própria realidade. Nessa medida, é partindo do levantamento elaborado sobre o edifício que se encontra a fase atual.

As obras de remodelação do edifício foram muito intrusivas para com as evidências históricas que existiriam. O edifício foi rebocado e lajeado sem se ter em conta a importância histórica daquilo que se destruíu. Embora mantendo-se as fachadas exteriores originais, os seus interiores foram subdivididos utilizando de paredes de tijolo rebocado com dimensão de 10/15 cm. Observa-se nesta fase uma complexificação programática que leva à necessidade de criação de novos espaços até então inexistentes, como lavandaria [fig. 87], administração, salas de estar, jogos. Atualmente a variedade de programas em funcionamento no edifício, continua a aumentar e exemplo disso é a introdução de um hostel em parte dos dormitórios.

Neste período construíram-se todas as lajes de betão armado que encontramos no edifício, a cobertura foi substituída pela atual e os tetos foram refeitos. De salientar o apetrechamento dos dormitórios, cozinha e refeitório com novos móveis e equipamentos. Pelo exterior são visíveis pequenas marcas deixadas na fachada por estas obras: Com a destruição das instalações sanitárias a sudeste do edifício foi necessário a reposição de uma janela que tem um recorte mais rigoroso que as restantes. Na janela do salão nobre a moldura foi rebaixada e a parte superior é agora em betão [fig. 88]. Aquando da campanha de obras a vinha que existia por cima do caminho de entrada foi destruído para, dessa forma, aí passar a maquinaria necessária. Os 'barracos' onde se encontravam a pocilga, galinheiro e estábulo, foram destruídos para darem lugar a uma nova construção [fig. 89]. As águas sujas do edifício passaram a ser canalizadas para o serviço de recolha público e foram plantadas árvores no local da antiga fossa. Surge um ringue desportivo a noroeste que vem substituir o espaço a sudeste onde jogavam anteriormente [fig. 90].

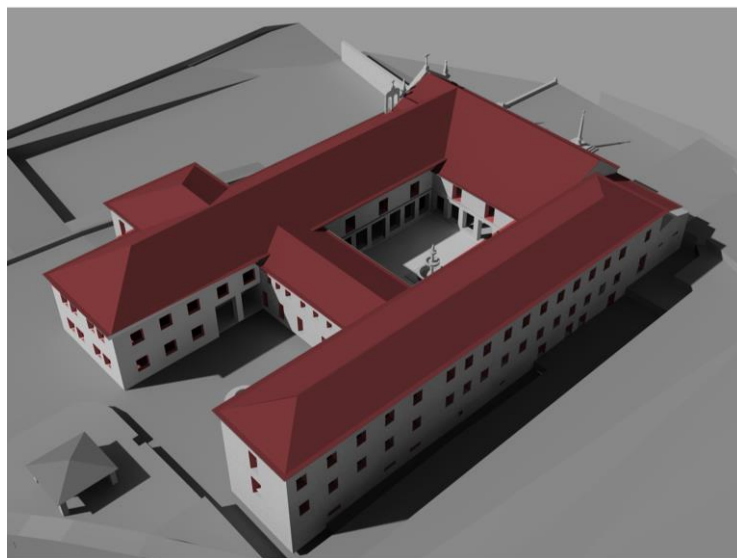


Fig. 91 e 92: Representação tridimensional da fase "Remodelação".

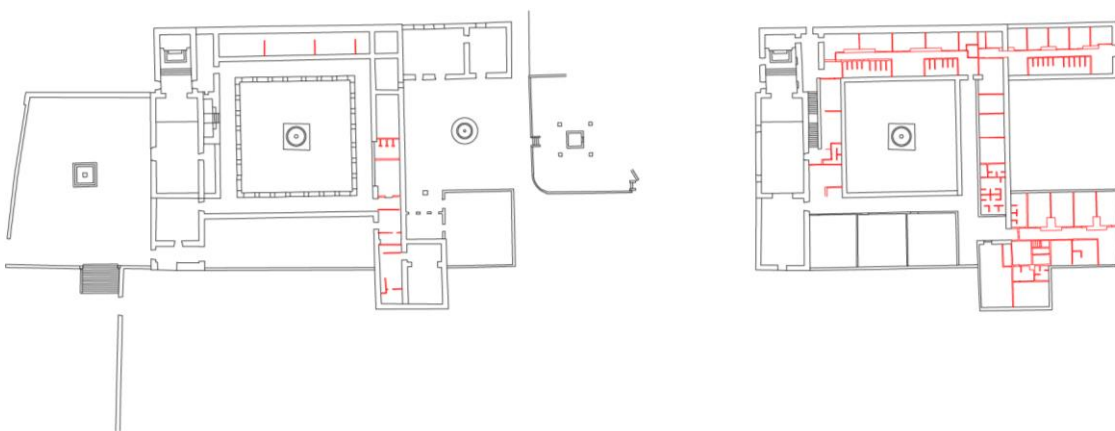


Fig. 93: Proposta de planta para a fase "Remodelação".

Imagem:

A fase de remodelação do edifício, não fez alterações significativas nas fachadas dos volumes existentes. Por outro lado a percepção do edifício alterou-se fruto da continuidade das águas do telhado que foi criada nesta fase [fig. 91-93]. As três alas com dois pisos e o volume da cozinha aparecem de forma contínua, enquanto o volume com três pisos tem um telhado próprio de quatro águas. No interior do edifício acontecem grandes alterações espaciais, as paredes são totalmente rebocadas, surgem novas paredes divisórias e mobiliário. São introduzidos novos programas nos volumes existentes, sem que se altere a imagem exterior. Na igreja surge uma segunda porta de vidro bem como o túmulo onde repousa a campa de D. Domingos. No exterior, o terreiro foi transformado em parque de estacionamento do Centro Juvenil, a fossa deu lugar a uma zona arborizada, grande parte da vinha foi destruída, os campos agrícolas e espigueiro foram abandonados e construiu-se um ringue desportivo.

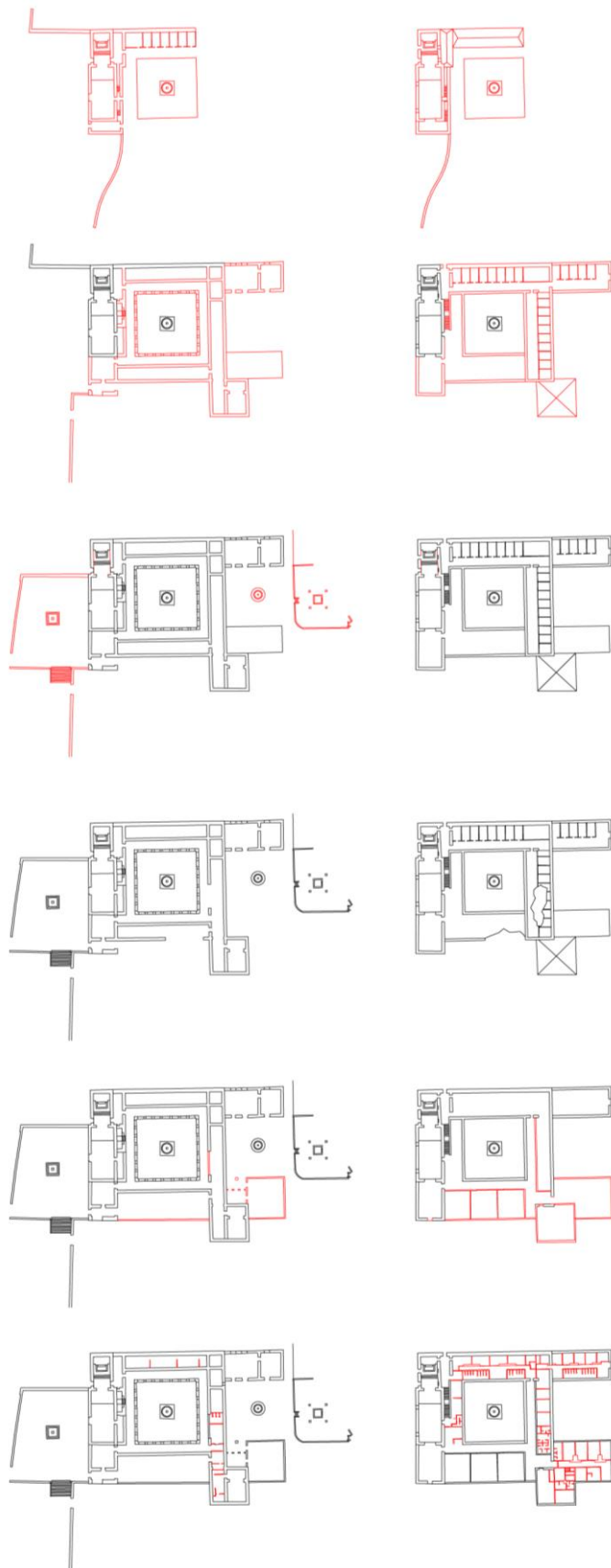


Fig. 94: Evolução em planta do convento.

ANÁLISE CRÍTICA E ESPECULATIVA

Imagem síntese

Dissecadas as várias imagens que representam cada uma das fases pelas quais o edifício terá passado, resta conjugá-las numa narrativa única de forma a construir uma cronologia representativa de todo o seu processo de transformação. De forma sintética pode considerar-se que o convento terá passado por seis fases distintas [fig. 94-95]. Cada uma delas apresenta traços e ideologias de intervenção diferente das demais. Embora não seja possível reconhecer os mestres e arquitetos que estiveram por detrás das várias intervenções encontram-se em várias fases personagens marcantes, possíveis encadeadores e mesmo responsáveis, pela existência de obras.

Enquanto convento o edifício terá passado por três fases distintas: Na fase da fundação, é construída a igreja e lançado o claustro. Esta fase é marcada por uma existência de conhecimento relativo à forma de construir chã³⁶. A grande figura de destaque é D. Catarina das Chagas, fundadora do convento e primeira orientadora do grupo de freiras; Na fase de crescimento levanta-se o claustro como símbolo da vontade de construir muito em pouco tempo. São fechadas as quatro alas, tendo três delas dois pisos e a ala sudeste três. Surge o volume da cozinha, do coro alto e da adega/celeiro que procuram novas matrizes de crescimento. D. Maria Luísa da Conceição, primeira abadessa do convento, é a grande responsável pela chegada de verbas para as obras desta fase. A terceira fase é mais marcada pela introdução de narrativas no edifício, que pelos volumes construídos. São feitas marcações de espaços com fontes e desenhado o terreiro com o cruzeiro ao centro. Também são introduzidos azulejos na igreja.

O abandono do edifício marca a transição entre a ocupação conventual e a ocupação como Oficinas de S. José. Nesta fase o convento terá ficado em degradação progressiva. A vegetação deve ter-se apoderado de vários espaços e as madeiras do edifício estariam a ficar deterioradas.

Funcionando como Oficinas de São José e Centro Juvenil de São José, o edifício testemunhou duas fases. Sendo a primeira de reabilitação do complexo, onde foram feitas obras de melhoramento progressivo de forma a tornar a construção habitável. A ala noroeste foi alargada e o volume da cozinha ganhou um novo piso. D. Domingos foi a personagem responsável pela reativação do convento e por grande parte das obras que se vieram a desenvolver. A segunda

³⁶ Este tema será aprofundado mais à frente em: Do enquadramento local ao global, Arte e Sociedade, Séculos XVI e XVII, Arquitetura chã.

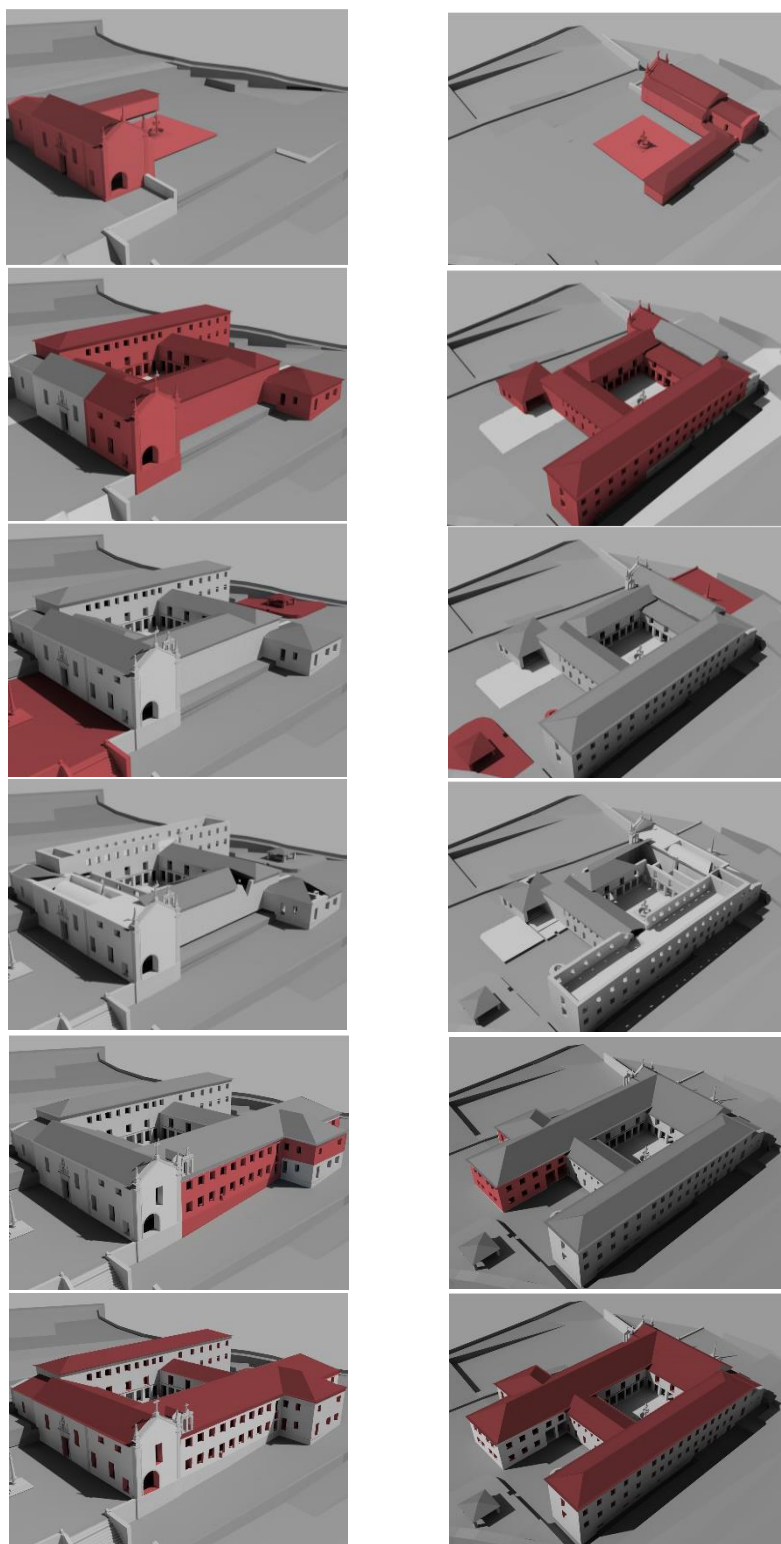


Fig. 95: Representação tridimensional das várias fases do convento.

logo após uma remodelação total do edifício, algo intrusiva, dotou o antigo convento de boas condições para ser habitado. Foram construídas lajes de betão, novos telhados e o edifício foi dotado com novos móveis e equipamentos.

Na atualidade o edifício encontrado conjuga uma síntese das várias fases, sob as quais se encontram diversos fragmentos: recortes nas paredes, diferenciações de espessuras de paredes, relações métricas, variedade de vãos ou vestígios de aberturas transformam o Convento das Capuchinhas num palimpsesto dos últimos três séculos.



Fig. 96: Fachada noroeste da nave.



Fig. 97: Fachada noroeste da ala da Igreja.



Fig. 98: Fachada nordeste da entrada e coro alto.

Metodologia

A metodologia adotada para a interpretação das fases permitiu desconstruir o edifício de forma analítica para reconstituir as suas fases de forma interpretativa. A divisão entre os dados adquiridos (registo e levantamento) e a interpretação pessoal (interpretação e imagem) contribuiu para que os fragmentos encontrados ganhassem coerência no momento da proposta da fase. À medida que nos aproximamos da atualidade os fragmentos começam a diluir-se na interpretação. Na fase atual já se torna difícil fazer a distinção entre aquilo que pode ser considerado um fragmento de uma história recente, e aquilo que é efetivamente o edifício atual.

A resposta obtida através desta metodologia foi condicionada pelos fragmentos disponíveis. Assim, se em algum momento forem encontrados novos fragmentos, a leitura total das fases poderá ser revista. Como tal, o processo é aberto, não pretendendo esta interpretação ser fechada, mas antes um resultado de uma retrospectiva atualizada hoje. No caso, acredita-se que existirão vários fragmentos no edifício que poderão trazer novas pistas sobre a transformação do convento. Da mesma forma análises arqueológicas e históricas mais aprofundadas sobre o caso de estudo trariam importantes adições para este método que se baseia no cruzamento de vários dados de forma a gerar uma imagem. Leituras de paramentos sob algumas superfícies rebocadas como a parede que divide a igreja da secretaria [fig. 96], o alçado do coro ou a fachada principal [fig. 97-98], poderiam trazer informações importantes para o aprofundamento da investigação histórica do edifício.

CAPÍTULO 3

DA ENQUADRAMENTO LOCAL AO GLOBAL

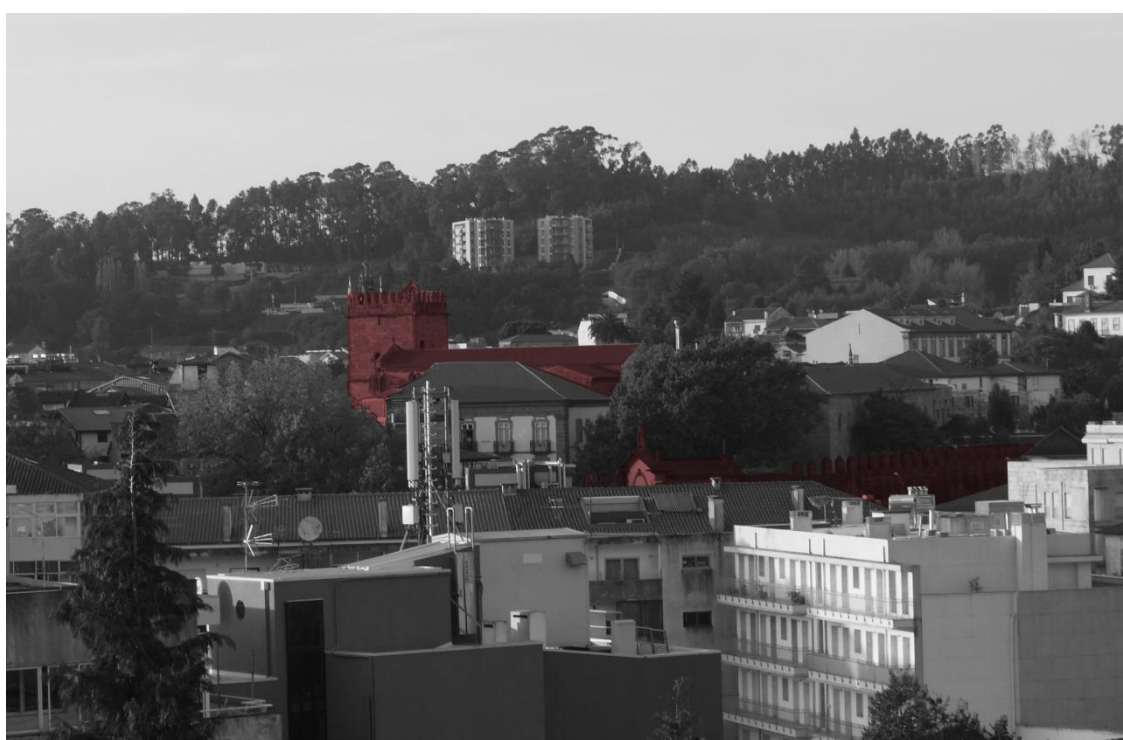


Fig. 99: Enfiamento da fachada noroeste da ala da igreja.

ARTÍSTICO E SOCIAL

Séculos XVI e XVII

Expansão urbana de Guimarães

Em Guimarães, foram várias as construções durante os períodos Filipino e da Restauração.¹ Em 1588 é iniciada a construção da sede da Misericórdia que depois viria a ter influência no rasgamento uma 'praça-nobre'. Esta praça encontrava-se ligada pela Porta de S. Domingos à Praça do Toural onde, na mesma década, tinha sido erguido um chafariz de traça de Lopes de Amorim. As obras na envolvente imediata da cidade faziam prever já no final do século a expansão que viria a sofrer no seguinte. Depois de construídos a Misericórdia e o convento de Santa Clara, e feito o arranjo urbano dos seus espaços de entrada, criando praças/terreiros no interior da muralha, inicia-se a implantação de várias igrejas e conventos na envolvente próxima. A Igreja de S. Dâmaso, a Capela de Santa Cruz ou a Igreja de Santa Luzia são alguns exemplos de construções que indicam uma expansão e permitem um continuado melhoramento da rede viária circundante da vila. Da mesma forma a fundação do Convento dos Capuchos em 1664, junto à Porta Garrida, das Domínicas em 1680, na Rua Travessa, das Capuchinhas em 1683, a sul do Campo da Feira, ou do Carmo em 1685, na Rua de Santa Maria, em muito contribuíram para a consolidação e fomentação da expansão urbana.

Embora o convento ocupasse uma posição algo periférica relativamente ao limite amuralhado da vila, estabelecer-se-iam relações com o seu interior. Situado num local elevado, o complexo, permitia uma interação visual com a muralha sem que, por sua vez, o contrário fosse possível. A sua implantação é, desde logo, reflexo de um alinhamento visual com a torre da Colegiada de N. S. da Oliveira e com as muralhas [fig. 99]. A Igreja do Convento das Capuchinhas, não se orienta a nascente, como era canónico em igrejas da época. Tem a sua cabeceira voltada a nordeste para, assim, alinhar a sua fachada com a parte baixa da cidade onde se encontra a dita torre da Colegiada.²

Surgindo no final do século XVII o Convento das Capuchinhas é reflexo do conjunto de características sociais e artísticas da época. Enquadrado num período de expansão conventual e

¹ Para um aprofundamento sobre a época moderna em Guimarães consultar: FERNANDES, Isabel, CORREIA, Jorge – *Guimarães Moderna*. Braga: Universidade do Minho, 2012.

² Com o desafogo financeiro do início do século XVI, e crescente emancipação mercantil, são várias as obras no interior da muralha que resultam na construção de casas nobres com torre como a casa do Laranjais ou a desaparecida casa-torre dos Almadás. Esta marcação de poder através das torres teve o seu expoente máximo com a construção da torre da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira no início do século XVI, que assim marcava toda a supremacia eclesiástica sobre a cidade.

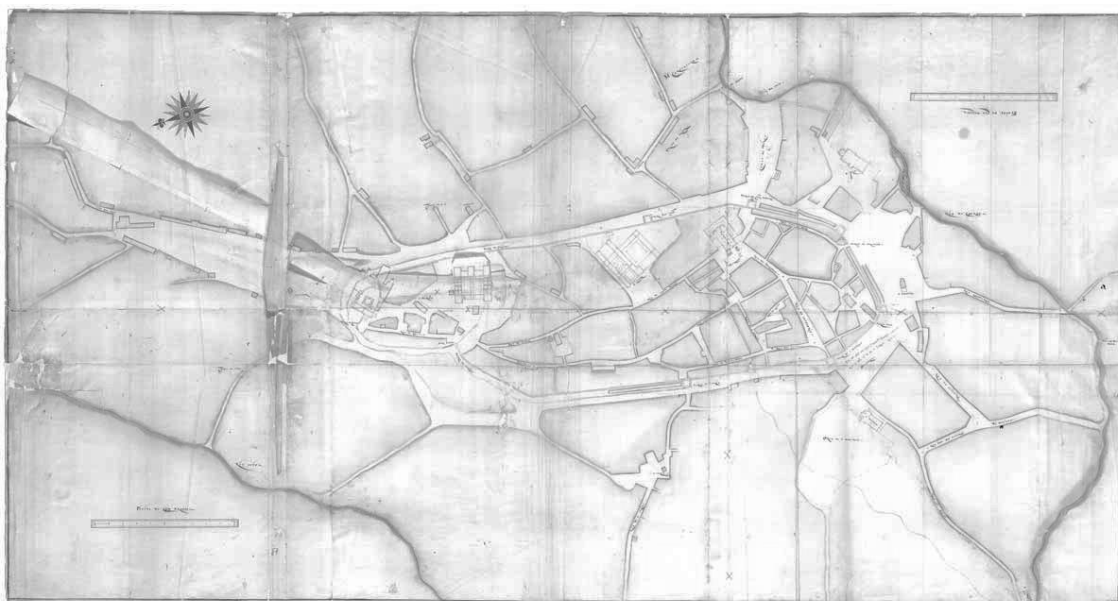


Fig. 100: Planta da cidade de Guimarães do século XVI (Coleção Diogo Barbosa Machado da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Brasil).

monástica, o edifício contribui para a expansão da vila. Com a transformação e aumento do número de conventos nos finais de quinhentos e durante todo o século de seiscentos, o núcleo urbano de Guimarães expandia-se para o exterior das muralhas depois de vários séculos onde apenas se encontravam, fora de portas, os conventos mendicantes de S. Francisco, São Domingos e algumas (poucas) habitações [fig. 100].³ Os campos agrícolas imperariam ao redor da cidade, sendo rasgados por ruas que faziam a ligação das portas da Vila aos núcleos urbanos do Porto, Braga, Amarante ou Vila do Conde.⁴ O Convento da Madre Deus, através da sua localização, permitiu o arranjo da rua que seguia na direção de Amarante (o trecho até à igreja de N. S. da Consolação e Santos Passos denominado Calçada das Capuchinhas). Apesar dos complexos monásticos serem responsáveis por grande parte da propriedade agrícola da época, as capuchinhas, dada a sua regra de pobreza extrema, apenas possuiriam terrenos para cultivo próprio, não detendo quaisquer direitos sobre outras propriedades.

³ Também o Mosteiro de Santa Marinha da Costa se encontrava já implantado, embora ocupasse uma posição relativamente periférica à cidade.

⁴ Ver: Guimarães, c. 1569, planta de autor desconhecido, in: Coleção Diogo Barbosa Machado da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Brasil.



Fig. 101: Modelo de templo na fachada noroeste.



Fig. 102: Arco Triunfal na transição da nave para a capela-mor.

Estilo chão

Para compreender a artisticidade da igreja do Convento das Capuchinhas é necessário analisar o contexto e linguagem da época moderna a nível nacional, e até internacional. A época moderna levantou novos paradigmas sociais e culturais que em muito contribuíram para a transformação da produção artística e arquitetónica europeia. Surgindo em Itália, ainda no século XV, o Renascimento marcou uma nova etapa no panorama cultural e artístico continental.⁵ As linguagens clássicas greco-romanas tornaram-se referências para a arte e arquitetura. Com o humanismo e a busca de perfeição no centro do pensamento da época, reemergem elementos compositivos como os modelos de arco triunfal [fig. 101], de templo clássico [fig. 102], e também, a representação das três ordens canónicas. Buscas de simetria, associadas a proporções divinas e modelos geométricos, contribuíram para a organização e composição da nova imagem arquitetónica.

Apesar de cedo se notarem influências do humanismo italiano na nobreza e coroa portuguesas, o gosto pela arquitetura renascentista apenas chega a Portugal de forma consistente no século XVI quando, a mando de D. João III, são atribuídas bolsas a artistas e/ou arquitetos, tendo por objetivo reconhecer a arte de vanguarda europeia. Como resultado destas viagens foram construídas algumas obras que pontuam a introdução de um certo purismo arquitetónico. Numa época em que o Renascimento italiano entra numa fase de reinterpretação, utilizando os elementos clássicos de forma mais livre e plástica, vulgarmente conhecida como Maneirismo, a busca por uma arquitetura nacional, exportável, económica e multiplicável pelo império é procurada nessa liberdade experimental.⁶ A Companhia de Jesus, criada com a Contra-Reforma, implanta-se no território aquém e além-mar, transportando o modelo de igreja salão com capelas laterais intercomunicantes. Nas colónias, criam-se várias condições para a propagação desta nova linguagem, mais tarde denominada por George Kubler⁷ como “estilo chão”. Trata-se de uma arquitetura reconhecida pela simplificação das formas, despojamento das paredes e unidade dos espaços, com utilização do léxico clássico levado ao extremo da redução ornamental.

Após a batalha de Alcácer-Quibir, e correspondente morte de D. Sebastião e após a morte D. Henrique, inicia-se a dinastia Filipina que viria a transformar progressivamente a arquitetura praticada em Portugal. A utilização da imagem chã por todo o império dá lugar a uma arquitetura

⁵ Para um aprofundamento sobre o Renascimento consultar: TOMAN, Rolf (ed.) - O Renascimento: arquitetura, escultura, pintura. Colónia, 1998

⁶ Para um aprofundamento sobre o Maneirismo e Estilo Chão consultar: CORREIA, José Eduardo Horta, - *Arquitetura Portuguesa: Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

⁷ KLUBER, George - *Arquitetura Portuguesa Chã: Entre Especiarias e Diamantes*. 2ª Edição. Lisboa: Vega, 2005.



Fig. 103: Tipologia de igreja-caixa.



Fig. 104: Pórtico de entrada com linguagem chã e proto-barroca.

continental marcada por novos valores de escala e monumentalidade. As tradições flamenga e italiana entram de forma consistente no reino e influenciam as correntes artísticas nacionais, através de arquitetos como Juan de Herrera ou Filippo Terzi. Inicia-se uma grande campanha de obras públicas por todo o país, tendo em vista a remodelação de mosteiros medievais, substituindo-os por edifícios que respondessem às diretrizes lançadas pelo Concílio de Trento. Com a restauração da independência de 1640 e a chegada ao poder da dinastia de Bragança, a fazenda nacional atravessou sérias dificuldades mas procurou reavivar o espírito de glória e patriotismo que marcara o império no século anterior. Na arquitetura observa-se essa vontade através da busca das referências artísticas nacionais antecedentes à União Ibérica. Quer a austeridade das arquiteturas chãs, quer mesmo nacionalismo imperial do modo manuelino, tornam-se modelos a seguir pela arquitetura da restauração.⁸ Assim, a arquitetura chã pós-filipina, difundir-se-ia durante a segunda metade do século XVII, prolongando-se mesmo pelo século XVIII. Por vezes, encontram-se pequenas anotações de um barroco crescente, incorporadas neste gosto depurado. No edifício evidenciam-se essas mesmas características de arquitetura chã associada a elementos proto-barrocos. As fachadas da igreja são austeras encontrando-se decoração apenas no portal de entrada, situado na parede lateral, como é tradicional nos complexos femininos da época.⁹ O seu interior é amplo e unitário, com forma de caixa [fig. 103] e coberto por abóbada de berço, correspondendo a um dos modelos tipológicos mais difundidos na época. A linguagem clássica está presente nas pilastras de remate exteriores, bem como no arco triunfal de volta perfeita. Encontram-se indícios de proporções geométricas perfeitas para a composição da nave e podem observar-se geometrias na composição do desenho de piso da igreja. Ao analisar com maior profundidade a composição da ornamentação presente na porta de acesso à igreja registam-se referências ao modelo de templo clássico reproduzidos com liberdade maneirista/chã. Os capitéis das pilastras reinterpretem a ordem toscana. Encontram-se, de forma tímida, no pórtico de entrada elementos decorativos como volutas ou pináculos que remetem para uma linguagem barroca na sua fase inicial [fig. 104].

⁸ COSTA, Alexandre Alves – Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa. 2ª edição Porto: FAUP publicações, 2007.

⁹ Este assunto será explorado mais à frente em: Do Enquadramento local ao global, Religião, Tipologia.



Fig. 105: Alinhamento barroco da calçada das Capuchinhas com cruzeiro.



Fig. 106: Hierarquização barroca do Toural com o chafariz.



Fig. 107: Eixo barroco com cruzeiro e fachada do Convento dos Capuchos.



Fig. 108: Eixo barroco no campo da feira, para a igreja de N. S. da Consolação e Santos Passos.

Século XVIII

Monumentalização da cidade

O Barroco começa a observar-se em Portugal de forma tímida ainda no final do século XVII, com algumas anotações em diversas obras chãs, mas apenas adquire importância no século XVIII. Neste contexto enquadram-se as entradas das igrejas do Convento das Capuchinhas e do Convento do Carmo, onde volutas demarcam uma maior liberdade compositiva e linguística, fazendo já no final do século XVII, pressentir a chegada de um novo gosto.

Com esta mudança de linguagem arquitetónica, a cidade de Guimarães, teve no início do século XVIII, um período de remodelações, obras e melhorias em algumas igrejas e complexos monásticos. Numa envolvente próxima às Capuchinhas, nos conventos de Santa Clara e de S. Francisco, verificam-se construções de claustros e de novas alas.

Aquando da chegada de D. Maria Luiza, irmã do arcebispo de Braga, é concedida a Primeira Regra de Santa Clara ao Convento das Capuchinhas. Para bem do convento, o momento em que oficialmente se inicia o período de clausura ficou marcado por um conjunto de circunstâncias propícias ao seu desenvolvimento. A riqueza do período joanino associada à influência da Abadessa junto de seu irmão, Primaz das Espanhas¹⁰, favoreceu um período marcado por grandes campanhas de obras no convento. Apesar da austeridade do claustro não se enquadrar nas linguagens joaninas, o desenho do mesmo demonstra uma vontade de expansão rápida e em altura, apenas possível nesta época da história construtiva deste conjunto. Em meados do século XVIII, o processo de evolução e crescimento urbano vimaranense encontrava-se consolidado e na segunda metade do século, fruto do reencaminhamento de verbas para a reconstrução de Lisboa, as intervenções seriam muito mais pontuais e sem a exuberância da época joanina. Com exceção da reconstrução da igreja de S. Gualter, em 1769, com risco de André Soares¹¹, e a criação do eixo barroco no Campo da Feira [fig. 108], as encomendas de obras resumir-se-iam a remodelações parciais ou colocação de elementos como fontes ou cruzeiros [fig. 105-106]. Na encosta sudoeste da cidade, erguia-se o Palácio Vila Flor com jardins e fontes voltados para o centro urbano. No Convento de Madre Deus, apesar de não se encontrar datação para as fontes que pontuam o pátio e o “jardim” sudoeste, acredita-se que estas terão feito parte de uma marcação barroca de espaços vazios. Ocorrendo após a morte de D. Maria Luiza da Conceição,

¹⁰ O título de Arcebispo de Braga, Primaz das Espanhas, foi o mais importante título eclesiástico nacional, até 1816, época na qual é atribuído o título de Patriarca à Arquidiocese de Lisboa.

¹¹ Para um aprofundamento sobre a obra de André Soares consultar: OLIVEIRA, Eduardo - *André Soares e o rococó do Minho*. Porto: Universidade do Porto, 2011.



Fig. 109: Escadaria de acesso ao terreiro.

quicá na segunda metade do século XVIII, estes elementos, demonstram a vontade barroca de criar narrativas espaciais e relacionam-se com a incorporação da água e do jardim na composição da arquitetura e do urbanismo da época. A linguagem das suas fontes, com crucifixos, elementos fitomórficos e volutas simplistas enquadra-se no léxico barroco¹², e a sua utilização remete para uma intencionalidade voluntária de preenchimento de todos os espaços vazios do convento [fig. 109]. A introdução de linguagem barroca verifica-se também no Convento dos Capuchos, onde além das comuns obras de entalhamento no interior, verifica-se a remodelação da fachada, monumentalizada pelo eixo do troço superior da rua de Infesta [fig. 107]. Seguindo a mesma campanha de obras, no Convento de Santa Clara, de linguagem semelhante, é também construída, por esta altura, a nova fachada decorada, com motivos fitomórficos, elementos volutados, cordas, modilhões, anjos, frontões curvos ou pináculos, entre outros. Ainda na primeira metade do século XVIII as entradas para as igrejas dos conventos de S. Domingos e das Dominicais são remodeladas fazendo uso do mesmo léxico. No Convento de S. Francisco destaca-se a remodelação do interior e construção da sacristia, forrada a talhas douradas e com fonte pétrea.¹³

Enquanto o ouro brasileiro forrava o interior das várias igrejas e capelas vimaranenses, também a azulejaria ganhava espaço nas igrejas de S. Francisco, S. Dâmaso ou S. Torcato. Da mesma forma, a primeira metade do século XVIII é registada no Convento das Capuchinhas através da colocação de azulejaria monocromática na capela-mor, da fonte de água na sacristia e da construção da escadaria e terreiro com enfiamento barroco para a calçada das Capuchinhas. No interior da igreja, além dos painéis figurativos da vida de São José, encontrar-se-iam retábulos envoltos em talha dourada que com o abandono do edifício no final do século XIX, terão ficado irremediavelmente danificados. A doação das imagens de Nossa Senhora de Madre Deus, São José e Menino Jesus, por parte do capelão do rei D. João V e das vestes pelo príncipe D. José, é representativa da importância de ornamentação no interior desta igreja.

¹² Para um aprofundamento sobre arquitetura barroca em Portugal consultar: PEREIRA, José Fernandes - *Arquitectura Barroca em Portugal*, Lisboa: Biblioteca Breve, 1986.

¹³ Durante o período barroco tornou-se comum a colocação de fontes pétreas nas sacristias. Estas, normalmente, apresentavam como elementos decorativos faces humanas, crucifixos, elementos fitomórficos ou volutas. Para um aprofundamento sobre a obra de André Soares consultar: BORGES, Nelson Correia - *História da Arte em Portugal, Vol. 9: Do Barroco ao Rococó*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993.



Fig. 110: Altar barroco proveniente do Convento de Santa-Clara em Guimarães.

Barroco

Como se pode perceber, as condições criadas pelo período joanino permitiram grandes campanhas de obras no edifício e contribuíram com obras decorativas de azulejaria e fontanária. A segunda metade do século XVII havia sido marcada por sérias dificuldades financeiras. A descoberta de reservas de ouro, no Brasil, proporcionou a existência de um novo ciclo na história portuguesa, denominado ‘ciclo do ouro’. Todo o reinado de D. João V (1706-1750) foi marcado pelas remessas do metal precioso e pela ostentação de riqueza pela coroa. A arte e arquitetura nacionais tornam-se campos de exibição, encontrando no barroco italiano¹⁴ novas referências culturais. Agora procurava-se tirar o máximo partido de contrastes lumínicos formais (côncavo-convexo) numa busca por movimento, dinamismo e emoção para a arquitetura. Utilizando novos desenhos na composição de espaços, à comum orientação a eixo das igrejas, ressurgiu o desenho geométrico de espaços centralizados. A cenografia foi constantemente procurada, quer exteriormente em fachadas principais, quer na decoração interior dos edifícios. A vegetação e a água tornam-se dois temas bastante explorados, em especial nos campos da arquitetura paisagista e da escultura.

A descoberta de ouro no Brasil permitiu à coroa um aumento do poder económico, tendo dado início à construção de uma obra emblemática: o Convento/Palácio de Mafra. Durante a primeira metade do século, grande parte dos recursos provenientes das colónias eram direcionados para construção do convento. A construção procurava ser uma habitação palaciana da coroa e um símbolo do poder absolutista do Império. Paralelamente a este grande estaleiro, outros arquitetos fazem uso da nova linguagem, com André Soares a ser a grande referência rococó no Minho.

O recurso a talhas douradas [fig. 110] e azulejarias¹⁵ aumenta exponencialmente durante o reinado de D. João V, dotando a maioria das igrejas nacionais de altares barrocos e/ou forrando paredes com azulejos monocromáticos azuis. O interior das igrejas de São Francisco e Santa Clara, no Porto, são dois dos exemplos nacionais mais notáveis em termos de aplicação de talha dourada. O seu desenho apresenta muitas vezes inspirações naturalistas e aplicação de micro-arquiteturas de referencial clássico. No interior das igrejas de São Lourenço em Azeitão, de São Lourenço em Almancil ou o Palácio da Mitra observa-se exemplos expressivos da utilização de azulejaria como

¹⁴ NORBERG-SCHULTZ, Christian - *Baroque Architecture: History of world architecture*. Nova Iorque: H. N. Abram, 1972.

¹⁵ CARVALHO, Maria do Rosário - *A pintura do azulejo em Portugal [1675-1725]: Autorias e biografias - um novo paradigma*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012.

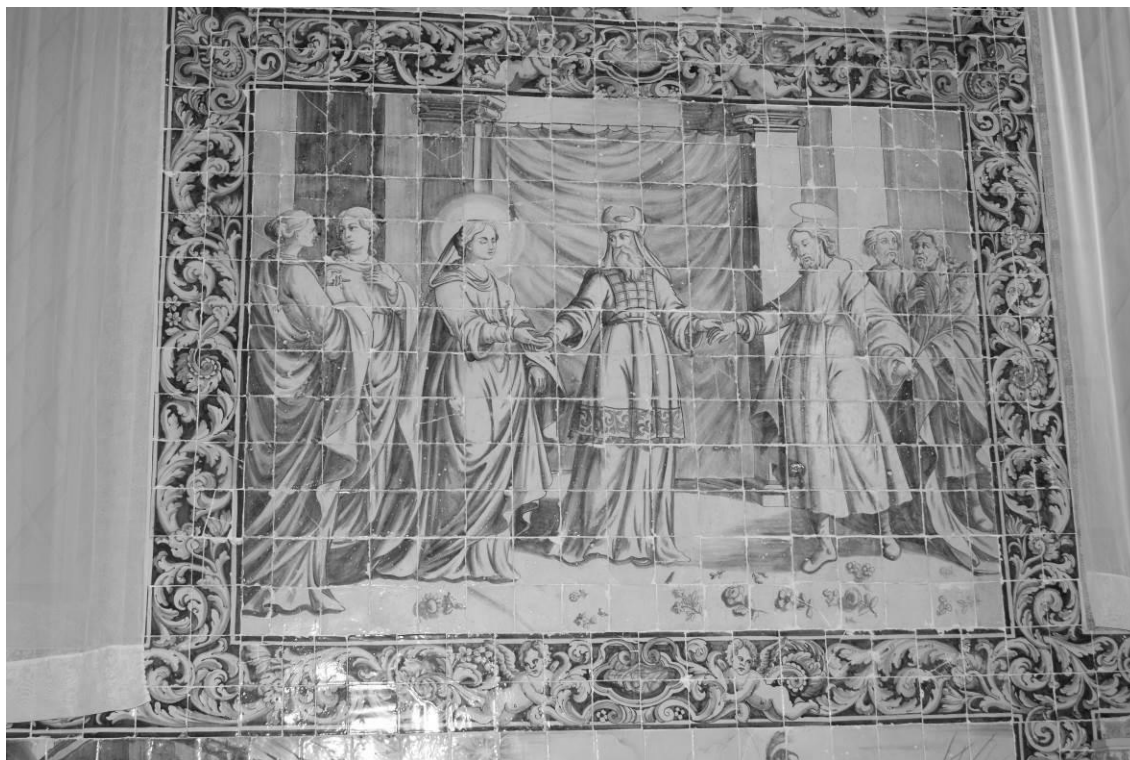


Fig. 111: Paineiro de azulejo na capela-mor da igreja do Convento das Capuchinhas.



Fig. 112: Fonte com volutas e cruzeiro, localizada a sudoeste do complexo.



Fig. 113: Fonte com elementos fitomórficos encastrada na fachada noroeste.



Fig. 114: Cruzeiro no centro do terreiro.



Fig. 115: Fonte com pequenos relevos que marca o pátio sudoeste.

sensações de dinamismo, exuberância e grandiosidade introduzindo, em simultâneo, o tempo como quarta dimensão e fator importante no trajeto do observador.

Se a linguagem chã está reconhecível nas paredes e na espacialidade interna da igreja, o Convento das Capuchinhas regista, também esta nova fase através de objetos artísticos de pequena escala, eixos e centralidades. Os painéis de azulejo monocromático na capela-mor da igreja [fig. 111], onde são retratados episódios da vida de S. José, estabelecem a mais forte relação com o gosto barroco. As fontes, simples mas com o léxico da época, procuram a frequente marcação centralizada dos espaços [fig. 112-113 e 114]. A Calçada das Capuchinhas, com escadaria e cruzeiro a rematar, conforma o gesto urbano do convento na cidade. Observa-se o seu caráter barroco através da monumentalização do seu percurso a eixo. O cruzeiro impõe-se numa cota mais elevada, permitindo o seu acesso por uma escadaria ornamentada. Este alinhamento cria assim uma sensação de grandiosidade do cruzeiro e terreiro [fig. 114].

Século XIX

Extinção das Ordens Religiosas

As estravagâncias absolutistas das coroas europeias e do clero, nos séculos XVII e XVIII, desencadearam manifestações sociais e movimentos culturais de rutura. Os ideais iluministas cresceram através de elites intelectuais que procuravam a razão como grande ferramenta de reforma da sociedade. Em Portugal, após meio século de grande capacidade económica, com reflexo na arte e arquitetura nacional, o terramoto de 1755 estabelece um momento de viragem. A reconstrução da cidade, pensada pelo Marquês de Pombal revê-se em ideais iluministas. O projeto de arquitetura para a capital, em contraste com o barroco, respondia não a grandiosidades e demonstrações de poder económico mas antes a preocupações racionais e humanistas. É neste contexto que as tropas napoleónicas encontram Portugal no início do século XIX. Com a segunda invasão francesa do território nacional a passar por Guimarães, em 1809, foram saqueados vários bens junto dos conventos e edifícios religiosos da cidade encontrando-se registos relativos à invasão do Convento das Capuchinhas. Seguindo as crueldades bélicas das invasões, as freiras registam a sua passagem referindo “desgraça” e “cruéis hostilidades”.¹⁶ Os anos seguintes terão sido marcados por dificuldades na comunidade religiosa causadas pelo panorama de destruição e pobreza nacional, associado à crescente emancipação dos ideais liberais.

Vencendo estes, em 1834, a guerra civil foi decretada a separação total do Estado da Igreja e a extinção das ordens religiosas¹⁷. Com a anexação imediata dos vários conventos masculinos de Guimarães à Fazenda nacional, e a progressiva anexação dos femininos ao longo do século XIX, o Convento das Capuchinhas começa a ver diminuído o seu número de enclausuradas até que, em 1888, com a morte da última freira, o convento se extingue. Ficando abandonado, o edifício passa a fazer parte da Fazenda nacional e os seus bens são vendidos em hasta pública vinte e quatro anos depois. Nos restantes conventos instalaram-se vários novos programas nos edifícios. Os conventos de S. Domingos e S. Francisco foram transformados em regimentos de infantaria, sendo já no final do século devolvidos à respetiva ordem. O Convento do Carmo e dos Capuchos passaram a funcionar como Asílio de Santa Estefânia e Hospital da Santa Casa da Misericórdia respetivamente. Com extinções tardias, o Convento de Santa-Clara passou para posse da Colegiada, que nele fundou um seminário.

¹⁶ *BOLETIM DE TRABALHOS HISTÓRICOS VOLUME II – Nº 4*. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1937, p. 190-192.

¹⁷ SILVEIRA, Luís Espinha da – *A venda dos bens nacionais (1834-43): uma primeira abordagem in Análise Social*. Lisboa: Instituto de ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1980.



Fig. 116: Avenida D. João IV.



Fig. 117: Indústria localizada na propriedade entre o Convento de Madre Deus e a igreja de N. S. da Consolação e Santos Passos.

Séculos XX e XXI

Ocupação Social e Industrialização

Ainda na segunda metade do século XIX, a linha férrea chega a Guimarães. Sinal de uma crescente industrialização da região, esta via de comunicação veio formatar o planeamento de várias artérias que estruturaram a cidade e potenciaram a sua expansão ao longo de todo o século XX. A abertura das avenidas D. João IV, conde Margaride ou D. Afonso Henriques lança eixos que incentivam a construção nas zonas limítrofes da cidade. Nas suas imediações, instalam-se grandes pavilhões e conformam-se zonas industriais. Por conseguinte, a relação visual estabelecida entre o Convento das Capuchinhas e a cidade é interrompida pelos edifícios industriais e habitacionais que se desenvolvem em redor da avenida D. João IV [fig. 116-117].

A profanação da igreja das Capuchinhas em 1910 marca dramaticamente o período de abandono e degradação do edifício. Apesar do decrescente poder da Igreja, a sua vertente de apoio social continuava a ser importante, em especial para os mais desfavorecidos. Em 1918, o padre D. Domingos aluga o edifício para um projeto pessoal de apoio a jovens pobres, denominado de Oficinas de S. José. Durante as décadas seguintes o convento sofreu várias remodelações com vista a melhorar as condições de habitabilidade do edifício. A maior campanha de obras, em meados do século XX, reconstrói a ala noroeste e constrói um novo refeitório. O processo de construção utilizado, com recurso a betão armado e alvenaria, resulta da crescente vulgarização da utilização destes materiais, conferindo uma linguagem sem qualquer ornamentação ou adereços, com paredes rebocadas a branco à fachada noroeste.¹⁸

No ano de 1952, D. Domingos é nomeado Bispo da Guarda e vê-se obrigado a deixar o seu projeto, ficando a direção a cargo de outro sacerdote. Com o Estado Novo a atribuir grande importância e poder à Igreja, a nova direção não partilharia da bondade e dom da palavra de D. Domingos¹⁹. Assim, as Oficinas de São José entram, durante um pequeno período, num regime rígido de obediência, perdendo dinamismo e passando diversas dificuldades¹. Em 1978, é reconhecida a importância social do projeto Oficinas de S. José e a Comissão Equipamentos coletivos da Secretaria de Estado e da Segurança Social inicia uma grande reabilitação do edifício. A intervenção dota-o de boas condições e novos equipamentos, mas foi bastante intrusiva: as lajes de betão armado (comuns nas construções da época) substituíram os pisos de madeira; o edifício foi compartimentado e subdividido; todos os espaços interiores foram rebocados ou

¹⁸ ABREU, Araújo; FONSECA, Álvaro Baltasar Moreira da - *História Breve das Oficinas de São José de Guimarães*. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1989.

¹⁹ Segundo relatos do antigo aluno das Oficinas de São José, Sr. Manuel Magalhães.

cobertos por azulejos. Mais recentemente, já no corrente século, com a denominação de Centro Juvenil de São José, e como resposta ao crescente turismo da cidade e à diminuição do número de jovens, parte do edifício é transformado em hostel.

O século XX fica marcado pela revolução técnica e tecnológica, consequente das revoluções industriais do século XIX. A arquitetura, reflexo da época, adquire novas características, procurando nos recursos disponíveis ferramentas de resposta às necessidades modernas. O pensamento na arquitetura ao serviço da sociedade, iniciado ainda no século XVIII, foi um dos temas explorados durante o período modernista. O betão armado e o ferro surgem como materiais que respondem às necessidades de uma construção simples, despojada de ornamentação e acessível a todos.

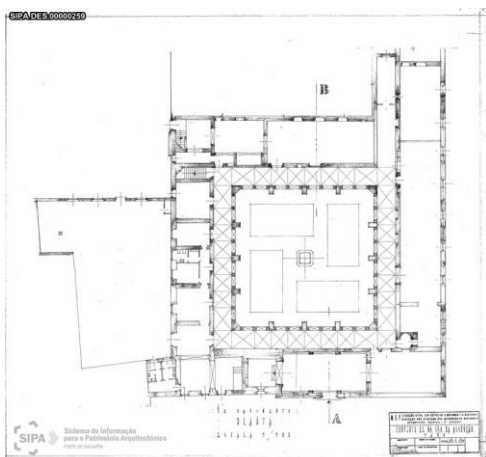


Fig. 118: Planta do Mosteiro da Assunção em Faro s/escala (SIPA Monumentos).

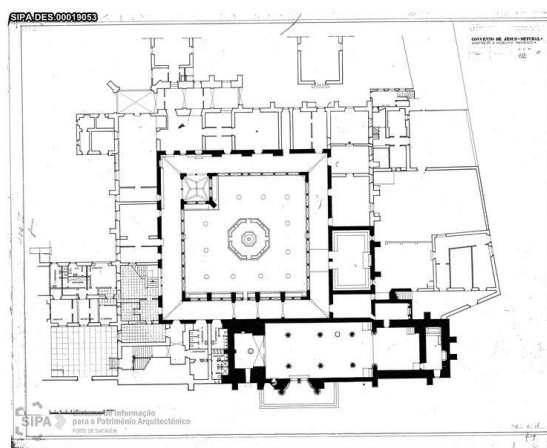


Fig. 119: Planta do Mosteiro de Jesus em Setúbal s/escala (SIPA Monumentos).

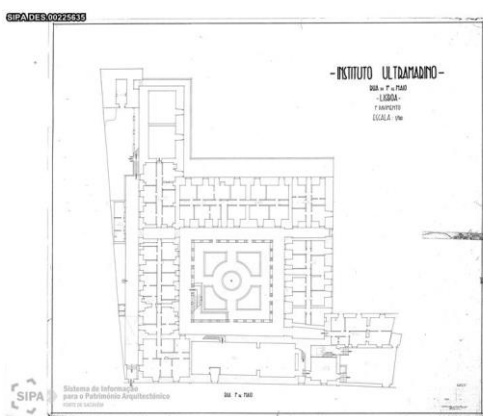


Fig. 120: Planta do Mosteiro de N. S. da Quietação em Lisboa s/escala (SIPA Monumentos).

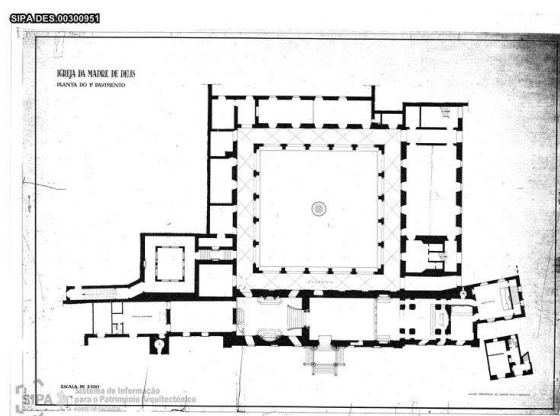


Fig. 121: Planta do Mosteiro de Madre Deus em Lisboa s/escala (SIPA Monumentos).

RELIGIÃO

Tipomorfologias

A construção de novos conventos e mosteiros por todo o país durante todo o século XVII estabeleceu grandes redes de diversas ordens religiosas.²⁰ Com isto, além das referências históricas e sociais, podem ser traçadas semelhanças e relações entre o Convento das Capuchinhas e vários complexos monásticos portugueses em especial da mesma ordem. A maior parte dos conventos nacionais e internacionais teriam uma igreja, um claustro e várias dependências onde viveriam os religiosos ou as religiosas. No ramo feminino a entrada na igreja era feita lateralmente e existiria um coro-alto ou um coro-baixo através do qual as irmãs assistiriam à celebração da Eucaristia [fig. 123 e 125]. Assim, nos mosteiros de clausura, estabelecer-se-iam dois percursos diferentes de acesso à igreja. Através da porta lateral, entraria a população que se acomodaria na nave principal e, vindo do interior do mosteiro, as freiras teriam acesso direto ao coro-alto, onde assistiriam à Eucaristia através de grades, sem contactar com a assistência. Na maior parte dos casos existiria uma ligação entre o coro-alto e a nave que seria utilizada apenas durante a comunhão para o sacerdote se dirigir à comunidade de religiosas.

O ramo das capuchinhas, derivante da Ordem de Santa Clara, teve apenas um complexo religioso no território nacional: o Mosteiro do Crucifixo ou das Francesinhas em Lisboa. Os mosteiros de Jesus em Setúbal [fig. 119], Madre Deus em Lisboa [fig. 121], N. S. da Assunção em Faro [fig. 118], Sta. Helena do Calvário em Évora, N. S. dos Mártires em Sacavém, N. S. da Quietação em Lisboa [fig. 120], S. Sebastião em Angra, N. S. das Mercês no Funchal, Mosteiro do Crucifixo em Lisboa, Santíssimo Sacramento em Louriçal, Madre Deus em Guimarães e Santa Apolónia em Lisboa seriam os doze mosteiros de Clarissas Reformadas²¹. Apesar de ser atribuído popularmente o genérico de Capuchas a todos os mosteiros de Clarissas Reformadas, dado o seu estilo de vida mais austero consequente da primeira regra de Santa Clara, a grande maioria dos mosteiros não vivia sob os estatutos das capuchinhas. O mosteiro do Santo Crucifixo foi fundado na década de 70 do século XVII, anos antes da fundação do convento vimaranense, e demolido em 1911. Apesar de não se encontrar registo físico da sua tipo-morfologia, existe registo escrito da sua entrada ser feita, tal como nos conventos masculinos, a eixo do altar, imediatamente abaixo do coro-alto. Embora a primeira regra de Santa Clara estabelecesse a simplicidade e ausência de riqueza nos

²⁰Para um estudo mais aprofundado sobre ordens religiosas no território nacional consultar: FRANCO, José Eduardo et al. - *Dicionário de Ordens e Instituições afins em Portugal*. Lisboa: Grávida, 2010.

²¹ Este assunto será explorado mais à frente em: Do Enquadramento local ao global, Religião, Franciscanismo.



Fig. 122: Interior da igreja Mosteiro de N. S. da Quietação em Lisboa (SIPA Monumentos).



Fig. 123: Coro-alto da igreja do Mosteiro de N. S. da Quietação em Lisboa (SIPA Monumentos).



Fig. 124: Painéis de azulejo no Mosteiro de Madre Deus em Lisboa (SIPA Monumentos).

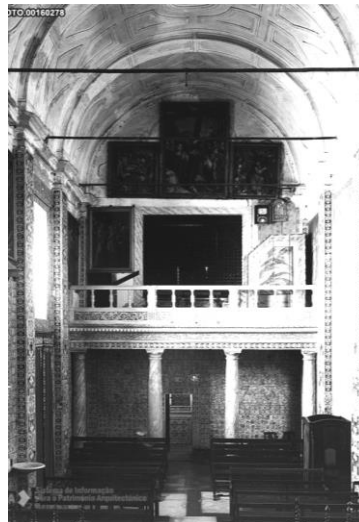


Fig. 125: Coro-alto da igreja do Mosteiro de Santa Helena em Évora (SIPA Monumentos).

complexos da Ordem, durante o período joanino todas as igrejas de Santa Clara (mesmo as Reformadas) foram alvo de ornamentações e retiveram vários bens sob sua posse. Apesar da diversidade tipológica de igrejas e claustros, a talha dourada e os painéis monocromáticos de azulejo são aspetos transversais a todos os mosteiros de Clarissas Reformadas nacionais.

O mosteiro de Nossa senhora da Quietação data de 1584 e tipologicamente a sua igreja assemelha-se à igreja conventual vimaranense. Embora a largura da capela-mor do templo lisboeta acompanhe a largura da nave (em Guimarães a capela-mor é mais pequena), a localização e linguagem do púlpito, a proporção do arco do coro alto e o pé-direito da nave, até ao século XX, seriam semelhantes em ambas [fig. 122-123]. Também em Lisboa o Convento de Madre Deus estabeleceu diversas relações com as capuchinhas de Guimarães. A primeira abadessa do convento vimaranense era originária desse convento, e a invocação de “Madre Deus” poderá ter surgido por influência do seu antigo acolhimento. Por outro lado, os painéis de azulejo, mais comuns no sul de Portugal, poderão ter chegado ao edifício nortenho devido ao contacto de D. Maria Luiza da Conceição com a azulejaria existente no convento Lisboaeta [fig. 124].

A fachada noroeste da ala da igreja estabelece semelhanças compositivas com as fachadas das igrejas de conventos capuchos [fig. 127]. No Convento das Capuchinhas, o arco, e o espaço interno subsequente remetem, para os nártex de entrada vulgarmente encontrados na entrada das suas igrejas. Da mesma forma, a posição e proporção da abertura no coro-alto acentua as analogias, já que imediatamente acima do nártex os Capuchos tinham aberturas simétricas que iluminavam o espaço interno. Por outro lado, a escala e posição do arco encontrado na fachada do Convento das Capuchinhas dissocia-se da composição simétrica dos conventos Capuchos. A abertura do vão no coro alto, rasgada já no século XX, seria uma forma de atribuir uma nova fachada para a cidade, dotando-a de uma nova imagem com semelhanças e afinidades com edifícios da ordem masculina.

A Colegiada de Guimarães, logo após a sua fundação, teve privilégios e apresentou-se como uma importante instituição eclesiástica da cidade.²² Ainda no século XIII, as ordens mendicantes de S. Domingos e S. Francisco implantaram os seus complexos junto de entradas da cidade, iniciando assim a expansão urbana para o exterior das muralhas. Mais tarde, nos séculos XVI e XVII instalam-se na cidade diversas ordens religiosas, como Santa Clara, “Capuchinhas”, Carmo, Dominicais ou Capuchos. Com a construção dos vários conventos e mosteiros, Guimarães

²² FERNANDES, Isabel – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira: história e património. Guimarães: Fábrica da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, 2011.

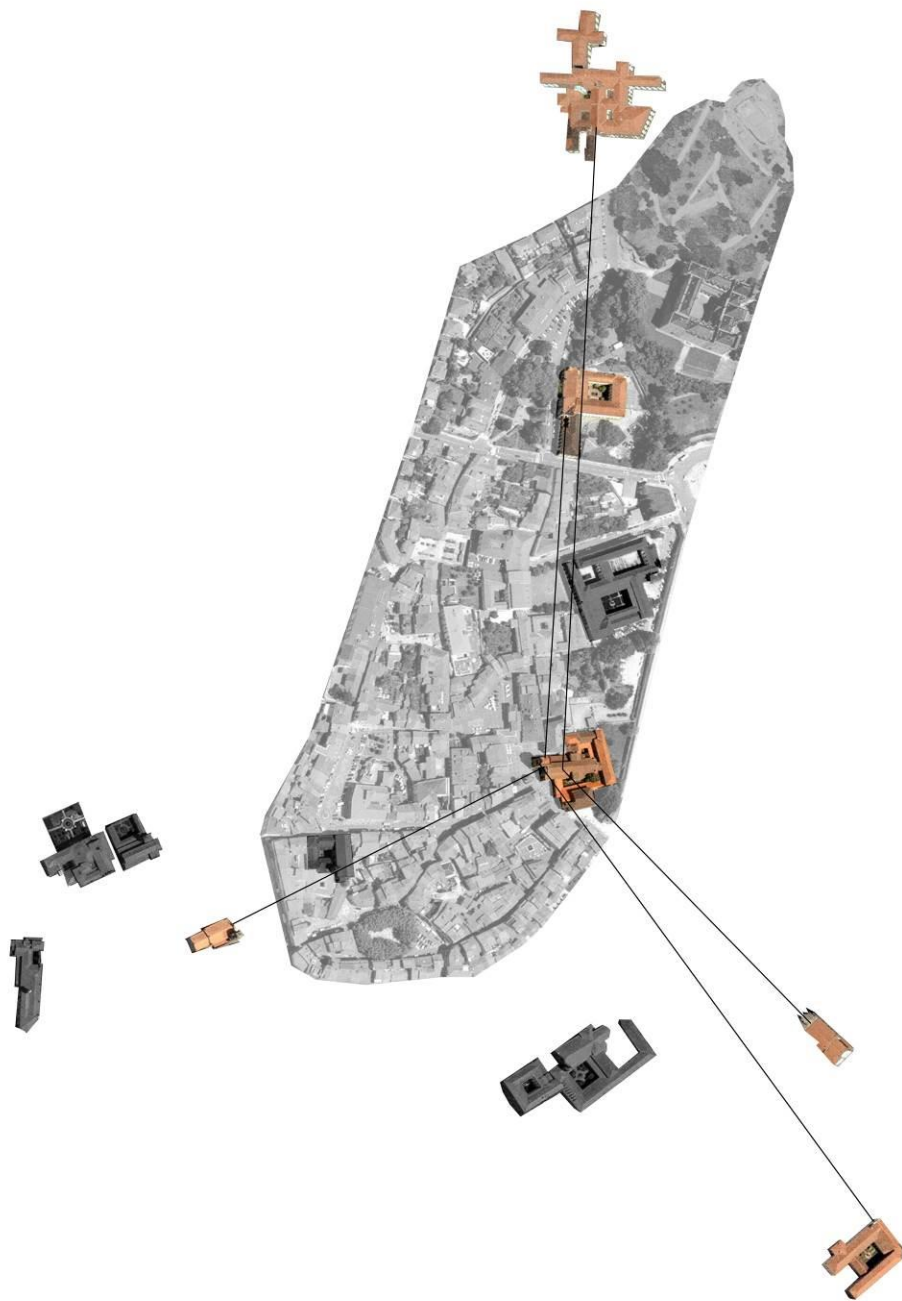


Fig. 126: Fotografia aérea da cidade de Guimarães com alinhamentos das igrejas (a cor as igrejas que procuram a igreja de N. S. da Oliveira como referência).

cresce e definem-se novos limites do aglomerado urbano. Apesar da implantação de edifícios religiosos no perímetro das muralhas, nos séculos XVI e XVII, é clara a procura de relações com o interior da cidade. As construções religiosas, junto a importantes vias de acesso ou próximas das portas da cidade, sempre que possível, orientavam-se para o núcleo urbano. Observando o desenho axial das principais igrejas, equaciona-se mesmo a possibilidade de existir uma influência visual da torre da Colegiada no alinhamento de implantação dos edifícios [fig. 126]. As igrejas dos conventos dos Capuchos, do Carmo, das Capuchinhas, a igreja de São Pedro e a igreja de N. S. da Consolação e Santos Passos têm o seu eixo de implantação convergente para a torre da Colegiada. Os convento de Santa Clara e a Misericórdia, pela sua implantação intramuralhas terão sido condicionados pela malha urbana e por isso a relação não se verifica. Da mesma forma, o convento das dominicas, pela sua localização numa cota inferior, não conseguiria estabelecer relação visual com a torre e por isso não segue a implantação focada. A criação desta centralidade demarca a importância simbólica do edifício e da Colegiada no contexto religioso da época.

As Clarissas Reformadas englobam-se na ordem das Clarissas, que por sua vez estabelece fortes relações com a Ordem dos Frades Menores. Desta forma, os conventos vimaranenses de Santa Clara e Capuchinhas, sob a obediência de regras de Santa Clara, teriam algumas semelhanças no seu funcionamento. Os padres confessores de ambas comunidades seriam provenientes do Convento de São Francisco, dada a proximidade entre os modelos de vida de Clarissas e Franciscanos. À semelhança do Convento de Madre Deus, a maior parte das igrejas vimaranenses datadas do século XVII, apresenta a nave em formato de caixa e um arco triunfal de volta perfeita na transição para a capela-mor de dimensões inferiores. Tipologicamente a igreja do Convento do Carmo é aquela que mais se assemelha à igreja do Convento das Capuchinhas. Com proporção, escala e linguagem idêntica, os dois templos caracterizam-se pela simplicidade de volumes e formas exteriores [fig. 129].

O próprio claustro do Convento do Carmo, apesar de não apresentar a robusteza e dureza das Capuchinhas, é extremamente simples. No piso inferior, contam arcaria de volta perfeita assente em pilastras com pequenas marcações de capitel e nos pisos superiores observam-se



Fig. 127: Planta do Convento dos Capuchos em Guimarães s/escala (Escola de Arquitetura da Universidade do Minho).

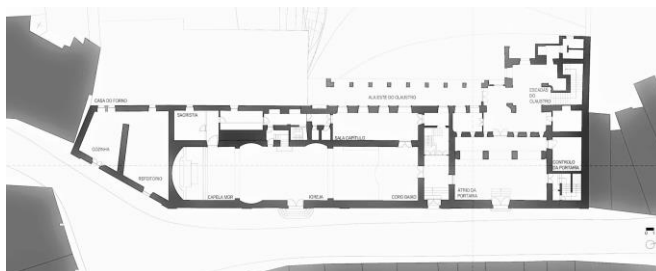


Fig. 128: Planta do Convento das Dominicicas em Guimarães s/escala (Escola de Arquitetura da Universidade do Minho).

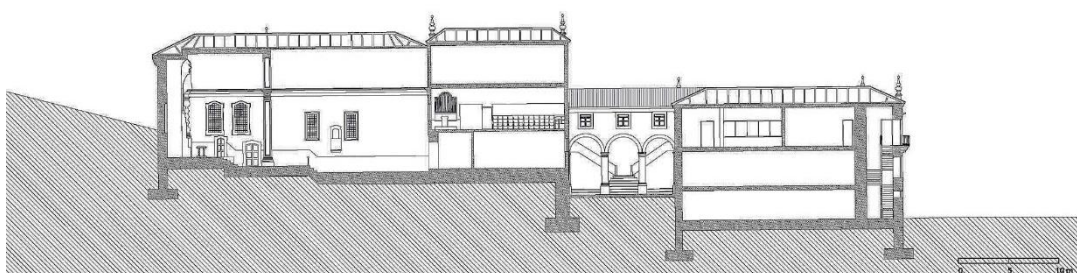


Fig. 129: Secção da igreja do Convento do Carmo em Guimarães (Escola de Arquitetura da Universidade do Minho).

janelas para o claustro. Ao analisar os programas atuais dos antigos conventos, percebe-se o potencial dos edifícios para instituições sociais e culturais. Atualmente, da mesma forma que o Convento das Capuchinhas é ocupado por um centro juvenil masculino, no convento de São Francisco funciona um lar de idosos, no Convento do Carmo um centro de juventude feminino e jardim-de-infância e o Convento dos capuchos é um centro de saúde. De âmbito cultural, destacam-se o Convento de São Domingos como museu, o Convento das Domínicas ^[fig. 128] como sede de Associações e o Convento de Santa Clara como Câmara Municipal de Guimarães.

Franciscanismo

No século XIII, um Italiano, mais tarde chamado São Francisco de Assis apresenta, com o seu modelo de vida, uma nova doutrina para o catolicismo. Baseando-se em conceitos de pobreza, humildade, clausura e relação com a natureza, é instituída a Ordem dos Frades Menores (ou Franciscanos) no ano de 1209. Conhecida por ser uma das ordens mendicantes, os seus preceitos rapidamente se espalharam por toda a Europa, fundando conventos em todas cidades importantes da época. Em simultâneo, e baseando-se nos mesmos preceitos do franciscanismo, Santa Clara, pede a São Francisco que seja fundada uma irmandade semelhante para o sexo feminino. No ano de 1253, e depois da ordem feminina ter passado pela regra de São Bento e pela regra de São Francisco, é aprovada, a primeira regra de Santa Clara, adaptada da regra de São Francisco. Dez anos após a aprovação da regra, o papa Inocêncio IV escreve nova regra onde permitia a receção e posse de rendas e possessões comuns. Os conventos de clarissas, à semelhança dos franciscanos, difundem-se por todos os reinos europeus da época, transformando-se em instituições com grandes posses e direitos sobre campos agrícolas. No século XV, o afastamento dos valores originais da Ordem Clarissa motiva um movimento renovador no seio da ordem. Em 1458, o papa Pio II reafirmava os valores originários de pobreza, espírito de oração, contemplação e fraternidade e proibia a aceitação de dotes e rendas. No que à arquitetura diz respeito referiu que os edifícios deviam ser simples, sem nada supérfluo ou precioso, e que todos deveriam ter uma biblioteca. No seguimento da reforma, sob aprovação de Paulo III, nascem oficialmente as Clarissas Capuchinhas em 1538. Observando a primeira regra de Santa Clara, esta ramificação, originária de Nápoles, irradiou-se para vários países europeus na segunda metade do século XVI.²³

O território nacional desde cedo contou com implantações de complexos Franciscanos e Claristas que recebiam dotes e rendas de várias propriedades. Com a chegada da reforma da Ordem de Santa Clara a Portugal no ano de 1490, através da construção do Mosteiro de Jesus em Setúbal, inicia-se um novo ciclo em alguns conventos da ordem. No ano de 1739, eram doze o número de conventos de Clarissas Reformadas e cinquenta e três de Clarissas que viviam sobre

²³ Para um estudo mais aprofundado sobre ordens religiosas no território nacional consultar: FRANCO, José Eduardo et al. - *Dicionário de Ordens e Instituições afins em Portugal*. Lisboa: Grávida, 2010 e BRANCO, Manoel Bernardes - *História das ordens monásticas em Portugal*. Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1888.

a regra aprovada por Urbano IV. O Convento do Crucifixo seria o único de freiras Capuchinhas em Portugal, fundado por seis freiras provenientes do mosteiro de Paris em 1665.

A ordem das Clarissas implanta-se em Guimarães no ano de 1553, adotando a regra de Urbano IV no Convento de Santa-Clara. Mais tarde no ano de 1716 chega à cidade, vinda do Mosteiro de Madre Deus de Lisboa (observante da primeira regra de Santa Clara desde 1508 e portanto de Clarissas Reformadas) a Abadessa Luiza Maria da Conceição para fundar um convento sob a primeira regra de Santa Clara. A igreja, já erigida na data da chegada da abadessa, demonstra, através da linguagem chã, uma forte ligação com a primeira regra de Santa Clara. Com grande simplicidade e rigidez o claustro é um reflexo único do espírito de fundador da Ordem. As designações de “Capuchinhas” e “freirinhas descalças”, atribuídas pela população como forma de distinguir os dois conventos de Clarissas da Cidade, seria proveniente da austeridade das freiras de Madre Deus, muito superior à praticada no Convento de Santa Clara.

INTERESSE PATRIMONIAL

Analisando os mais de trezentos anos de história edificativa do Convento de Madre Deus de Guimarães torna-se óbvio o interesse público do edifício no panorama vimaranense e nacional. A sua fundação acontece num período de expansão monástica europeia, na sequência das reformas aplicadas pelo Concílio de Trento. O seu funcionamento reflete o contexto cultural e religioso nacional, através das suas diferentes ocupações: funcionando durante um período marcado pela importância da religião na sociedade, foi extinto com a chegada do liberalismo, e ressurgiu com um âmbito social já depois da implantação da República. A relação com a Ordem das Clarissas é peculiar dada a simplicidade e austeridade apresentadas no edifício. Apesar da reforma e retorno à Primeira Regra de Santa Clara, defensora de pobreza extrema, torna-se difícil nomear outro convento da mesma ordem onde os valores tenham sido tão respeitados na construção. A arquitetura chã da igreja, bem como claustro austero e pesado, representam uma grande complementaridade entre Regra e Arquitetura. O papel desempenhado na cidade teve sempre o apoio e reconhecimento da comunidade vimaranense: primeiramente através das “freirinhas descalças”, muito estimadas na cidade pelo seu modo de vida pobre e despojado que contrastava com outros conventos locais; mais tarde com “D. Domingos e os seus rapazes”, e o seu sentido de acolhimento e beneficência social.

A igreja do Convento das Capuchinhas, já referenciada como Imóvel de Interesse Público, é um exemplar da construção do período pós-filipino em Portugal. O estilo depurado e austero bem como a volumetria em caixa são próximas a uma linguagem chã, muito recorrente nas construções do séculos XVII e XVIII sobretudo nos territórios de periferia da corte. Por outro lado, as volutas na decoração da entrada preconizam a chegada do gosto barroco. Desta forma, na igreja verifica-se um valor intrínseco de obra proto-barroca. A assunção barroca parece manifestar-se através da marcação dos espaços vazios, com fontes e cruzeiro. No Convento das Capuchinhas existe uma pontuação de todos os espaços de forma sequencializada, demonstrando um gosto, quiçá regra ou lógica, que se manteve ao longo de vários anos. Os painéis de azulejo narrativos da vida de S. José, presentes na capela-mor, são o elemento artístico de revestimento de maior relevância no convento: importantes exemplares de azulejaria barroca em Portugal, os painéis do século XVIII são referências da arte na cidade de Guimarães²⁴. Em termos urbanos, a

²⁴ CARVALHO, Maria do Rosário - *A pintura do azulejo em Portugal [1675-1725]: Autorias e biografias - um novo paradigma*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012

implantação do convento é reflexo da importância dos complexos religiosos na época. Com o eixo da igreja dirigido à mira da torre da igreja de Nossa Senhora da Oliveira, o templo capuchinho faz parte de uma rede de igrejas vimaranenses relevantes que procuraram na torre uma referência visual e simbólica do poder da Colegiada. Na fachada noroeste da ala da igreja observa-se um pequeno gesto de comunicação do edifício para com a cidade. O arco de volta perfeita, colocado de forma assimétrica na fachada, permitiria à ordem de clausura, estabelecer um duplo vínculo visual: próximo com a entrada na cerca; longínquo com as muralhas e a envolvente próxima da porta de N. S. da Guia. Quando observada da cidade a fachada cria uma “cenografia”, visível nos remates superiores com a ornamentação e no gesto da janela do coro-alto qual *‘piano nobile’* para a cidade.

Com a água a desempenhar um papel importante na vivência e simbolismo da comunidade religiosa, os vários espaços vazios marcados com fontes, eram abastecidos pelo tanque no limite sul da cerca. A água chegaria até às fontes através de canais empedrados, e com ela estabelecer-se-iam interessantes narrativas: a fonte da água, o seu percurso e momento central de chegada faziam analogias com a vida, e com a relação do Homem com o Divino.²⁵

Volumetricamente o edifício apresenta-se com um claustro ao centro, quatro alas em seu redor e três peças que projetavam um gesto para o crescimento de um novo claustro. Além dos gestos arquitetónicos de implantação da igreja no alinhamento do centro urbano, construção do claustro como início de grande campanha de obras, abertura do pequeno eixo urbano de raiz barroca, pontuação dos espaços vazios ou simbolismos da água, acima de tudo, a importância arquitetónica do edifício advém do palimpsesto de fases e períodos, materializados em obras que transformaram o Convento das Capuchinhas num documento onde se reflete a sociedade e a cultura das épocas.

Localizado numa periferia da cidade, o Convento de Madre Deus, apesar de representar uma considerável mancha construída, nunca procurou grandiosidade nem atenção e terá sido esse fato a relegar, por vezes, para segundo plano a sua importância patrimonial na cidade de Guimarães. As construções do último século na avenida D. João V distanciaram o edifício do centro histórico e contribuíram para a camuflagem do seu valor. Da mesma forma, o pesado restauro de 1978 apagou e ocultou marcas do edifício original, abatendo o seu interesse histórico e artístico. Sem ter recebido a monumentalização ou a transformação memorial de outros edifícios vimaranenses, o Convento de Madre Deus é hoje, para todos os que o conhecem, um edifício

²⁵ BIBLIA SAGRADA, C. D. Stampley: Charlotte, North Carolina, USA, 1974.

atual, com grande registo histórico e social. A sua valorização patrimonial passará em muito pela difusão e estudo da sua história associada a uma reaproximação do complexo ao centro histórico.

As atuais referências patrimoniais, valorizam e respeitam as diversas fases construtivas do edifício. Desde a década de setenta, observam-se várias intervenções que preservaram e deixaram visíveis as marcas arquitetónicas de cada época.²⁶ A igreja de Nossa Senhora da Oliveira em Guimarães é exemplo disso, e referência na forma de trabalhar o património no final do século XX e início de XXI²⁷. O Convento das Capuchinhas teve a sua última campanha de obras, no final da década de setenta. Talvez pelo desconhecimento das recomendações das Cartas do Património¹, ou simplesmente pela falta de informação histórica relativa ao complexo, não foi salvaguardado o interesse patrimonial do edifício. Assim este trabalho, além de um papel informativo sobre a história do complexo, torna-se um contributo para futuras intervenções, constituindo uma base de apoio ao projeto.

²⁶ Para um aprofundamento sobre noção do património do século XX consultar: LOPES, Flávio – *Património Arquitetónico e Arqueológico: Noção e normas de proteção*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2012.

²⁷ Para um aprofundamento sobre restauro em Portugal no século XX consultar: TOMÉ, Miguel – *Património e restauro em Portugal (1920-1995)*. Porto: FAUP Publicações, 2002.

NOTAS FINAIS

A investigação sobre o antigo Convento de Madre Deus em Guimarães aprofundou o conhecimento sobre o edifício, contribuindo para a sua valorização e lançando bases para estudos futuros. Metodologicamente, o processo de pesquisa desenvolveu-se em três partes distintas, cada uma materializada num capítulo. O enquadramento e levantamento do edifício possibilitou, desde o seu momento inicial, uma análise interpretativa e um enquadramento artístico do objeto. Fruto do trabalho da fase inicial criou-se um registo métrico e fotográfico do edifício que constitui uma ferramenta de análise atual. Com esta abordagem, a interpretação e o enquadramento resultaram do cruzamento de informação recolhida e conhecimento adquirido.

O método de investigação utilizado apresenta-se como uma resposta para estudos sobre edifícios que carecem de consistentes registos históricos. Assim, constitui-se como um trabalho de relevância para a história do edifício do Convento das Capuchinhas. Sendo um método aberto a novos contributos por parte de futuros trabalhos arqueológicos no convento e/ou estudos histórico-sociais sobre a ordem monástica e as suas vivências o processo iniciado poderá vir a enriquecer-se.

Com a interpretação e o enquadramento foram exploradas noções de construção, organização espacial e arquitetura religiosa. Assim, e numa abordagem transdisciplinar entre história e arquitetura, a investigação tornou-se reflexo do seu próprio processo, e perspetivar abordagens sustentadas no futuro.

BIBLIOGRAFIA

Genérica:

ABREU, Luís Machado; FRANCO, José Eduardo - *Ordens e Congregações Religiosas*. Lisboa: Gradiva, 2010.

ALMEIDA, Fortunato de - *História da Igreja em Portugal: Tomo III*. Coimbra: Imprensa Académica, 1912.

AVILLA, Affonso - *Barroco mineiro glossário de arquitectura e ornamentação*. Belo Horizonte : Fundação João Pinheiro, 1996.

BIBLIA SAGRADA, C. D. Stampley : Charlotte, North Carolina. USA, 1974.

BORGES, Nelson Correia - *História da Arte em Portugal, Vol. 9: Do Barroco ao Rococó*. Lisboa : Publicações Alfa, 1993.

BRANCO, Manoel Bernardes - *História das ordens monásticas em Portugal*. Lisboa: Livraria Editora de Tavares Cardoso & Irmão, 1888.

CARVALHO, Maria do Rosário - *A pintura do azulejo em Portugal [1675-1725]: Autorias e biografias, um novo paradigma*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012.

CASTRO, João Bautista de - *Mappa de Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Oficina Patriacal de Francisco Luís Ameno, 1762.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS INSTITUTOS RELIGIOSOS, *Ordens Religiosas masculinas em Portugal*. Lisboa: 1964.

CORREIA, José Eduardo Horta - *Arquitectura Portuguesa: Renascimento, Maneirismo, Estilo Chão*. Lisboa: Editorial Presença, 1991.

COSTA, Alexandre Alves – *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*. 2ª edição Porto: FAUP publicações, 2007.

COSTA, P. António Carvalho da - *Da Corografia Portuguesa: Tomo Primeiro*. Lisboa: Edição Valentim das Costa Deslandes, 1706.

CHOAY, Françoise – *Alegoria do Património*. 2ª Edição. Lisboa: Edições 70, 2014.

CREMADES, Fernando Checa - *Barroco: el arte y los sistemas visuales*. Madrid: istmo, 1982.

DIAS, Pedro - *História da Arte em Portugal, Vol. 6: O renascimento*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993.

FERNANDES, Maria Eugénia Matos - "Século e Clausura no Mosteiro de Santa Clara do Porto em Meados do Século XIX". *Revista Científica Nacional*. Porto: (1995).

FERNANDES, José Manuel - *Arquitectura Portuguesa uma Síntese*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.

FIGUEIREDO, Ana Paula Valente - *Os conventos franciscanos da Real Província da Conceição: Análise tipológica, artística e iconográfica*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2008.

FRANCO, José Eduardo et al. - *Dicionário de Ordens e Instituições afins em Portugal*. Lisboa: Gravida, 2010.

GUIMARÃES, Agostinho Gomes Fernandes - *Azulejos artísticos de Guimarães (séculos XVI, XVII, XVIII)*. Porto, 1983.

KLUBER, George - *Arquitectura Portuguesa Chã: Entre especiarias e diamantes*. 2ª Edição. Lisboa: Veja, 2005.

LOOS, Adolf - *Ornamento e Crime*. Lisboa: Cotovia, 2006.

LOPES, Flávio – *Património Arquitectónico e Arqueológico: Noção e normas de proteção*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2012.

MOURA, Carlos - *História da Arte em Portugal, Vol. 8: O Limiar do Barroco*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993.

NORBERG-SCHULTZ, Christian - *Baroque Architecture*. Nova Iorque: 1971.

OLIVEIRA, Eduardo - *André Soares e o rococó do Minho*. Porto: Universidade do Porto, 2011.

PEREIRA, José Fernandes - *Arquitectura Barroca em Portugal*. Lisboa: Biblioteca Breve, 1986.

ROSSA, Walter - *A Urbe e o Traço*. Coimbra: Almedina, 2002.

SERRÃO, Vitor - *História da Arte em Portugal, Vol. 7: O Maneirismo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1993.

SILVA, Jorge Henrique Pais da - *Estudos sobre o Maneirismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1996.

SILVEIRA, Luís Espinha da – *A venda dos bens nacionais (1834-43): uma primeira abordagem in Análise Social*. Lisboa: Instituto de ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1980.

SOUSA, Bernardo Vasconcelos - *Ordens Religiosas em Portugal. Das Origens a Trento: Guia Histórico*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

TÁVORA, Fernando et al. - *Arquitetura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988.

TOMAN, Rolf - *O Renascimento, arquitectura, escultura, pintura*. Colónia: 1998.

TOMÉ, Miguel – Património e restauro em Portugal (1920-1995). Porto: FAUP Publicações, 2002.

URBANO, Luís - *A Arquitectura dos Conventos Femininos: Correntes de Investigação in Revista MURPHY*. Porto: FAUP, Março de 2006.

Específica:

ABREU, Araújo; FONSECA, Álvaro Baltasar Moreira da - *História Breve das Oficinas de São José de Guimarães* – Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1989.

ACTA DA SESSÃO DA IRMANDADE DA CONSOLAÇÃO E SANTOS PASSOS in Livro das Actas da Irmandade. Guimarães: 12 de Maio de 1912.

AFONSO, José Ferrão; FERRÃO, Bernardo - *A evolução da forma urbana de Guimarães e a criação do seu património edificado*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2000.

AFONSO, José Ferrão; OLIVEIRA, Marta M.P.A; RAMOS, Silvia - "Guimarães Ad radicem montis latito". Revista Monumentos nº 33. Lisboa: 2013.

ALVES, José Maria Gomes - "O Convento das Capuchinhas ou da Madre-Deus" . Jornal de Notícias de Guimarães. Guimarães: 12:01 (1979).

ALVES, José Maria Gomes - *Património Artístico e Cultural de Guimarães*. Guimarães: 1981.

AZEVEDO, Padre Torcato Peixoto de - *Memórias Ressuscitadas da Antiga Guimarães*. Guimarães: 1845.

BOLETIM DE TRABALHOS HISTÓRICOS VOLUME II – Nº 4. Guimarães: Arquivo Municipal Alfredo Pimenta, 1937, p. 190-192.

BRANCO, Fernando Castelo - *Guimarães nos Medos do Século XVIII*. Guimarães: 1981.

CALDAS, Padre António José Ferreira - *Guimarães, Aparentamentos para a sua história*. Guimarães: Edição Camara municipal de Guimarães/ Sociedade Martins Sarmento, 1996.

FERNANDES, Isabel – Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira: história e património. Guimarães: Fábrica da Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Oliveira, 2011.

FERNANDES, Isabel, CORREIA, Jorge – *Guimarães Moderna*. Braga: Universidade do Minho, 2012.

FONTE, Barroso da – *Guimarães: Roteiro Turístico*. Guimarães: 1995.

GUIMARÃES, in Coleção Diogo Barbosa Machado da Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, Brasil: c. 1569.

FERRÃO, Bernardo José e AFONSO, José Ferrão - "A Evolução da forma urbana de Guimarães e a criação do seu património edificado" in INSTITUTO DE ARTE E HISTÓRIA - *Revista de História da Arte*, nº 4. Lisboa: Edições Colibri, 2007.

LIVRO DE SESSÕES DE VERAÇÕES DA CÂMARA MUNICIPAL DE GUIMARÃES, Guimarães: Camara Municipal de Guimarães, 1716.

MACEDO, João Carlos - "No 63º Aniversário do Centro Juvenil de São José". Povo de Guimarães: 20:2 (1978).

MEIRELES, Maria José Marinho de Queirós - *Conventos de Guimarães*. Guimarães: Curso de Ciências Documentais – Arquivo, 1990, p. 51-52.

MENDES, Sónia - "Centro Juvenil de S. José Comemora 97º aniversário". O Comércio de Guimarães. Guimarães: 21:03 (2012).

MORAES, Maria Adelaide Pereira - *Guimarães, Terras de Stª Maria*. Guimarães: Oficina Gráfica da Livraria Cruz, 1978.

PINTO, Elisabete - "*Centro Juvenil de S. José assinala 96 anos*". O Comércio de Guimarães. Guimarães: 23:03 (2011).

RIBEIRO, Manuel d'Almeida - *Planta da Cidade de Guimarães*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 1863.

ROCHA, Raúl - *Centro Juvenil de S. José: a renovação educacional na recuperação e integração de jovens* in Povo de Guimarães. Guimarães: 1977.

VILAVERDE, Ana, et al. - *Convento de Madre Deus: Convento das Capuchinhas*. Guimarães: Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, 2011.

ÍNDICE DE IMAGENS

14	Fig. 1: Ortofotomapa de Guimarães com localização do Convento de Madre Deus.
16	Fig. 2: Anotações do processo de levantamento métrico.
18	Fig. 3: Anotações do processo de interpretação das fases.
24	Fig. 4: Manuscrito do Livro de Atas da Câmara referente a 13 de Abril 1716, (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta).
24	Fig. 5: Página do Livro Corografia Portuguesa onde é descrita a história de fundação do convento. (http://purl.pt/434/3/hg-1065-v/hg-1065-v_item3/index.html#/10).
38	Fig. 6: Fachada nordeste da igreja com terreiro e cruzeiro - séculos XVII e XVIII.
38	Fig. 7: Fachada sudoeste do refeitório - século XX.
38	Fig. 8: Fachada sudoeste - século XVIII.
42	Fig. 9: Cronologia de acontecimentos e pessoas marcantes.
46	Fig. 10: Cronologia de obras no edifício.
54	Fig. 11: Claustro com fonte de água ao centro.
56	Fig. 12: Grade no coro-alto da igreja.
58	Fig. 13: Jovens das Oficinas do São José na primeira colónia de férias (História Breve das Oficinas de S. José de Guimarães).
60	Fig. 14: Tipografia do Centro Juvenil de São José.
68	Fig. 15: Recolhimento do Anjo no Largo Condessa do Juncal antes da sua demolição (http://www.amap.com.pt/uploads/c/content/4/6-66-5-7.jpg).
68	Fig. 16: Rua Val de Donas (http://reimaginar.webprodz.com/imagem/pt-rmgmr-cfm-268/).
68	Fig. 17: Lugar do Campo Galego ou Rosal de Santa Isabel.
70	Fig. 18: Desenho do baixo-relevo no piso da igreja.
72	Fig. 19: Interior da igreja do Convento das Capuchinhas.
72	Fig. 20: Pórticos em conventos vimaranenses, respetivamente, Capuchinhas, São Francisco, Carmo e Dominicais.
74	Fig. 21: Planta da igreja do Convento do Carmo (Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, Ana Alves, João Vieira, Henrique Bivar, Pedro Santos).
74	Fig. 22: Vão do púlpito da igreja do Convento das Capuchinhas em Guimarães.
74	Fig. 23: Acesso ao púlpito da igreja do Convento das Capuchinhas em Guimarães.
74	Fig. 24: Janelas entaipadas na parede sudoeste da capela-mor.
74	Fig. 25: Porta entaipada com betão na parede nordeste da capela-mor.
76	Fig. 26: Espaço interior do claustro com fonte ao centro.
76	Fig. 27: Fachada sudoeste do convento com uma diferença de estereotomia.
78	Fig. 28 e 29 Representação tridimensional da fase "Fundação".
78	Fig. 30 Proposta de planta para a fase "Fundação".
80	Fig. 31: Lápide de Dona Luíza Maria da Conceição na ala nordeste do convento.
82	Fig. 32: Estudo da geometria do claustro em planta.
82	Fig. 33: Estudo de proporções das alas em planta.
82	Fig. 34: Estudo de composição da fachada sudeste do claustro.

- 84 Fig. 35: Estudo de aberturas na fachada sudeste do edifício.
- 84 Fig. 36: Estudo de aberturas na fachada sudoeste do edifício.
- 84 Fig. 37: Estudo de aberturas na fachada sudeste do claustro.
- 84 Fig. 38: Estudo de aberturas na fachada nordeste da nave da Igreja.
- 86 Fig. 39: Janelas do coro-alto na fachada nordeste do convento.
- 86 Fig. 40: Fachada noroeste do volume da igreja.
- 86 Fig. 41: Arco na fachada noroeste do volume da igreja.
- 86 Fig. 42: Arco na fachada noroeste do volume da igreja localizado no espaço de entrada.
- 86 Fig. 43: Arco de acesso à ala noroeste localizado no espaço de entrada.
- 88 Fig. 44: Ala sudeste do claustro dividida em sepulturas.
- 88 Fig. 45: Arco que remataria a ala sudoeste, atualmente na cozinha.
- 90 Fig. 46: Fachada sudeste do edifício com marcação vertical na estereotomia.
- 90 Fig. 47: Escadaria de duplo acesso ao segundo piso na ala da igreja.
- 90 Fig. 48: Janela longitudinal com capialços na fachada sudeste do convento.
- 90 Fig. 49: Vão entaipado de passagem da comida para o refeitório .
- 90 Fig. 50: Fachada noroeste do edifício com diferenciação de estereotomia por pisos.
- 92 Fig. 51: Parede da ala nordeste do claustro onde é visível um recorte na estereotomia.
- 92 Fig. 52: Porta de entrada na cerca controlada através das grades do arco da fachada noroeste.
- 94 Fig. 53 e 54: Representação tridimensional da fase "Crescimento".
- 94 Fig. 55: Proposta de planta para a fase "Crescimento".
- 96 Fig. 56: Representação da igreja de N. S. da Consolação e Santos Passos e da igreja do Convento das Capuchinhas na Planta da Cidade de Guimarães de 1863 (Arquivo Municipal Alfredo Pimenta).
- 98 Fig. 57: Estudo do uso do quadrado na composição dos espaços vazios do convento e respetiva marcação com recurso a fontes e cruzeiro.
- 100 Fig. 58: Cruzeiro no centro do terreiro à entrada da igreja do Convento das Capuchinhas.
- 100 Fig. 59: Escadaria de acesso ao terreiro, alinhada com a calçada das capuchinhas.
- 102 Fig. 60: Pannel de Azulejo na capela-mor da igreja do convento, retratando cenas da vida de São José.
- 104 Fig. 61 e 62: Representação tridimensional da fase "Manutenção".
- 104 Fig. 63: Proposta de planta para a fase "Manutenção".
- 108 Fig. 64: Figuras de Nossa Senhora de Madre Deus, São José e Menino Jesus na igreja de N. S. da Consolação e Santos Passos.
- 110 Fig. 65: Interior da cerca com forte vegetação.
- 112 Fig. 66 e 67: Representação tridimensional da fase "Abandono".
- 112 Fig. 68: Proposta de planta para a fase "Abandono".
- 114 Fig. 69: Sepultura de D. Domingos Gonçalves, na igreja do convento.
- 116 Fig. 70: Estudo de vãos na fachada noroeste.
- 116 Fig. 71: Espigueiro e eira na cota mais alta da propriedade conventual.
- 116 Fig. 72: Fachada nordeste do edifício com antiga entrada pela atual janela da secretaria.
- 118 Fig. 73: Refeitório do Centro Juvenil no novo volume a sudoeste.

- 118 Fig. 74: Espaço a sudoeste do convento onde eram depositadas as águas residuais.
- 120 Fig. 75: Igreja antes das obras na cobertura. (SIPA monumentos).
- 120 Fig. 76: Arco entaipado visível no sótão.
- 120 Fig. 77: Porta voltada do coro-alto para a cidade na fachada noroeste.
- 120 Fig. 78: Fachada sudeste do refeitório.
- 122 Fig. 79: Altar da igreja do Convento das Capuchinhas oriundo do Convento de Santa Clara de Guimarães.
- 122 Fig. 80: Vinhas no interior da cerca, junto aos cultivos agrícolas.
- 124 Fig. 81 e 82: Representação tridimensional da fase "Reabilitação".
- 124 Fig. 83: Proposta de planta para a fase "Reabilitação".
- 126 Fig. 84: Planta de arquitetura para remodelação do edifício em 1978 (Centro Juvenil de São José).
- 128 Fig. 85: Interior de uma "família" com vários quartos, instalações sanitárias e espaço de estar.
- 128 Fig. 86: Porta corta-vento na igreja do convento.
- 130 Fig. 87: Lavandaria no rés-do-chão da ala sudeste.
- 130 Fig. 88: Interior do salão nobre no antigo coro-alto.
- 130 Fig. 89: Sede da associação de antigos alunos das Oficinas de São José.
- 130 Fig. 90: Ringue de futebol, localizado a sudoeste do complexo monástico.
- 132 Fig. 91 e 92: Representação tridimensional da fase "Remodelação".
- 132 Fig. 93: Proposta de planta para a fase "Remodelação".
- 134 Fig. 94: Evolução em planta do convento.
- 136 Fig. 95: Representação tridimensional das várias fases do convento.
- 138 Fig. 96: Fachada noroeste da nave.
- 138 Fig. 97: Fachada noroeste da ala da Igreja.
- 138 Fig. 98: Fachada nordeste da entrada e coro alto.
- 142 Fig. 99: Enfiamento da fachada noroeste da ala da igreja.
- 144 Fig. 100: Planta da cidade de Guimarães do século XVI (Coleção Diogo Barbosa Machado da Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Brasil).
- 146 Fig. 101: Modelo de templo na fachada noroeste.
- 146 Fig. 102: Arco Triunfal na transição da nave para a capela-mor.
- 148 Fig. 103: Tipologia de igreja-caixa.
- 148 Fig. 104: Pórtico de entrada com linguagem chã e proto-barroca.
- 150 Fig. 105: Alinhamento barroco da calçada das Capuchinhas com cruzeiro.
- 150 Fig. 106: Hierarquização barroca do Toural com o chafariz.
- 150 Fig. 107: Eixo barroco com cruzeiro e fachada do Convento dos Capuchos.
- 150 Fig. 108: Eixo barroco, no campo, da feira para a igreja de N. S. da Consolação e Santos Passos.
- 152 Fig. 109: Escadaria de acesso ao terreiro.
- 154 Fig. 110: Altar barroco proveniente do Convento de Santa-Clara em Guimarães.
- 156 Fig. 111: Paineiro de azulejo na capela-mor da igreja do Convento das Capuchinhas.
- 156 Fig. 112: Fonte com volutas e cruzeiro, localizada a sudoeste do complexo.

- 156 Fig. 113: Fonte com elementos fitomórficos encastrada na fachada noroeste.
- 156 Fig. 114: Cruzeiro no centro do terreiro.
- 156 Fig. 115: Fonte com pequenos relevos que marca o pátio sudoeste.
- 160 Fig. 116: Avenida D. João IV.
- 160 Fig. 117: Indústria localizada na propriedade entre o Convento de Madre Deus e a igreja de N. S. da Consolação e Santos Passos.
- 164 Fig. 118: Planta do Mosteiro da Assunção em Faro s/escala (SIPA Monumentos).
- 164 Fig. 119: Planta do Mosteiro de Jesus em Setúbal s/escala (SIPA Monumentos).
- 164 Fig. 120: Planta do Mosteiro de N. S. da Quietação em Lisboa s/escala (SIPA Monumentos).
- 164 Fig. 121: Planta do Mosteiro de Madre Deus em Lisboa s/escala (SIPA Monumentos).
- 166 Fig. 122: Interior da igreja Mosteiro de N. S. da Quietação em Lisboa (SIPA Monumentos).
- 166 Fig. 123: Coro-alto da igreja do Mosteiro de N. S. da Quietação em Lisboa (SIPA Monumentos).
- 166 Fig. 124: Painéis de azulejo no Mosteiro de Madre Deus em Lisboa (SIPA Monumentos).
- 166 Fig. 125: Coro-alto da igreja do Mosteiro de Santa Helena em Évora (SIPA Monumentos).
- 168 Fig. 126: Fotografia aérea da cidade de Guimarães com alinhamentos das igrejas (a cor as igrejas que procuram a igreja de N. S. da Oliveira como referência).
- 170 Fig. 127: Planta do Convento dos Capuchos em Guimarães s/escala (Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, Ana Almeida, Aurora Fernandes, Catarina Ferreira, João Sousa).
- 170 Fig. 128: Planta do Convento das Dominicais em Guimarães s/escala (Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, Ana Amorim, Bruno Fernandes, Diana Soares, Sérgio Neves).
- 170 Fig. 129: Secção da igreja do Convento do Carmo em Guimarães (Escola de Arquitetura da Universidade do Minho, Ana Alves, João Vieira, Henrique Bivar, Pedro Santos).

Nota: Todas as imagens não referenciadas foram produzidas pelo autor no âmbito da investigação.

Anexo I

Fotos de Maquete 1:100

